

Há muito que se vêm pedindo instantaneamente medidas de protecção do conjunto patrimonial da Serra de Arábida e seus contrafortes, por forma a defender a extraordinária beleza da região, as suas tradições históricas e culturais e a riqueza única do seu coberto vegetal e de alguns aspectos de sua fauna. Região periclitada pela ~~se~~ amplitude do clima, pela transparência dos seus aços marinhos e pela ~~total~~ outona celestia proximidade de Lisboa, é lóte a riquíssima de monumentos e aspectos de paisagem humanizada, tanto como de aspectos naturais. A uns e outros se encontram abundantes referências bibliográficas.

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

Construção do pensamento teórico em
arquitetura paisagista

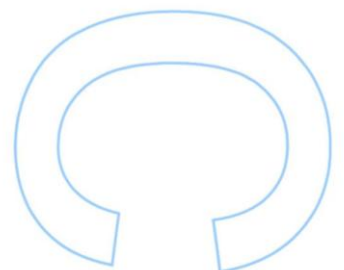
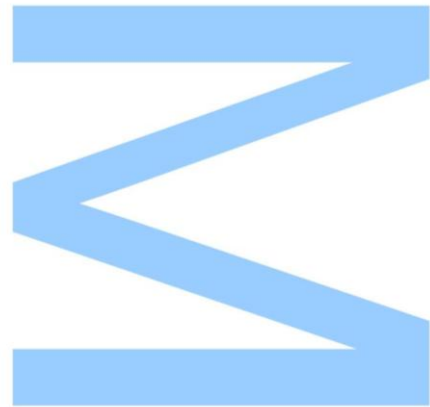
Mariana Abranches Pinto

Mestrado de Arquitetura Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
2014

Orientador

Maria Teresa Andresen, Professora Doutora
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

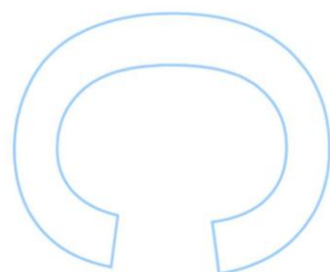
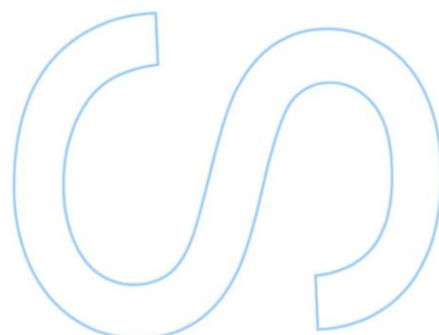
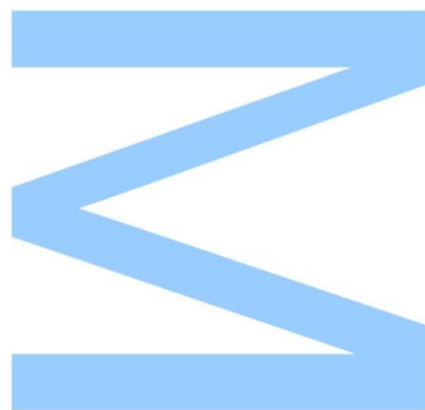




Todas as correções determinadas pelo júri, e só essas, foram efetuadas.

O Presidente do Júri,

Porto, ____ / ____ / ____



AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Teresa Andresen, por todo o seu apoio e amizade. Por me desafiar e por ser um exemplo para mim.

Embora apenas tenha estado pessoalmente com o Sr Dr António Caldeira Cabral uma vez, não posso deixar de na sua pessoa, congratular os descendentes do Professor Francisco Caldeira Cabral, pelo esforço em manter vivo para a arquitetura paisagista portuguesa o pensamento de seu Pai conservando o seu arquivo pessoal. Crendo ir ao encontro da sua vontade, registo o meu testemunho de longos meses de trabalho inicial de transcrição dos textos e confirmo a importância de se prosseguir na divulgação deste legado tornando-o assim acessível a muitos outros investigadores.

Ao Filipe, à Nini e ao Quico por serem a melhor família do mundo. A toda a restante família e amigos, e ao João em especial.

À vida por ser tão aliciante e por valer tanto a pena viver! Viva a vida!

RESUMO

Esta dissertação é uma investigação sobre uma parte do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral (1908-92), constituído por 146 textos acedidos através de arquivos e de textos já publicados. Verifica-se que textos relevantes para a *praxis* e teoria da arquitetura paisagista não estão acessíveis. Com a presente dissertação, realizamos um inventário crítico que, de forma objetiva e seletiva, pode abrir portas para a divulgação desta parte do legado. Para além da caracterização e análise dos textos, quanto à forma e quanto ao conteúdo, propôs-se uma sistematização dos textos por quatro áreas temáticas representativas dos âmbitos de estudo do legado escrito e uma proposta de seleção dos textos identificados como mais significativos e representativos das ideias centrais contidas em cada temática, que denominámos de ideias mestras. Concluímos que o legado escrito de Francisco Caldeira Cabral é composto por trabalhos escritos muito diversos, de grande atualidade, com uma visão humanista e universal, representativos do despertar da consciência para a conservação da natureza e defesa da paisagem, repetitivos nos seus conteúdos e de importância fundacional para a arquitetura paisagista.

Palavras-chave: Francisco Caldeira Cabral, legado escrito, arquitectura paisagista, divulgação.

ABSTRACT

This dissertation is an investigation of a part of the writing legacy of Francisco Caldeira Cabral (1908-92), consisting of 146 texts accessed through files and texts ever published. It appears that relevant texts to the praxis and theory of landscape architecture are not accessible. With the present an investigation we perform a critical inventory of objective and selectively can open doors to the disclosure of this part of the legacy. In addition to the characterization and analysis of texts, in form and in substance, it was proposed a systematization of texts by four thematic areas representing the fields of study of the written legacy and a proposal for selection of texts identified as the most significant and representative of central ideas contained in each issue, which we have labeled the key ideas. We conclude that the written legacy of Francisco Caldeira Cabral is composed of very diverse texts, highly relevant, with a humanistic and universal vision, representative of the awakening of awareness for nature conservation and landscape protection, repetitive in their content and importance foundational for landscape architecture

Keywords: Francisco Caldeira Cabral, written legacy, landscape architecture, disclosure.

Lista de figuras

Figura 1.1 – Capas dos dois livros da autoria de Francisco Caldeira Cabral.....	1
Figura 1.2 – Francisco Caldeira Cabral.....	4
Figura 2.1 – Capas de revistas Agros.....	14
Figura 2.2 – Capas de publicações onde se identificaram textos de Francisco Caldeira Cabral....	15
Figura 2.3 - Imagens das capas do trabalho de fim de curso de agronomia (texto 1, 1932) e do tirocínio (texto 3, 1936).....	16
Figura 2.4 - “A Madeira e a sua paisagem” (texto 22, sd) e “A biomassa fonte de energia renovável” (texto 141, 1989)	16
Figura 2.5 – “O mecanismo da erosão” (texto 27,1949) e “Trabalhos a apresentar pelos alunos” (texto 37, sd).....	17
Figura 2.6 – “1ª Lição de Arquitectura Paisagista – A árvore como elemento da paisagem” (texto 18, 1943).....	17
Figura 2.7 - “Os Jardins históricos e a importância da sua conservação” (texto 137, 1988) e “The Landscape Architects Approach to Design” (texto 97, sd).....	18
Figura 2.8 – “1ª Lição do Curso de Arquitectura paisagista” (texto 20, sd) e “O Turismo e Paisagem” (texto 146, 1990)	18
Figura 2.9 – “A paisagem e a conservação das espécies - o papel do Zoo na difusão dos conceitos fundamentais (texto 121, 1977)	19
Figura 2.10 – “Sem título” (texto 10, sd) e “Protecção à Natureza - Que Natureza?” (texto 136, 1988).	19
Figura 2.11 - “O Recreio nos arredores de Lisboa - possibilidades e problemas” (texto 111, 1970).....	20
Figura 2.12 – Assinatura de Francisco Caldeira Cabral.....	21
Figura 2.13 – Fotografias dos arquivos fotográficos do ISA.....	22
Figura 2.14 – Imagem de uma carta escrita por Francisco Caldeira Cabral a 22 Abril de 1943	22
Figura 2.15 – “Sistematização e classificação da paisagem rural” (texto122, 1978).....	23
Figura 2.16 – “Transformation du paysage” (texto122, 1979) e “Construção de jardins” (texto 88, 1963).....	24
Figura 2.17 – “Paisagem do Alentejo algumas sugestões” (texto108, 1969).....	24
Figura 3.1 – Legenda das cores utilizadas nos anexos II e III.....	29

Lista de quadros

Quadro 2.1 – Origem da identificação dos textos inventariados: localização e número	8
Quadro 2.2 – Exemplificação do processo de inventário e caracterização	9
Quadro 2.3 – Exemplificação do processo de resumos dos textos e identificação da sobreposição de conteúdos	9
Quadro 2.4 – Distribuição dos textos por ano.....	11
Quadro 2.5 – Textos publicados	11
Quadro 2.6 – Número de páginas.....	21
Quadro 2.7 – Estado das imagens existentes em 37 textos.....	23
Quadro 2.8 – Razão da escrita do texto.....	25
Quadro 3.1 – Estrutura organizativa dos textos por Francisco Caldeira Cabral e por António Caldeira Cabral.....	26
Quadro 3.2 – Estrutura organizativa proposta no âmbito da presente tese	28
Quadro 3.3 – Textos sem interesse para divulgação no âmbito da presente dissertação (ou no âmbito da arquitectura paisagista).....	30
Quadro 3.4 - Tema 1 - Arquitectura Paisagista - Ensino e Profissão.....	32
Quadro 3.5 - Tema 2 – O ordenamento e o equilíbrio da paisagem.....	34
Quadro 3.6 - Tema 3 – A conservação da natureza e a defesa da paisagem.....	37
Quadro 3.7 – Tema 4 - A arte dos jardins	38
Quadro 3.8 - Os 32 textos seleccionados como mais representativos e significativos	57

Siglas e acrónimos

AP – Arquitetura paisagista

APAP – Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas

CEAP – Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista

CLAP – Curso livre de Arquitetura Paisagista

CN – *Continuum naturale*

FCC – Francisco Caldeira Cabral

ISA – Instituto Superior de Agronomia

IFLA – International Federation of Landscape Architects

Lx - Lisboa

sd- Sem data

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1.1 Tema e pertinência da dissertação	1
1.2 Objetivo	2
1.3 Metodologia de investigação	3
1.4 Francisco Caldeira Cabral – Breve nota biográfica	3
1.5 Estrutura da dissertação	6
2. INVENTÁRIO E CARACTERIZAÇÃO DO LEGADO ESCRITO	8
2.1 Inventário	8
2.2 Caracterização e análise do legado	9
2.3 Síntese	25
3. PROPOSTA DE SISTEMATIZAÇÃO TEMÁTICA	26
3.1 Introdução	26
3.2 Áreas de estudo do legado escrito	30
3.2.1 Tema 1 – Arquitetura paisagista – ensino e profissão	30
3.2.2 Tema 2 – O ordenamento e o equilíbrio da paisagem	33
3.2.3 Tema 3 – A conservação da natureza e a defesa da paisagem	36
3.2.4 Tema 4 – A arte dos jardins	38
3.2.5 Síntese	39
3.3 Ideias mestras do legado e selecção de textos mais representativos	40
3.3.1 a) Arquitetura paisagista – O ensino	40
3.3.1 b) Arquitetura paisagista – A profissão	44
3.3.2 a) Os elementos da paisagem	46
3.3.2 b) O ordenamento da paisagem	47
3.3.2 c) Problemas de intervenção na paisagem	49
3.3.3 a) A conservação da natureza e dos recursos naturais	51
3.3.3 b) A defesa da paisagem rural	53
3.3.4 A arte dos jardins	54
3.3.5 Síntese	56
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
Referências bibliográficas	62

1. Introdução

1.1 Tema e pertinência da dissertação

Esta dissertação apresenta uma proposta de sistematização de parte do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral (1908-92) visto como uma fonte de informação determinante para a compreensão do pensamento daquele que é considerado o fundador da arquitetura paisagista em Portugal. Francisco Caldeira Cabral foi o primeiro arquiteto paisagista português, afirmando-se como uma figura de referência, em termos mundiais, no ensino, na prática e na atividade associativa.

No âmbito da arquitetura paisagista Francisco Caldeira Cabral publicou dois livros: o primeiro, em 1960, com Gonçalo Ribeiro Telles - *A Árvore*; e o segundo - *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* – com 1ª edição em 1993, já depois da sua morte, e que estava pensado para ser o primeiro volume de vários, onde seriam publicados os textos de, facto que nunca aconteceu (figura 1.1). O pensamento de Francisco Caldeira Cabral também pode ser conhecido não só através de várias publicações soltas como em separatas de congressos, em revistas, ou em jornais, encontrando-se assim disperso por diversas publicações de diferentes tipos e mesmo em diversas línguas.

A obra que nos deixou é multifacetada, conhecida internacionalmente e de inegável importância. Os temas sobre os quais refletiu mantêm hoje grande atualidade e interesse, não só no mundo da arquitetura paisagista, como para o público em geral.

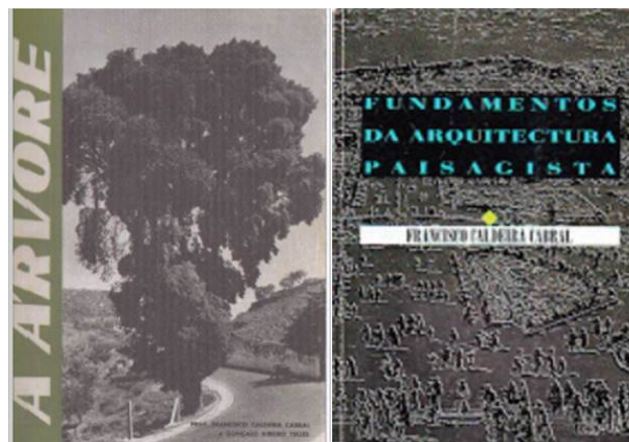


Figura 1.1 – Capas dos dois livros da autoria de Francisco Caldeira Cabral

No entanto, permanecem muitos textos escritos por divulgar e que se encontram em arquivos privados. É precisamente sobre estes textos que se debruça esta dissertação,

sendo certo que não pretendemos ser exaustivos pois tal seria impossível neste âmbito. Nomeadamente as memórias descritivas dos projetos e estudos de arquitetura paisagista escapam a esta sistematização correspondendo a um trabalho futuro e complementar deste contributo que agora apresentamos. Também é conhecida a existência de correspondência vária que reclama um tratamento de outra natureza.

Estes três aspetos - obra inédita, dispersão da obra publicada e os *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* incompletos - conduzem a que textos relevantes para a praxis e teoria da arquitetura paisagista não estejam acessíveis. Com esta dissertação, naturalmente continuarão a não estar mas fica um inventário crítico com o objetivo de, de forma objetiva e seletiva, abrir portas para a divulgação desta parte do legado.

1.2 Objetivo

O objetivo desta dissertação é propor uma sistematização do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral com vista à sua divulgação, na continuidade do projeto incompleto de 1993 - os *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Pensa-se que, desta forma, poderemos contribuir para a construção do pensamento teórico escrito na emergência da arquitetura paisagista em Portugal. Estes textos serão, com certeza, importantes para a investigação científica e para o conhecimento do público em geral.

Esta dissertação tem por objeto um conjunto de textos recolhidos e organizados por António Caldeira Cabral, filho de Francisco Caldeira Cabral, cedidos a Teresa Andresen para avaliação de uma possível publicação, na continuação de *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* (1993). Por outro lado, Teresa Andresen - orientadora desta dissertação - tinha vindo também a reunir textos vários no âmbito de outros projetos de investigação. Segundo Teresa Andresen, já António Caldeira Cabral considerava que os textos publicados de *per si* careciam de uma revisão sensível à circunstância dos textos (lição, palestra, discurso inaugural, documento de trabalho, artigo para publicação, etc). Efetivamente, e como é natural na atividade de um professor os textos revelam sobreposição de temas que se publicados na sua totalidade tornam a sua leitura desinteressante o que contradiz o valor dos conteúdos. O legado objeto desta investigação é assim constituído pelos textos destes dois arquivos e os textos já publicados e dispersos. Os textos analisados, num total de 146, encontram-se caracterizados em três anexos a esta dissertação.

1.3 Metodologia de investigação

A metodologia de investigação constou de três passos sequenciais:

a) Levantamento e leitura da obra escrita

Nesta parte do trabalho os textos acedidos do arquivo Teresa Andresen/António Caldeira Cabral foram reunidos, digitalizados e transcritos. De seguida, procedeu-se a uma primeira leitura anotada dos textos, que se alargou à obra já publicada.

b) Análise e caracterização da obra escrita

Depois da fase anterior, procedeu-se à análise e caracterização dos textos. Foram construídas tabelas contendo a listagem dos textos caracterizados por um conjunto de vários descritores.

c) Propostas de sistematização da obra escrita para eventual divulgação

Numa terceira fase, e à semelhança do que Francisco Caldeira Cabral fez em *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* (1993), procedeu-se à proposta de sistematização dos textos por quatro áreas temáticas representativas dos âmbitos de estudo do legado escrito e uma proposta de seleção dos textos identificados como mais significativos e representativos das ideias centrais contidas em cada temática, que denominámos de ideias mestras.

1.4 Francisco Caldeira Cabral – Breve nota biográfica

O estudo da sua obra foi aprofundado por Teresa Andresen, destacando-se a Monografia publicada pelo Landscape Design Trust (2001)¹ e a exposição e edição do respetivo catálogo *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas 1940-1970*, realizada na Fundação Calouste Gulbenkian em 2003². Este evento, foi um dos momentos marcantes da história recente da arquitetura paisagista, onde se prestou homenagem a Francisco Caldeira Cabral e pôde-se dar a conhecer, a um número elevado de pessoas, a importância e repercussão da sua obra.

Outros documentos escritos sobre este arquiteto paisagista foram: *Francisco Caldeira Cabral Memórias do mestre no centenário do seu nascimento* (AA.VV, 2009), a tese de licenciatura de Gabriela Braz Lopes - *Francisco Caldeira Cabral - 1º Arquitecto paisagista Português*, da Universidade de Évora em 1998, e *Prof. Francisco Caldeira Cabral 1908-*

¹ ANDRESEN, Teresa; *Francisco Caldeira Cabral*, Surrey, UK, Landscape Design Trust Monograph Series, 2001.

² Comissariada por Teresa Andresen

1992, editado em 2008 pela Comissão Municipal de Toponímia da Câmara Municipal de Lisboa.

O sitio criado na altura das comemorações do centenário do nascimento de Francisco Caldeira Cabral é também uma fonte de informação importante. (<http://proffranciscocaldeiracabral.portaldojardim.com/>).



Figura 1.2 – Francisco Caldeira Cabral

Caldeira Cabral nasceu em Lisboa a 26 de Outubro de 1908 e morreu em Coimbra a 10 de Novembro de 1992. Engenheiro agrónomo pelo Instituto Superior de Agronomia (1936) e arquiteto paisagista pela Technische Hochschule Berlin-Charlottenburg (1939), onde foi bolseiro do Instituto da Alta Cultura, iniciou, no Instituto Superior de Agronomia, em 1940, o ensino da arquitetura paisagista em Portugal, tendo aí exercido a docência até 1975. O curso primeiro tomou a forma de curso experimental e, em 1942, tornou-se num curso livre e, em 1981, afirmou-se como licenciatura (Andresen, 2001). Também neste Instituto criou, em 1953, o Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista (CEAP) que foi de importância capital para a afirmação da nova profissão no país e para a obtenção do reconhecimento internacional.

Foi membro do Conselho Nacional de Educação entre 1965 a 1977 e exerceu, entre 1951 e 1981, a sua atividade de professor em vários cursos no estrangeiro: Estados Unidos da América, Inglaterra, Japão, Alemanha e Espanha. Em Évora, viria a leccionar de 1979 a 1982. Foi nomeado Doutor *Honoris Causa* pela University of Hannover (1971) e pela

Universidade de Évora (1980). Foi distinguido com a medalha de bronze do concurso internacional *Platen und Blomen* em Hamburgo em 1963. Recebeu o Prémio da Fundação Schumacher, em 1965, pelo seu desempenho na área ordenamento da paisagem (<http://proffranciscocaldeiracabral.portaldojardim.com/>).

Foi vice-presidente da Federação Internacional dos Arquitetos Paisagistas (IFLA) entre 1960 e 1962, e presidente entre 1962 e 1966 (o 5º presidente da IFLA), e depois continuou uma intensa atividade internacional ligada à federação como *past president* (Agnostopoulos et al, 2000). Desempenhou um papel muito importante sobretudo no reconhecimento internacional da profissão e na definição do currículo universitário. A IFLA tinha sido criada em Inglaterra em 1948, e os primeiros contactos de Francisco Caldeira Cabral com esta federação decorreram em 1950, tendo-se tornado membro individual em 1951, enquanto Portugal, através do Centro de Estudos, tornou-se membro em 1957. Participou nos seguintes congressos internacionais da IFLA: Estocolmo (1952); Zurique (1956), no qual organizou a participação portuguesa na Exposição Itinerante, que em 1957 trouxe a Lisboa; Amesterdão (1960), onde foi relator da Secção de Ensino da Arquitetura Paisagista; Israel (1962), onde foi eleito presidente; Tóquio (1964), onde foi reeleito presidente, Estugarda (1966); e Lisboa (1970) (Andresen, 2001).

Foi membro fundador da Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas, criada em 1975 e presidente entre 1987 a 1989 (www.apap.pt).

Francisco Caldeira Cabral foi um dos pioneiros da luta pela defesa do ambiente em Portugal. Foi presidente da Liga para a Proteção da Natureza no biénio de 1951-52 e vice-presidente de 1953 a 1954 (www.lpn.pt). Esteve bastante envolvido na Comissão de Proteção da Natureza da Sociedade de Geografia de Lisboa, criada em 1952, tendo a partir de 1955 presidido a essa mesma comissão até 1973 ano da sua cessação (<http://socgeografialisboa.pt>). Neste âmbito, numa conferência, em 1963, propôs a criação em Portugal de um sistema de Parques e Reservas e, de imediato, a criação do Parque Nacional do Gerês (<http://proffranciscocaldeiracabral.portaldojardim.com/>).

Exerceu atividade como profissional liberal desde 1940 até à sua morte, em áreas como projeto de arquitetura paisagista, ordenamento e planeamento do território. Primeiro trabalhou no seu gabinete da rua do Salitre e, mais tarde, a partir de 1974, já com o seu filho João Caldeira Cabral e outros associados, na avenida da Liberdade, em Lisboa.

Os seus projetos incluíram intervenções em espaços públicos, recuperação de jardins históricos, quintas e jardins privados, projetos de desenvolvimento agrícola, e de ordenamento do território e da paisagem rural e integração paisagística de infraestruturas. Sem pretensão de sermos exaustivos, não poderemos, contudo, deixar de referir o Estádio Nacional (1938-39), a intervenção urbana no Funchal (1941-45) e a quinta da Agrela (1945-50). Também de realçar as intervenções em jardins históricos como o jardim Martins Pereira em Reguengos de Monsaraz (1947), a quinta de Sub-Serra em Alhandra (1950) e a quinta da Lameira em Portalegre (1963). Em colaboração com o arquitecto Edgar Fontes é de destacar o Parque Municipal do Montijo (1956), o projeto do espaço envolvente da Barragem de Belver (1952), a Quinta Patiño em Alcoitão (1957), jardim em Alcáçovas (1957), e a quinta dos Aciprestes em Linda-a-Velha (1956). Podemos também referir o jardim A Rocheira no Estoril (1952), As Pedras Negras em Malveira das Serra (1963), a quinta dos Pesos em Caparide (1963), a avenida Constantino Palha em Vila Franca de Xira (1954), para além do Parque das Caldas da Rainha (1949), o bairro operário para a Fábrica “A Boa Reguladora” em Famalicão (1950), a remodelação da avenida da Liberdade, em Lisboa, em colaboração com o arquiteto Ribeiro Telles (1955), o plano de urbanização de Alcácer do Sal (1943) e a quinta do Buxos na Trafaria (1964) (Andresen et al, 2003). De realçar também a sua participação no Gabinete de Estudos de Urbanização orientando os estudos de arquitetura paisagista do Plano Diretor de Lisboa (1956-60) e os planos gerais das universidades de Aveiro (1978-79) e Porto (1979). (AA.VV, 2008). Por outro lado, o início dos projetos de rega por aspersão, primeiramente na Casa Cadaval (1953) e que se estendem a África, desde a cana do açúcar, no Incomati, Moçambique (1956) ao café, nas plantações da Companhia Angolana de Agricultura (1957-58). (<http://proffranciscocaldeiracabral.portaldojardim.com/>).

O seu mérito foi publicamente reconhecido pela atribuição do grau de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública, em 1982, e da Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, em 1989.

1.5 Estrutura da dissertação

A dissertação está organizada em duas partes principais: 1) o segundo capítulo, que é relativo à inventariação e caracterização do legado escrito no que diz respeito às características dos textos, e 2) o terceiro capítulo, relativo à proposta de sistematização

temática do legado escrito. Este último divide-se em três partes: uma introdução onde são apresentadas as sistematizações já realizadas, uma segunda parte onde é apresentada a sistematização proposta em quatro áreas de estudo, e uma terceira parte onde são sintetizadas as ideias mestras de Francisco Caldeira Cabral para cada temática e é realizada uma proposta de seleção de textos considerados mais significativos e representativos dessas ideias para divulgação. Por fim, no quarto capítulo apresentam-se considerações finais. Desta dissertação constam ainda três anexos: I) origem textos inventariados, II) inventário e caracterização e III) resumos dos textos e identificação da sobreposição de conteúdos.

2. Inventário e caracterização do legado escrito

2.1 Inventário

O inventário do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral, conforme referido em 1.2, resultou da compilação de todos os textos a que tivemos acesso através do arquivo de António Caldeira Cabral e Teresa Andresen - daqui em diante designado arquivo António Caldeira Cabral/Teresa Andresen - da pesquisa bibliográfica, de consultas realizadas na Biblioteca do Instituto Superior de Agronomia e na Biblioteca Nacional. Incluíram-se também os 13 textos de *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* (1993) e o livro *A Árvore* (1960). O quadro 2.1 regista a distribuição e a origem dos textos inventariados e verifica-se que é no arquivo António Caldeira Cabral/Teresa Andresen que são identificados mais textos. No anexo I apresenta-se para cada texto a origem da sua identificação, de forma similar ao que é apresentado no quadro 2.1.

Quadro 2.1 – Origem da identificação dos textos inventariados: localização e número

Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Biblioteca do ISA	Biblioteca Nacional	Francisco Caldeira Cabral, Teresa Andresen, 2001	Francisco Caldeira Cabral Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento, 2009
135	14	10	43	27

O inventário do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral é constituído por 146 textos e a cada texto foi atribuído um número de entrada de 1 a 146. É de referir que houve 11 textos identificados a que não tivemos acesso e, por isso, a caracterização e análise que se segue refere-se a 135 textos.

Daqui para a frente vamos sempre referir-nos aos textos com a palavra textos, mas é de realçar que estamos também a incluir o livro *A Árvore* (1960) e os textos de *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* (1993) que foram aqui “separados”.

2.2 Caracterização e análise do legado

A caracterização e análise dos textos foram reunidas em tabelas apresentadas nos anexos II e III, contendo respetivamente: inventário organizado de forma cronológica e descrição das características dos textos; e síntese e revisão crítica dos textos, implicando a elaboração de um resumo dos mesmos e referência da sobreposição de conteúdos nos textos.

De seguida, apenas para exemplificação, apresenta-se análise do texto “Erosão” (texto 28), conforme o anexo II (quadro 2.2) e o anexo III (quadro 2.3), para uma melhor compreensão do que estamos a descrever.

Quadro 2.2 – Exemplificação do processo de inventário e caracterização

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
28	Erosão	sd	Não publicado	D	C	8	A4	SL	R	NA	Refere fotos, mas não temos	D	D

Quadro 2.3 – Exemplificação do processo de resumos dos textos e identificação da sobreposição de conteúdos

n.º	Título	Resumo	Sobreposição de conteúdos
28	Erosão	Explica o processo natural da erosão geológica e o processo da erosão provocada pelo homem. Descreve como ao longo do tempo isto foi decorrendo e as consequências e prejuízos da erosão. O empobrecimento e desaparecimento do solo, o problema da água. Afirma a necessidade de se estabelecer e manter o equilíbrio biofísico da paisagem. Apresenta os meios de proteção contra a erosão: físicos (armação das terras, valas, e açudes); e biológicos (povoamento florestal, faixas florestais, pastagens permanentes, enriquecimento da terra em húmus, melhoria da estrutura do solo).	14, 27

O “Título” é aquele que aparece no texto, a “Data” indica a data em que o texto foi escrito ou proferido e a data da publicação. Muitas vezes o texto não está datado e, nesses casos, assinalou-se com (sd).

A “Caracterização” dos textos tentou responder às seguintes perguntas:

- a) Tipo de texto: dactilografado (D), manuscrito (M) ou digitalizado (Di)?
- b) Cópia (C) ou original (O)?
- c) Número de páginas?
- d) Formato do papel (A4, A5, ou A6)?

- e) “Layout” da página (e de que tipo) ou sem “layout” (SL)?
- f) Texto revisto por Francisco Caldeira Cabral (R) ou não revisto (NR)
- g) Documento assinado (A) ou não assinado (NA)?
- h) Acompanhado de imagens. E são utilizáveis? (se não possui imagens assinalou-se com (SI)).
- i) Local de escrita (se desconhecido assinala-se com (D)).
- j) Razão da escrita do texto (conferência, lição, artigo, etc.)? Se desconhecida assinalou-se com (D).

O “Resumo” é uma síntese do conteúdo do texto e “sobreposição de conteúdos” é uma análise da repetição das mesmas ideias em textos diferentes. Quando há repetição de conteúdos assinalou-se o número do texto onde o mesmo conteúdo é repetido. Quando não há repetição assinalou-se com (não).

Agora iremos apresentar as conclusões e comentários resultantes do trabalho de análise e caracterização do legado escrito apresentado no anexo II, ao passo que as conclusões relativas ao anexo III serão apresentadas no capítulo 3, porque tratam de uma análise do conteúdo dos textos, o que já nos remete para as temáticas do legado.

O legado de Francisco Caldeira Cabral apresenta textos de 1932 a 1990. O primeiro texto, “Parque Nacional da Ajuda”, diz respeito ao trabalho de fim do curso de agronomia e o último texto a uma comunicação proferida no encontro da IFLA, no Porto, a 17 de Maio de 1990, com o tema “O Turismo e a paisagem”.

Verificou-se que existem 44 textos com data desconhecida, embora em alguns textos, pelo seu conteúdo, seja deduzível o ano em que foram escritos (quadro 2.4). Destacam-se pela quantidade de textos escritos os anos 1943, 1950, 1955, 1962 e 1963, com 6 ou 7 textos em cada um desses anos, sendo que os anos 60 correspondem à sua actividade na IFLA.

Quadro 2.4 – Distribuição dos textos por ano*

Ano	N.º	Ano	N.º	Ano	N.º	Ano	N.º	Ano	N.º
1932	1	1948	1	1958	1	1966	2	1979	2
1936	2	1949	2	1961	1	1970	1	1987	1
1940	3	1950	6	1962	6	1971	3	1988	4
1941	2	1954	1	1963	7	1973	2	1989	4
1942	1	1955	6	1964	3	1977	2	1990	1
1943	6	1956	3	1965	1	1978	4	sd	44
1944	2	1958	1	1967	3	1980	4		
1945	1	1959	1	1968	3	1983	1		
1946	1	1960	3	1969	2	1984	1		

* Nos textos publicados e que contam mais de uma edição, registou-se apenas o primeiro ano de publicação.

Da totalidade dos textos em estudo, 48 textos estão publicados, dos quais 11 em publicações estrangeiras (quadro 2.5). Contam-se, assim, 98 textos não publicados. Nesta listagem estamos a contar com os 11 textos não acedidos porque tivemos informação sobre a sua publicação ou não.

Quadro 2.5 – Textos publicados

nº	Título	Publicação
2	As coníferas - Breve estudo dos seus géneros de maior interesse silvícola e ornamental	Boletim Agros, Ano XIX N.º 2, Março-Abril, 1936, pp. 64-77; Boletim Agros, Ano XIX N.º 3, Maio-Junho, 1936, pp. 111-132
5	Jardins	Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1940, 16p; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 75-86
6	A estrada e a paisagem	Revista Agronómica 38 (3), 1940, pp. 209-228; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 137-154
7	Alguns aspectos da vegetação das matas	Agros, Ano XXIII, Maio/Junho 1940, n.º3, pp. 96 a 101
8	As flores e o jardim	Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 87-114
13	Arquitectura paisagista	Conferências realizadas no ano lectivo de 1942/43, Universidade Técnica de Lisboa, 1943; incluída na Separata «Arquitectura Paisagista»; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 115-128
14	A erosão e a paisagem	Separata de conferências realizadas no ano lectivo de 1942-1943, 37 p.; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 155-178
15	Jardins de Portugal	Panorama n.º 15/16, Julho 1943; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 115-128
16	Zonagem sob o ponto de vista paisagístico	Separata dos anais do Instituto Superior de Agronomia, Vol. XIV, 11 pp., 1943; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 179-189
17	Em defesa da paisagem continental - Jardins de Portugal/ Jardins Portugueses	Panorama n.º 15/16, Julho 1943; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 129-134
30	O vento e a paisagem	Arado n.º 12 (122), 1-3, 1ª Série

nº	Título	Publicação
31	O conceito de arquitectura paisagista	Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 37-44
39	Cultura geral e especialização - aspectos relativos à profissão agrónómica	1954 *
40	Curso livre de Arquitectura Paisagista, Centro de estudos	Boletim Agros Ano XXXVIII, n.º 3-6, Maio-Dezembro, 1955, pp. 357-360
47	Protecção à Natureza e arquitectura Paisagista	Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa- Abril/Junho 1956, Série 74.ª- n.º 4-6, pp. 151-161
48	A missão do Arquitecto Paisagista	Agros, ano XL, nº2, Março/Abril, 1957, pp. 59-68; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 45-53
53	O equilíbrio da paisagem	Diário ilustrado, 1958 *
71	A Árvore	Com Gonçalo Ribeiro Telles, Centro de Estudos do Urbanismo do Ministério das Obras Públicas, em colaboração com Centro de Estudos de AP do ISA, 1960, Lisboa. Reeditado Assírio e Alvim, 1999, 2005, Lisboa.
72	A Formação do Arquitecto Paisagista	"Space for Living"(Amsterdam papers), IFLA Djambatan - Publishers and Cartographers, Amsterdam, 1962
75	O ensino agrícola	Rumo, vol. 54, 1961, pp. 100-107
81	Vom Gartenarchitekten zum Landschaftsarchitekten: die Ausweitung des Berufes	Garten und Landschaft, 72 JHGR, 1962
82	O projecto da paisagem multifacetada	"The manifold landscape design" - Shaping tomorrow's Landscape, IFLA Djambattan, Amesterdão, 1964; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 191-197
83	O futuro da Arquitectura Paisagista	Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp. 65-71
84	História da arte dos jardins: O Egipto	Agros, Ano 45, Nov-Dez, n.º 6, 1962, pp. 289-291
88	Construção de jardins	Agros, Ano 46, Jan-Fev. n.º 1, 1963, pp. 55-59, Lisboa; Agros Ano 46, n.º 2, 1963, pp. 151-156, Lisboa
89	Neue Industrie in bewohnte Landschaft	Actas do congresso regional de Rheydt, 1963
90	"The landscape architect's approach to design"	Landskab, 1963 *
93	Nova concepção de uma exploração florestal próxima da natureza no domínio da durilignosa	Separata "Festschrift für Heinrich Friedrich Wiepking - Verlag Eugen Ulmer", Stuttgart, 1962; Tradução portuguesa na revista Agros, n.49 (5-6), Set/Dez., 1966, pp. 217-218
99	Paisagem Portuguesa: origem e evolução	Revista Arquitectura n.º 100, Nov.Dez.1967, pp. 234-237
100	Conversa sobre Arquitectura Paisagista	Journal of the Institute of Landscape Architects, n.º 75, August 1966; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pp.55-63
104	A paisagem como expressão de cultura	Brotéria, Vol. LXXXIV, n.4, Abril, 1967, pp.442-452
106	Das Wasser in der Portugiesischen Landschaften Garten und Landschaft	Garten und Landschaft, 1968 (*)
109	O ensino agrário elementar e médio	Separata 1º Congresso dos Engenheiros Agrónomos e dos Engenheiros Silvicultores, 1969, Nova Lisboa, Angola

nº	Título	Publicação
111	O Recreio nos arredores de Lisboa - possibilidades e problemas	Furnaturschutz und Landschaftspflege n.º 19, 1970, pp. 50-53
112	Protecção da Natureza e da Paisagem	Arquitectura, n.º 121-122, Lisboa, 1971, pp.119-121
113	A evolução da agricultura	Revista "Observador", Novembro de 1971
115	Parque Nacional da Arrábida nos concelhos de Setúbal e Palmela	Protecção da Natureza, Nova Série, n.º 12-13, Editor Liga para a Protecção da Natureza, Lisboa, 1971-1972
120	La problemática paisajística en el planeamiento regional y urbano	*
121	A conservação da natureza no planeamento biofísico do território	Natureza e Paisagem n.º4, Ed. SNPRPP, 1978, Lisboa.
123	Simpósio do Parque Natural da Serra da Estrela	1978 *
126	Transformation du paysage	Naturopa, n.º33, pp. 4-6, Editor Centre Européen d'Information pour la Conservation de la Nature, Strasbourg, 1979
127	Um parque natural na Serra da Estrela	Notícias de Gouveia, s/número, s/data *
130	O Continuum Naturale e a conservação da natureza	Serviço de Estudos de Ambiente 1980 - recolha das comunicações proferidas durante o 1º Seminário sobre Conservação da Natureza; republicação em 1982 *
132	Manual de microclimatologia: o clima da camada de ar junto ao solo, Rudolf Geiger	Fundação Calouste Gulbenkian, 556, [85] pp.1980. Tem uma 2ª edição em 1990
134	A profissão do arquitecto paisagista sua evolução em Portugal	Boletim nº 0 da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas; Reeditado em 2003, no catálogo da Exposição "Do estádio nacional ao jardim Gulbenkian", pp. 16-17
140	Sintra, Património Cultural e Natural	Associação de Defesa do Património, Sintra 1989 (onde foi acrescentado um anexo de Idalina Bordalo com lista de quintas, palácios e valores culturais de Sintra)
141	A biomassa fonte de energia renovável	Suplemento Semanário Económico, Setembro 1989, pp. 155-159
144	Industrialização e desenvolvimento: salvaguarda e promoção dos meios rurais	*

*Textos onde há alguma dúvida sobre a informação recolhida (ver anexo II)

É de realçar que, na primeira publicação na revista *Agros*, em 1936, Francisco Caldeira Cabral ainda era estudante do 5º ano do curso de agronomia. É nesta revista da Associação de Estudantes de Agronomia do ISA, que encontramos o maior número de textos publicados: 7 (figura 2.1).



Figura 2.1 – Capas de revistas Agros

Destacamos o Boletim da Sociedade de Geografia série 74 – n.º 4 e 6, de 1956, onde o nome de Francisco Caldeira Cabral com o artigo “Protecção à Natureza e Arquitectura Paisagista” aparece junto a nomes como Ezequiel Campos, Orlando Ribeiro e Oliveira Salazar.



Figura 2.2 – Capas de publicações onde se identificaram textos de Francisco Caldeira Cabral

Para a caracterização dos textos verificámos, relativamente ao tipo de texto (alínea a), a existência de 91 textos dactilografados, 25 manuscritos, 5 digitalizados e 1 texto dactilografado e manuscrito. Para além destes, existem os 13 textos do *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* e *A Árvore*. Dos textos manuscritos e dactilografados rasurados, surgiram algumas dúvidas de calígrafa, mas que não comprometeram o entendimento da frase. Dos arquivos constam apenas 2 textos originais, sendo os restantes 119 cópias. De seguida, apresentam-se algumas imagens dos textos, para um melhor entendimento do legado escrito.

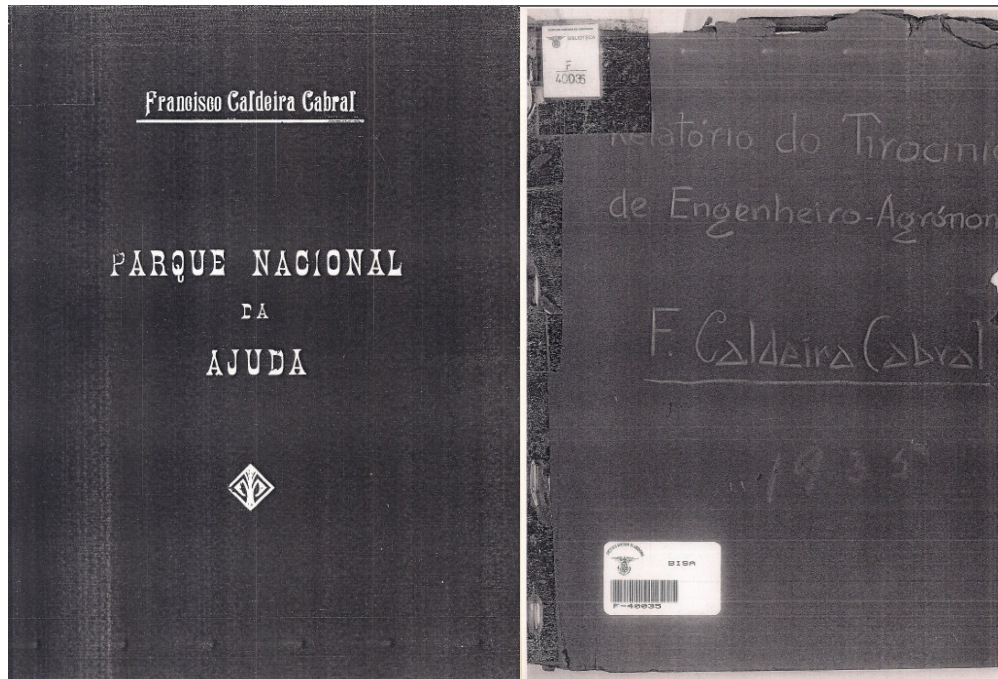


Figura 2.3 - Imagens das capas do trabalho de fim de curso de agronomia (texto 1, 1932) e do tirocínio (texto 3, 1936)

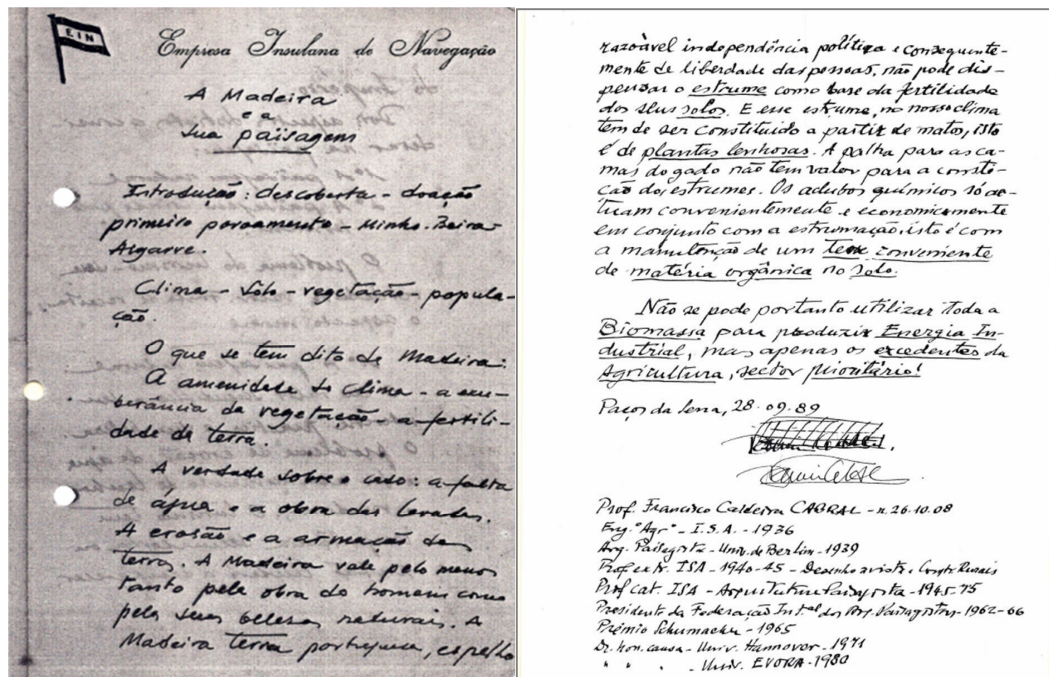


Figura 2.4 - "A Madeira e a sua paisagem" (texto 22, sd) e "A biomassa fonte de energia renovável" (texto 141, 1989)

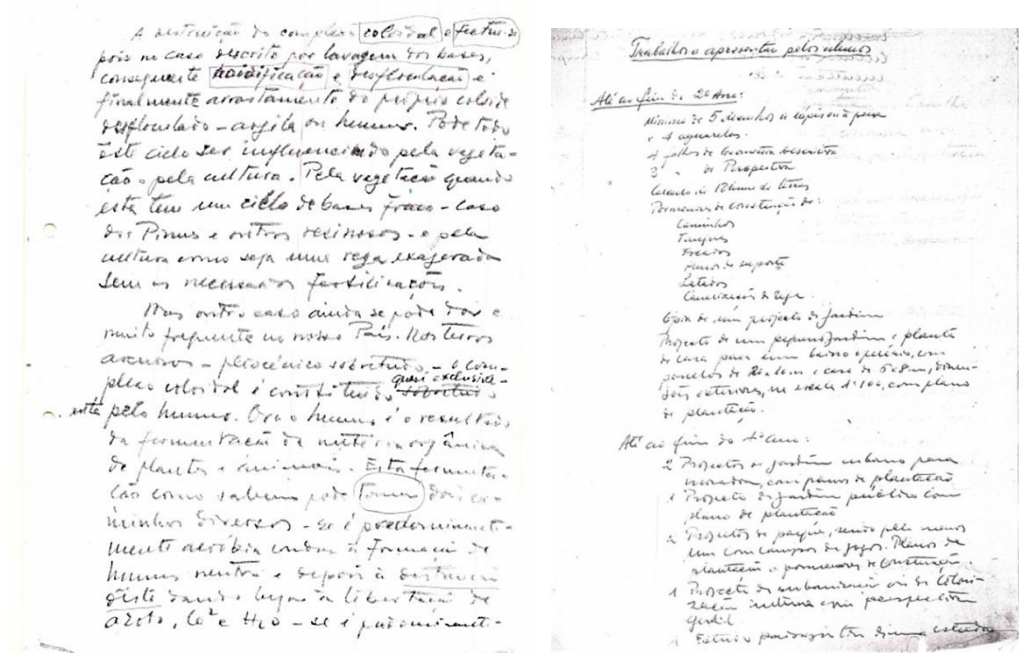


Figura 2.5 – “O mecanismo da erosão” (texto 27, 1949) e “Trabalhos a apresentar pelos alunos” (texto 37, sd)

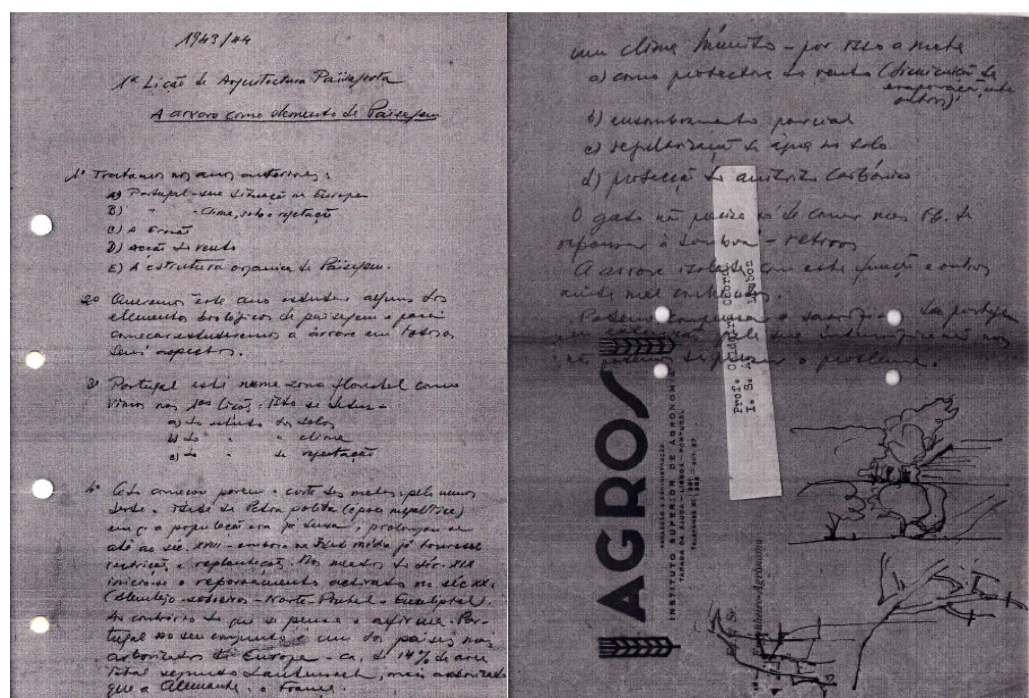


Figura 2.6 – “1ª Lição de Arquitectura Paisagista – A árvore como elemento da paisagem” (texto 18, 1943)

- Finalmente que a parca-faz
Compreender que a substituição
desta brouca vai ser dependente
também de variáveis estacionais,
na parca-faz - ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
contém o ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
to e complexos em espécies.

- Portanto que com excussões republi-
cadas nos cursos de água

- Que para manter um povoamento
florestal

- Mas não pode ser preparado para
um brouca que não podemos
conservar em cativeiro, se não
for constantemente alimentado
pelos frutos perenes, não
a 17h de ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
em tot - a variabilidade ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~

é a divulgação de conceitos funda-
mentais para a ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~

- Julgamos que os ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
contêm:

- O ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
de espécies - ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
animal que ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~

- A ^{antes} ~~antes ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
do ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~~~

- A ^{antes} ~~antes ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
ecossistema ^{antes} ~~antes ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~~~~~

- O ^{antes} ~~antes ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
espécies ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~~~

- Porque um ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
para se ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~

- ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~

- Finalmente que a parca-faz
Compreender que a substituição
desta brouca vai ser dependente
também de variáveis estacionais,
na parca-faz - ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
contém o ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
to e complexos em espécies.

- Portanto que com excussões republi-
cadas nos cursos de água

- Que para manter um povoamento
florestal

- Mas não pode ser preparado para
um brouca que não podemos
conservar em cativeiro, se não
for constantemente alimentado
pelos frutos perenes, não
a 17h de ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~
em tot - a variabilidade ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~ ^{antes} ~~antes~~

Figura 2.9 – “A paisagem e a conservação das espécies - o papel do Zoo na difusão dos conceitos fundamentais (texto 121, 1977)

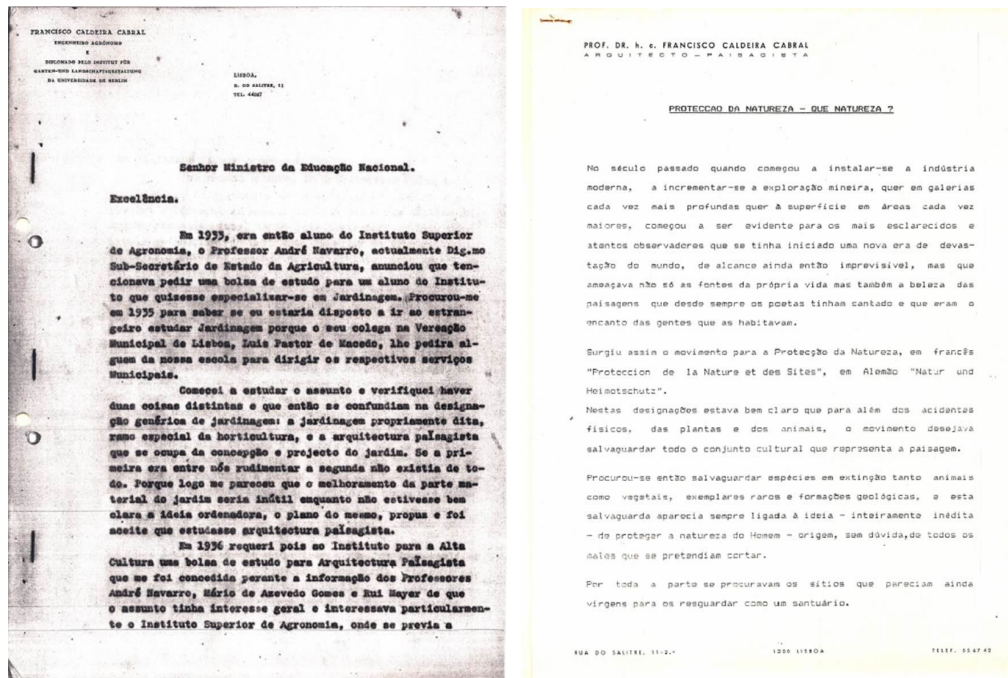


Figura 2.10 – “Sem título” (texto 10, sd) e “Protecção à Natureza - Que Natureza?” (texto 136, 1988).

Estudos (2 textos), e por último um texto escrito nas folhas da Empresa Insulana de Navegação (ver figuras).

Quadro 2.6 – Número de páginas *

N.º de páginas	N.º de textos
Entre 1 e 5	65
Entre 6 e 10	42
Entre 11 e 15	10
Entre 16 e 20	5
Entre 21 e 25	4
Entre 26 e 30	1
Entre 31 e 35	1
Entre 36 e 40	2
Entre 41 e 50	0
Com 63	1
Com 64	1
Com 70	1
Com 104	1

*Não considerámos neste quadro “A Árvore” (1960) com 203 páginas.

A maioria dos textos foi revista por Francisco Caldeira Cabral (68 textos). Apenas 8 textos se encontram assinados e dois deles como presidente da Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas. Em relação à língua da escrita é de referir que os textos do legado foram escritos em português, espanhol, francês e alemão. A maioria já está traduzida para português, restando apenas três textos por traduzir.

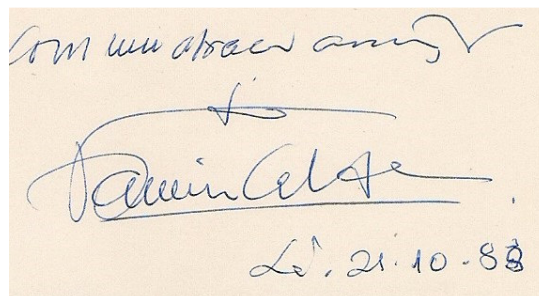


Figura 2.12 – Assinatura de Francisco Caldeira Cabral

Quanto às imagens, verifica-se que 98 textos não têm imagens e 37 têm imagens. Destes últimos, relativamente a 14 textos não chegámos a ter acesso às imagens, pois encontram-se desaparecidas. Este facto, na grande maioria dos textos, não perturba a sua compreensão. Podemos referir o exemplo do texto n.º 91, “Parques Nacionais”, onde são referidos 46 diapositivos recolhidos na viagem, em 1962, aos Parques Nacionais

Americanos, e aos quais não tivemos acesso. Haveria que, para além da investigação que aqui se apresenta, consultar os arquivos do ISA, na seção autónoma de Arquitectura Paisagista, nomeadamente os arquivos fotográficos (figura 2.13). Outros documentos relevantes são os relatórios de viagens - conforme alguns que já estão parcialmente publicados (AA VV, 2003) e a correspondência.



Figura 2.13 – Fotografias dos arquivos fotográficos do ISA

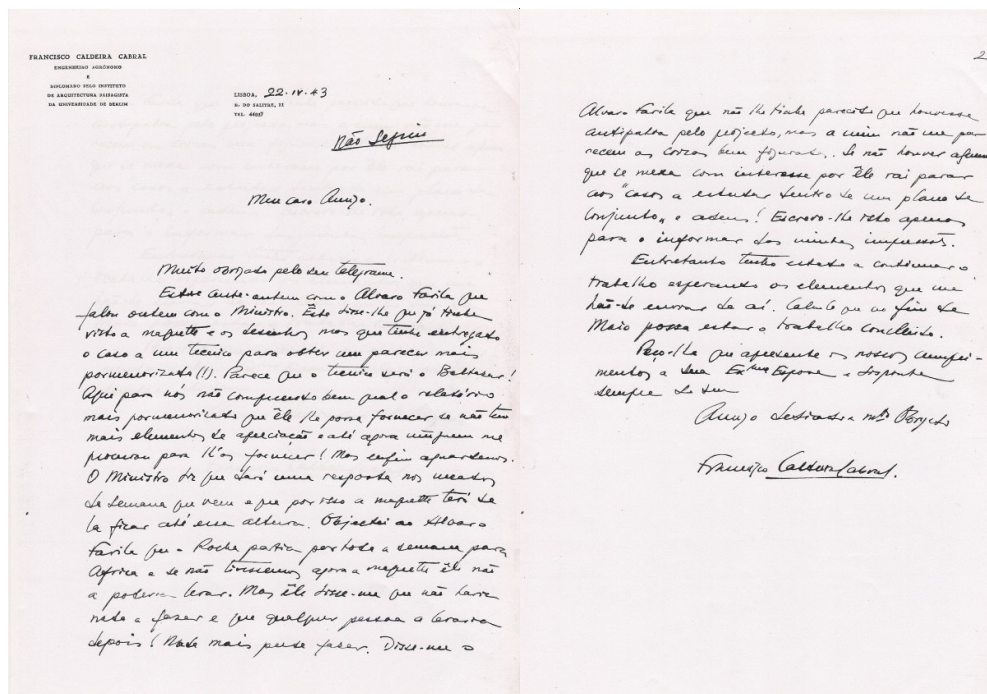


Figura 2.14 – Imagem de uma carta escrita por Francisco Caldeira Cabral a 22 Abril de 1943

Julga-se que, apenas num caso, a impossibilidade de visualização das imagens afeta a compreensão do texto (“A erosão”). Por outro lado, dos textos a que tivemos acesso às imagens, em 7 textos as imagens são irrecuperáveis. No entanto, em 4 deles a resolução será simples, pois são textos publicados, e as respetivas publicações estão disponíveis. Apenas nos textos n.ºs 18, 120 e 140, tratando-se de textos não publicados, a recuperação das fotografias será difícil.

Quadro 2.7 – Estado das imagens existentes em 37 textos

Textos com imagens acedidas		Textos sem imagens acedidas
Imagens recuperáveis	Imagens irrecuperáveis	
16	7	14

O local da escrita é, na maioria dos textos, desconhecido, mas em 21 textos é conhecido, sendo certo que 15 dos textos foram escritos em Lisboa. Os outros locais foram Paços da Serra, Carcavelos, Jerusalém, Évora, Sintra, Porto.

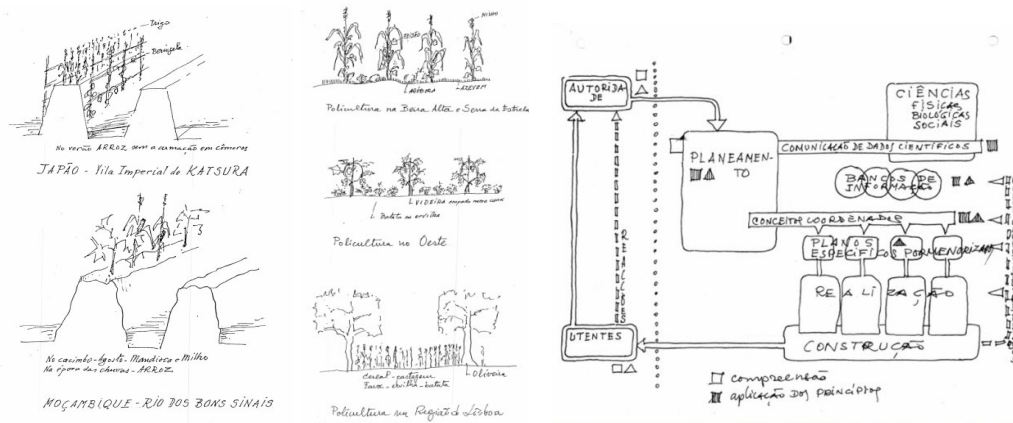
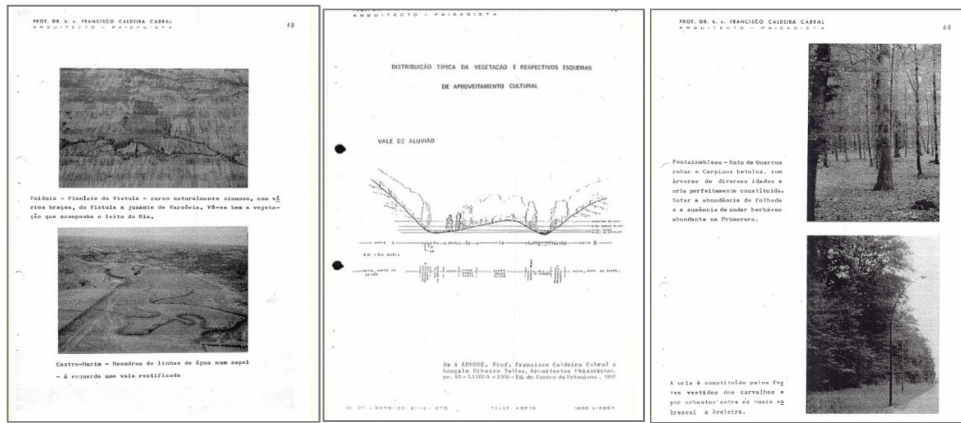


Figura 2.15 – “Sistematização e classificação da paisagem rural” (texto122, 1978)

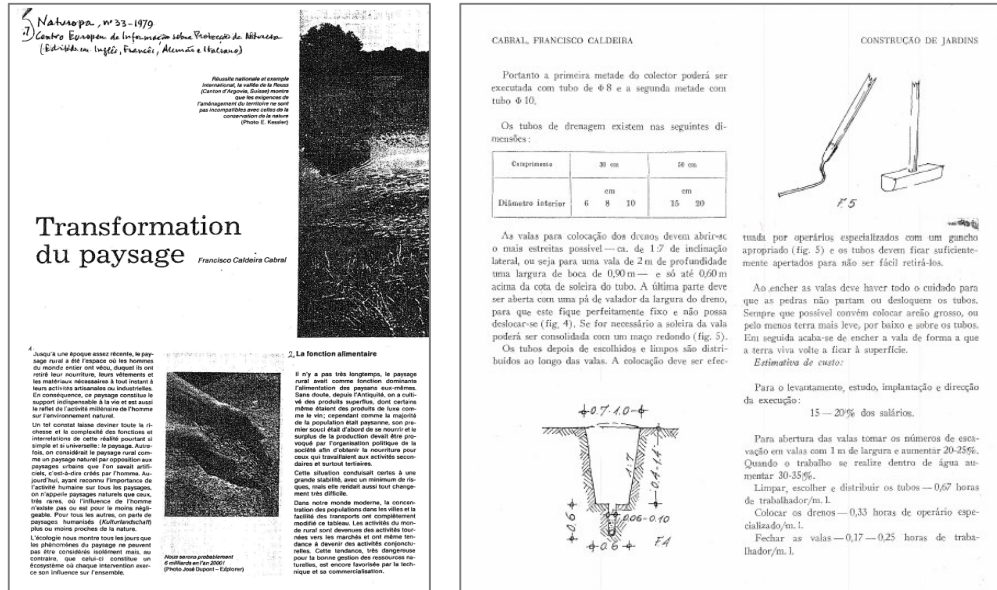


Figura 2.16 – “Transformation du paysage” (texto 126, 1979) e “Construção de jardins” (texto 88, 1963)

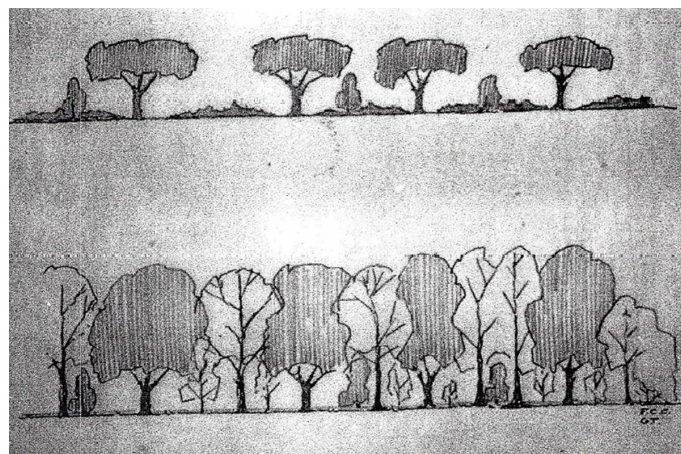


Figura 2.17 – “Paisagem do Alentejo algumas sugestões” (texto 108, 1969)

Relativamente à razão da escrita do texto, analisada na alínea j), apresenta-se no quadro n.º 2.8 o seu resumo (aqui também se incluíram os 11 textos não acedidos, pois esta informação estava disponível). Não se sabe o que motivou a escrita de muitos textos (24), se foram escritos para apresentar numa lição, numa conferência, ou se eram artigos para publicação. Mas daqueles de que temos esse conhecimento, podemos concluir que o legado escrito de Francisco Caldeira Cabral é maioritariamente constituído por textos escritos para conferências e palestras (42 textos) e para lições (35 textos). É de referir um papel de destaque para os textos de trabalho relativos ao ensino, o que vai ao encontro do peso desta vertente na vida profissional de Francisco Caldeira Cabral.

Quadro 2.8 – Razão da escrita do texto

Lições	35
Conferências, palestras ou seminários proferidos em Portugal	30
Conferências, palestras ou seminários fora de Portugal	12
Textos de trabalho relativos ao Ensino	21
Artigos para publicação	18
Outros (Relatório de fim de curso, tirocínio, estudo, parecer)	4
Textos de trabalho relativos à APAP	2
Razão desconhecida	24

2.3 Síntese

Como síntese, podemos afirmar que o legado escrito de Francisco Caldeira Cabral é constituído por 146 textos distribuídos ao longo de 58 anos (1932 a 1990), é maioritariamente inédito (95 textos não publicados), e pode ser considerado como um importante conjunto documental para o conhecimento das ideias e atos fundadores da arquitetura paisagista em Portugal. Por outro lado, há a referir que os textos publicados encontram-se dispersos por 50 publicações portuguesas e estrangeiras. Trata-se, maioritariamente, de textos escritos para conferências, palestras e lições, e que se encontram em ótimas condições “físicas” (estão completos e a caligrafia é compreensível) para publicação ou divulgação. Por último, é de acrescentar que são de grande variedade quanto às suas características, nomeadamente quanto ao “layout”, tipo de textos, ao formato do papel, ao número de páginas, à inclusão de imagens.

3. Proposta de sistematização temática

3.1 Introdução

Verifica-se que os textos são de grande variedade quanto ao tipo, como vimos no capítulo anterior, mas também o são quanto ao conteúdo, como iremos demonstrar no presente capítulo. Por isso, e sempre com o objectivo de fundo da possível divulgação ou publicação, julgamos pertinente propor uma sistematização temática que, eventualmente, possa vir a servir de base para trabalhos futuros nesse sentido. Inspiramo-nos no que Francisco Caldeira Cabral fez no seu livro de 1993 – organizou os textos por temas e seleccionou textos para publicação dentro de cada temática. Baseamo-nos no que é apresentado no anexo III, onde foram elaborados para cada texto um resumo e referência da sobreposição de conteúdos.

Quadro 3.1 – Estrutura organizativa dos textos por Francisco Caldeira Cabral e por António Caldeira Cabral

Francisco Caldeira Cabral <i>Os fundamentos da arquitectura paisagista</i> 1993	António Caldeira Cabral <i>Os fundamentos da arquitectura paisagista</i> 2010
Capítulo I - Arquitectura paisagista como profissão e como arte (5 textos de 1943-66)	
Capítulo II - O Jardim português (4 textos de 1940 - 43)	
Capítulo III - Alguns problemas de intervenção na paisagem (4 textos de 1940-62)	
	Capítulo IV – A Formação do Arquitecto Paisagista e o Ensino Agrícola (10 textos de 1961-84)
	Capítulo V – Protecção da Natureza, Parques Nacionais e Parques Naturais (11 de 1956-87)
	Capítulo VI – A Defesa da Paisagem como Património Cultural/ A paisagem portuguesa e o equilíbrio natural (8 textos 1962-1990)
	Capítulo VII – Agricultura e Meio Rural (9 textos de 1960-89)
	Capítulo VIII – O <i>Continuum naturale</i> (2 textos de 1966 e 1979)
	Capítulo IX – Planeamento e Ordenamento da Paisagem (5 textos de 1966-79)

Lições de Arquitectura Paisagista (35 textos 1942-1959)

Para a sistematização do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral, ao encontro do 3º passo da metodologia de investigação, temos como referência duas propostas de estruturas organizativas: a do próprio autor no seu livro *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* (1993) e a proposta de António Caldeira Cabral realizada em 2010 destinada a uma nova publicação na continuação da anterior e que, de alguma forma, segue a de seu pai, embora destinada a um conjunto de novos textos (quadro 3.1).

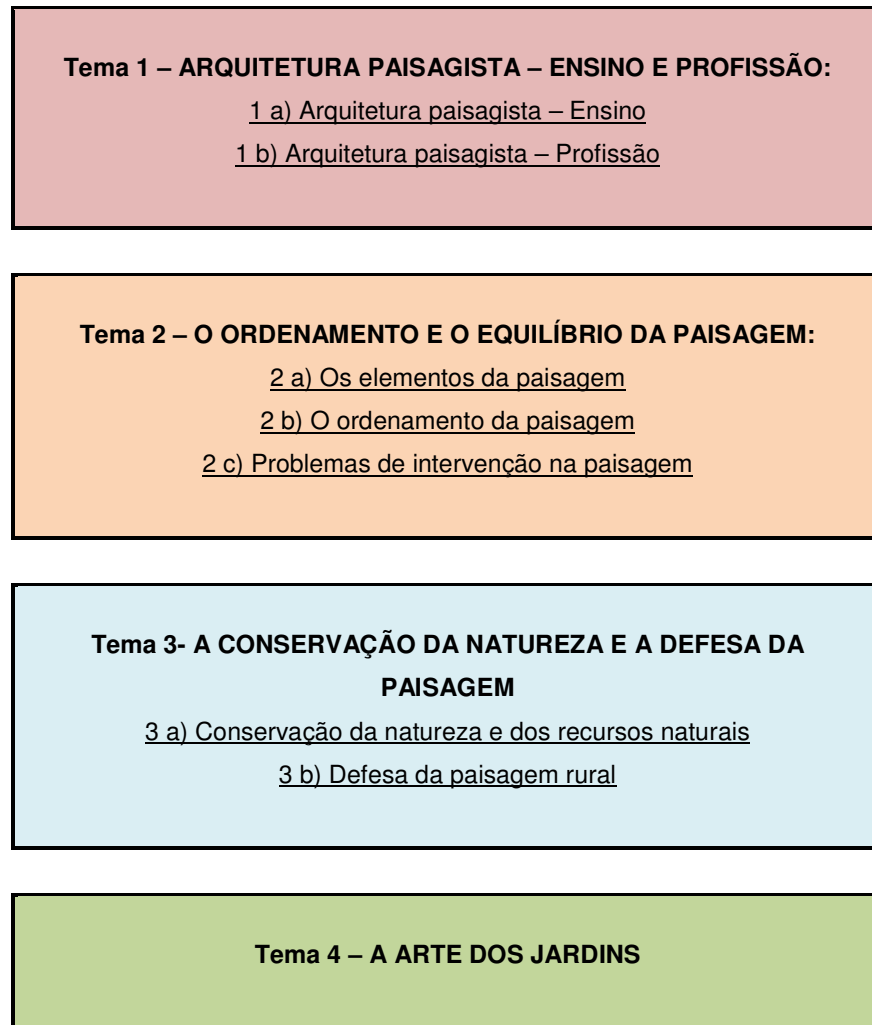
Como se pode verificar, a estrutura organizativa de António Caldeira Cabral é uma proposta na continuação de *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, começando com um quarto capítulo, na continuação do terceiro capítulo do livro de 1993. Observa-se que exclui da sua proposta trinta e cinco textos de aulas de seu pai e que, em anexo, tal como foi feito em *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, colocou os textos em língua estrangeira (alemão, francês e inglês).

Com base na análise dos textos e nas suas ideias mestras (ver ponto 3.3) propomos a sistematização do legado escrito em quatro temas (quadro 3.2) que consideramos como as quatro áreas de estudo principais que o legado escrito de Francisco Caldeira Cabral trata. Procurou-se que os nomes escolhidos como títulos destas temáticas fossem os mais enquadrados e inspirados na “linguagem” de Francisco Caldeira Cabral, apreendida através da leitura do seu legado. A organização temática que agora se apresenta, tendo em vista a divulgação do legado, vai até certo ponto ao encontro da estrutura apresentada no quadro 3.1. Considera-se que uma proposta de *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* volume 1 e volume 2 é um cenário possível, mas que incorreria em textos repetitivos considerando-se que o resultado final perderia o potencial apelativo que este legado tem.

No tema 1, reuniram-se os textos relativos à arquitetura paisagista na sua vertente de ensino e da profissão. Os textos aqui incluídos são de grande interesse, nomeadamente para a elaboração de estudos sobre a história da Arquitectura Paisagista em Portugal.

No tema 2, juntaram-se os textos sobre o ordenamento e o equilíbrio da paisagem e subdividiram-se em três subtemas: um sobre os elementos da paisagem, onde se inclui *A Árvore* (1960) publicada em coautoria com Gonçalo Ribeiro Telles; outro sobre o ordenamento da paisagem; e por último um subtema sobre problemas de intervenção na paisagem, inspirado na forma como Francisco Caldeira Cabral sistematizou alguns dos seus textos no livro de 1993, e onde se destaca o problema da erosão.

Quadro 3.2 – Estrutura organizativa proposta no âmbito da presente tese



No tema 3, a conservação da natureza e a defesa da paisagem, reuniram-se aqueles textos que, no seu conteúdo, tratam desta temática. Foram organizados em dois subtemas: um primeiro com textos sobre a conservação da natureza e dos recursos naturais e um segundo com textos sobre a defesa da paisagem rural.

Por último, no tema 4 reuniram-se os textos relativos à arte dos jardins, assunto tão importante para um arquiteto paisagista.

Nos anexos II e III, esta sistematização temática é assinalada com cores diferentes, para uma melhor organização e compreensão. Na figura 3.1 é apresentada a legenda de cada cor utilizada.

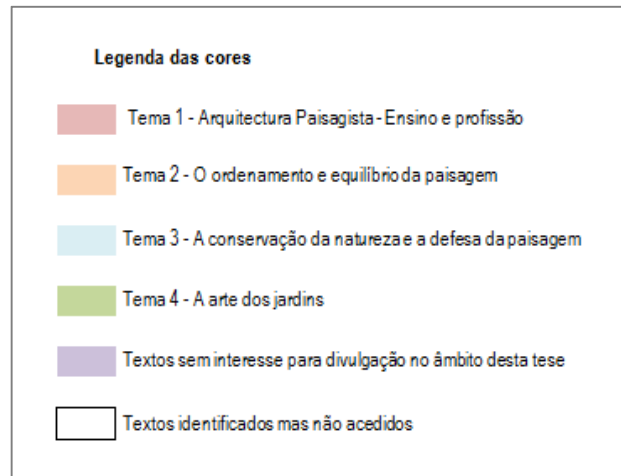


Figura 3.1 – Legenda das cores utilizadas nos anexos II e III

Muito dos textos poderiam, obviamente, incluir-se em mais do que um tema. Procurou-se inclui-los na temática com maior representatividade no seu conteúdo. Podemos referir, como exemplo, o texto 122 - “Sistematização e classificação da Paisagem Rural”, que foi colocado no tema 2, mas muito do seu conteúdo é sobre a defesa da paisagem rural, inclusive repete ideias sobre o *continuum naturale* de alguns textos inseridos no tema 3. No entanto, numa leitura mais cuidada, percebe-se que o tema central é, de facto, o ordenamento da paisagem rural, tal como indica o seu título.

Também o texto “A conservação da natureza integrada no planeamento biofísico” poderia ser integrado no tema 2 ou 3, mas optou-se pelo subtema 3 a) Conservação da natureza e dos recursos naturais, pelo critério de esse ser o tema maioritário no texto.

É de referir que alguns textos, pelo seu título, podem conduzir diretamente a um tema, como, por exemplo, “O futuro da arquitectura paisagista”, relativamente ao qual pareceria óbvio a sua colocação no tema 1, mas foi colocado no subtema 2 c) Ordenamento da paisagem, pois o seu conteúdo é essencialmente sobre essa temática.

Como já se disse atrás, não tivemos acesso a 11 textos, razão pela qual não fazem parte desta sistematização temática, tal como um conjunto de 9 textos que foram classificados como sem interesse para divulgação no âmbito desta dissertação de mestrado (quadro 3.3), o que não quer dizer que não tenham interesse para divulgação, noutros campos. Esta exclusão é justificada porque o seu conteúdo não é do âmbito da arquitectura paisagista, mas sim exclusivamente agrícola. Poderá parecer estranho quando, como se verá mais à frente, foram integrados, nomeadamente no tema 3, tantos textos marcadamente sobre agricultura, mas esses perspetivam esta atividade humana como a base da salvaguarda da paisagem rural.

Neste conjunto de 9, há um texto que não é do âmbito agrícola - “O carácter das cidades portuguesas” - que também se entendeu não se enquadrar em nenhuma das temáticas propostas.

Quadro 3.3 – Textos sem interesse para divulgação no âmbito da presente dissertação (ou no âmbito da arquitectura paisagista)

n.º	Título	Data
50	As responsabilidades do meio Agrário perante as Encíclicas Sociais	1956
58	O carácter das cidades portuguesas	sd
74	O ensino da matemática no Instituto Superior de Agronomia	sd
75	O ensino agrícola	1961
76	O Ensino agrícola superior	sd
95	A Universidade hoje	sd
109	O ensino agrário elementar e médio	1969
110	Escola de Agricultura	sd
144	Industrialização e desenvolvimento: salvaguarda e promoção dos meios rurais	1989

3.2 Áreas de estudo do legado escrito

3.2.1 Tema 1 - Arquitectura paisagista - ensino e profissão

O tema 1 - Arquitectura Paisagista - Ensino e Profissão agrega 40 dos textos do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral, distribuídos por dois subtemas: Arquitectura Paisagista – Ensino (22 textos) e Arquitectura Paisagista – A Profissão (18 textos) (quadro 3.4)

Os textos reunidos neste tema são de natureza muito diversa, pois uns têm carácter pedagógico como as lições ou os programas de disciplinas, outros são institucionais, como, por exemplo, os vários textos relativos a exposições ao ministério da educação, e outros são de divulgação, como, por exemplo, os textos lidos em conferências. É de realçar os vários pedidos que Francisco Caldeira Cabral faz para que haja mais professores para ministrar no curso livre.

As datas distribuem-se entre o ano de 1941 e o ano de 1988, mas pode-se dizer que as décadas de 50 e 60 foram as mais prófucas em textos desta matéria, correspondendo ao início e desenvolvimento do curso em Portugal. Este período corresponde também, em parte, à sua atividade como membro do Conselho Nacional de Educação em 1965-77.

São maioritariamente textos inéditos, pois apenas 8 deles foram publicados. No entanto,

muitos deles foram parcialmente ou totalmente transcritos nas obras de Teresa Andresen (2001, 2003), nomeadamente no capítulo “Creating a school”³ e no capítulo “Três décadas de arquitetura paisagista em Portugal”⁴.

No anexo III.A apresenta-se um quadro com os resumos e análise da sobreposição de conteúdos entre os textos. Quanto a este ponto é de mencionar que o subtema 1 b) Arquitetura paisagista – A profissão é o conjunto do legado escrito onde o conteúdo dos textos é mais repetitivo: 13 dos 18 textos repetem-se entre eles. É de facto aqui que são explanadas as ideias centrais de Francisco Caldeira Cabral sobre a arquitetura paisagista. E por isso é natural que se repitam, pois quer fosse falar da profissão em Évora ou na Inglaterra, o que dizia era o mesmo, podia mudar os exemplos ou a forma de o dizer, mas o conteúdo é o mesmo. Francisco Caldeira Cabral revela consistência e persistência nas suas mensagens.

Ainda no que diz respeito a este assunto, no subtema 1a) é de realçar um conjunto de textos muito semelhante, alguns praticamente iguais, mas cada um com a sua particularidade diferente, que são os escritos relativos à criação do curso livre e suas posteriores avaliações e reestruturações. Referimo-nos aos textos com os números 9, 10, 24, 35, 40 e 68. No texto 40, tal como no texto 38, o conteúdo também versa sobre o Centro de Estudos criado em 1953 no ISA, e que foi de grande importância para a consolidação e projeção do curso e da profissão.

³ ANDRESEN, Teresa; *Francisco Caldeira Cabral*, Surrey, UK, Landscape Design Trust Monograph Series, 2001.

⁴ Catálogo *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian*, Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970), realizada na Fundação Calouste Gulbenkian em 2003, comissariada por Teresa Andresen.

Quadro 3.4 - Tema 1 - Arquitectura Paisagista - Ensino e Profissão

nº	Título	Data
Tema 1 a) ARQUITECTURA PAISAGISTA - ENSINO (22 textos)		
4	Curso de Desenho Organográfico	sd
9	Curso livre de Arquitectura Paisagista - Esboço do programa	1941
10	Sem título	sd
24	Considerações gerais	1945
25	Horário Curso Livre AP ano lectivo 1946/47	1946
33	História de arte geral	1950
34	História de arte dos jardins	1950
35	Arquitectura Paisagista	1950
36	Construção de jardins	1950
37	Trabalhos a apresentar pelos alunos	sd
38	Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista	sd
40	Curso livre de Arquitectura Paisagista, Centro de estudos	1955
68	Curso livre de Arquitectura Paisagista	1959
69	Sem título	sd
70	Sobre a Reforma de Estudos do Instituto Superior de Agronomia	1960
72	A Formação do Arquitecto Paisagista	1960
77	Curso de Arquitectura Paisagista	sd
86	Curso de Arquitectura Paisagista	sd
87	Memorial Centro de Estudos Arquitectura Paisagista	1963
94	Finalidade do estudo de História de Arte no curso de Arquitectura Paisagista	1964
98	Situação do Curso livre de Arquitectura Paisagista em 1964	1964
129	Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da arquitectura paisagista	1980
Tema 1 b) ARQUITECTURA PAISAGISTA - A PROFISSÃO (18 textos)		
13	Arquitectura paisagista	1943
20	1ª Lição do Curso de Arquitectura Paisagista	sd
26	A Arquitectura Paisagista como Arte	1948

31	"O conceito de arquitectura paisagista"	1950
46	Arquitectura paisagista - a criação artística	1955
48	A missão do Arquitecto Paisagista	1956
49	As responsabilidades sociais do arquitecto paisagista	1956
51	Arquitectura paisagista: o que é? – A arquitectura do espaço exterior.	sd
52	Conceitos fundamentais da Paisagem Humanizada	1958
90	"The landscape architect's approach to design"	1963
100	Conversa sobre Arquitectura Paisagista	1966
101	O Arquitecto Paisagista na construção do futuro	1966
102	Conclusões do I Colóquio de Arquitectura Paisagista	1967
103	O Homem e a natureza	1967
119	Projecto da Associação de Arquitectura Paisagista	sd
125	O Arquitecto Paisagista - O que é?	1978
134	A profissão do arquitecto paisagista, Sua evolução em Portugal	1984
139	Alguns conceitos fundamentais da Arquitectura Paisagista - a arte, o projecto, o trabalho de equipa	1988

3.2.2 Tema 2 - O ordenamento e o equilíbrio da paisagem

O tema 2 - O ordenamento e o equilíbrio da paisagem agrega 43 dos textos (quadro 3.5) do legado escrito distribuídos por três subtemas: 2 a) Os elementos da paisagem (16 textos), 2 b) Ordenamento da paisagem (15 textos), e 2 c) Problemas de intervenção na paisagem (12 textos).

Os textos reunidos neste tema abarcam essencialmente lições e conferências e, portanto, foram escritos com intenção de divulgação. As datas distribuem-se entre o ano de 1940 e o ano de 1989, mas a maioria entre a década de 40 e 60 do século passado. Nesta temática parece adivinhar-se um “padrão” que se vai encontrar de uma maneira geral no legado escrito de Francisco Caldeira Cabral: nos primeiros anos escreveu os textos sobre aspectos mais particulares, aqui referimo-nos aos elementos e os problemas de intervenção na paisagem, e à medida que os anos avançavam a escrita versou sobre aspectos mais gerais, nomeadamente sobre o ordenamento da paisagem.

Os textos aqui reunidos são maioritariamente inéditos, tendo sido 12 deles publicados e 4 em publicações estrangeiras.

No anexo III.B apresenta-se um quadro com os resumos e análise da sobreposição de conteúdos. Quanto a este ponto é de mencionar que no subtema 2 a) e 2 c) os conteúdos dos textos na sua grande maioria não se repetem, com a exceção lógica dos textos sobre o mesmo assunto, como os textos sobre a erosão e os que discursam sobre a mata e a árvore. Quanto ao subtema 2 b) verifica-se que 12 dos 15 textos repetem os mesmos conteúdos, cruzando-se também com alguns textos de outras temáticas, principalmente do subtema 3 b) da defesa da paisagem rural.

No tema 2 c) os problemas de intervenção na paisagem apresentados são variados: a integração das estradas, as cheias, a protecção do solo, a questão das espécies arbóreas a utilizar na reconstituição da paisagem no sul, mas a erosão assume sem dúvida um papel de destaque. Este conjunto agrega textos técnicos e pormenorizados, onde são apresentados problemas concretos e propostas de resolução e de prevenção.

É de referir o texto em alemão (texto 89), que não está traduzido, versa sobre uma questão não incluída nos outros textos: a integração de novas indústrias na paisagem urbana.

No subtema 2 b) muitos dos textos são aulas sobre os diversos factores que influem na paisagem, mas os elementos da paisagem que ganham mais destaque são a mata e a árvore. Aqui não se poderia obviamente deixar de destacar “A Árvore”, escrito em coautoria com Ribeiro Telles e publicado pela primeira vez em 1960. É um livro e por isso diferente de todos os outros textos do legado escrito de Francisco Caldeira Cabral.

Quadro 3.5 - Tema 2 – O ordenamento e o equilíbrio da paisagem

nº	Título	Data
Tema 2 a) OS ELEMENTOS DA PAISAGEM (16 textos)		
7	Alguns aspectos da vegetação das Matas	1940
18	A árvore como elemento da paisagem	1943
19	A mata como elemento da paisagem	1944
29	A vida das plantas	sd
32	VII Lição - Hidrómetros	1950
41	Portugal - A sua situação na Europa	sd
42	Portugal: Clima, Solo e Vegetação	sd

43	Estudo geral do Continente Europeu	1955
44	Europa - Clima (Continuação)	1955
45	A vegetação da Europa	1955
59	Factores climáticos	sd
60	O vento, a sua acção, reacção na paisagem	sd
61	A chuva em Portugal	sd
64	Os elementos da mata. O coberto e a orla	sd
71	"A Árvore"	1960
79	A mata e a Paisagem	sd
Tema 2 b) ORDENAMENTO DA PAISAGEM (15 textos)		
16	Zonagem sob o ponto de vista paisagístico	1943
22	A Madeira e a sua paisagem	sd
53	O equilíbrio da paisagem	1958
56	Arquitectura Paisagista - A sua missão	sd
66	Reconversão e transformação da paisagem	sd
67	Inquérito e Planeamento	sd
73	O Alentejo - Considerações acerca dos seus problemas agrícolas	sd
82	O projecto da paisagem multifacetada	1962
83	O futuro da Arquitectura Paisagista	1962
97	The landscape architects and the environment of man	sd
108	A paisagem do Alentejo, algumas sugestões	1969
120	La problemática paisajística en el planeamiento regional y urbano	1977
122	Sistematização e classificação da paisagem rural	1978
128	Ordenamiento Rural en funcion de su Ambiente: Ordenamiento y explotacion del suelo	1979
141	A biomassa fonte de energia renovável	1989
Tema 2 c) PROBLEMAS DE INTERVENÇÃO NA PAISAGEM (12 textos)		
6	A estrada e a paisagem	1940
11	Regime e correcção de rios	1942
14	A erosão e a paisagem	1943
27	O mecanismo da erosão	1949
28	Erosão	sd

62	O problema da rega em Portugal	sd
65	A arborização do país e a protecção do solo nacional	sd
78	Estudo da protecção dos Campos de Loures	sd
89	Neue Industrie in bewohnte Landschaft	1963
93	"Nova concepção de uma exploração florestal próxima da natureza no domínio da durilignosa"	1962
116	Consolidação de taludes - Revestimento vegetal	1973
117	Consolidação e revestimento de taludes	sd

3.2.3 - Tema 3 - A conservação da natureza e a defesa da paisagem

O tema 3 – A conservação da natureza e a defesa da paisagem agrega 28 dos textos (quadro 3.6) do legado escrito distribuídos por dois subtemas: 3 a) Conservação da natureza e dos recursos naturais (15 textos) e 3 b) Defesa da paisagem rural (13 textos).

Os textos reunidos neste tema são de natureza similar, pois, com exceção de três lições e dois artigos para publicação, são textos escritos para conferências. Distribuem-se entre o ano de 1944 e o de 1990 (o último texto do legado escrito) e pode-se verificar que das quatro temáticas propostas é esta a que tem os trabalhos escritos mais recentes. Possui 11 textos publicados, e 4 são em publicações estrangeiras. Pode-se concluir que os temas que Caldeira Cabral mais divulgou fora de Portugal foram o ordenamento, o equilíbrio e a defesa da paisagem, e a conservação da natureza e dos recursos naturais.

No anexo III.C apresenta-se uma tabela com os resumos e análise da sobreposição de conteúdos. É de mencionar que no subtema 3 a) 10 dos 15 textos repetem-se entre eles, embora sejam textos diferentes entre si, pois cada um trata o seu assunto particular. No subtema 3 b) há repetição de conteúdos, 11 dos 15 textos sobrepõem conteúdos com outros textos.

Quadro 3.6 - Tema 3 – A conservação da natureza e a defesa da paisagem

nº	Título	Data
3 a) CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DOS RECURSOS NATURAIS (15 textos)		
47	Protecção à Natureza e arquitectura Paisagista	1955
80	Protecção das regiões de beleza natural - A protecção das regiões costeiras	1962
91	Protecção da Natureza e Parques Nacionais	1963
92	Parques Nacionais	1963
96	Man's environment and landscape architecture	1964
111	O Recreio nos arredores de Lisboa - possibilidades e problemas	1970
114	Parecer sobre o Parque Natural da Arrábida nos Concelhos de Setúbal e Palmela	sd
118	A Paisagem e a Conservação das espécies - o papel do Zoo na difusão dos conceitos fundamentais	1973
121	A conservação da natureza no planeamento biofísico do território	1977
127	Um parque natural na Serra da Estrela	sd
130	O Continuum Naturale e a conservação da natureza	1980
131	The "Continuum Naturale" a series of lectures by Dr. Francisco Caldeira Cabral	sd
35	Na inauguração da sede do Parque Natural da Serra da Estrela	1987
136	Protecção da natureza - que natureza?	1988
140	Sintra, Património Cultural e Natural	1989
3 b) DEFESA DA PAISAGEM RURAL (13 textos)		
21	O homem e o Meio	1944
54	O valor humano da paisagem	sd
55	Problemas político-económicos da paisagem	sd
57	O valor da paisagem natural	sd
99	Paisagem Portuguesa: origem e evolução	1965
104	A paisagem como expressão de cultura	1967
105	Defesa da Paisagem	1968
113	A evolução da agricultura	1971
126	Transformation du paysage	1979
133	Evolução provável da agricultura europeia nos fins do século XX	1983
142	Valores culturais do Património da Paisagem - As uveiras minhotas	sd
3	Considerações sobre a evolução do Agro Nacional	1989
146	O turismo e a paisagem	1990

3.2.4 - Tema 4 - A arte dos jardins

O tema 4 - A arte dos jardins - agrega 15 dos textos (quadro 3.7) do legado escrito e os textos reunidos neste tema têm natureza bastante diversa, pois uns são institucionais, como, por exemplo, um documento de trabalho relativo à APAP, e outros são de divulgação como seis textos em que a razão da escrita foi a publicação ou a participação em conferências. As datas distribuem-se entre o ano de 1932 (o primeiro texto do legado escrito) e o ano de 1988. Das quatro temáticas, apesar de ser a que reúne menos textos é aquela que possui mais textos publicados (7), todos em publicações portuguesas.

No anexo III.D apresenta-se uma tabela com os resumos e análise da sobreposição de conteúdos. Quanto a este ponto é de mencionar que é dos temas onde os conteúdos menos se repetem, embora seja de referir a existência de dois textos praticamente iguais: “Construção de jardins” e “Enxugo das terras”. O primeiro texto inclui um capítulo igual ao conteúdo do segundo texto apresentado, o que faz supor que poderá ter sido um esboço para a publicação.

Quadro 3.7 – Tema 4 - A arte dos jardins

nº	Título	Data
1	Parque Nacional da Ajuda	1932
2	As coníferas - Breve estudo dos seus géneros de maior interesse silvícola e ornamental	1936
3	Sobre o Jardim Botânico da Ajuda. Construção do jardim do plano superior	1936
5	Jardins	1940
8	As flores e o Jardim	1941
12	A flora espontânea e a jardinagem	sd
15	Jardins de Portugal	1943
17	Em defesa da paisagem continental - Jardins de Portugal/ Jardins Portugueses	1943
23	Sem título	sd
63	Enxugo das terras	sd
84	História da arte dos jardins: O Egipto	1962
88	Construção de jardins	1963
137	Os jardins históricos e a importância da sua conservação	1988
138	O significado da Recuperação de sítios e jardins históricos	1988
145	A influência da política no estilo - actualidade do problema	sd

3.2.5 - Síntese

Estas quatro áreas temáticas que maioritariamente constituem o legado escrito de Francisco Caldeira Cabral, expressam o que foi a sua vida profissional dedicada à arquitetura paisagista, nas suas vertentes de ensino e profissão, do ordenamento e equilíbrio da paisagem, da conservação da natureza, da defesa da paisagem e da arte dos jardins. Pelo número de textos escritos sobre a temática do ordenamento e equilíbrio da paisagem, podemos arriscar afirmar que este foi um tema que defendeu especialmente.

De uma maneira geral verifica-se que os primeiros anos de trabalho escrito foram dedicados ao ensino, como não podia deixar de ser com todo o trabalho da criação do curso no ISA, sendo de destacar também, neste início da escrita, os textos sobre a arte dos jardins. Depois, segue-se uma fase com textos que versam mais sobre o ordenamento e o equilíbrio da paisagem, que corresponde ao seu envolvimento internacional através da IFLA, e por fim os textos de conservação da natureza e defesa da paisagem que são mais tardios. Na continuidade desta ideia podemos averiguar também que primeiramente escreveu sobre aspectos mais particulares, como os problemas de intervenção na paisagem, e à medida que os anos avançavam a escrita versou sobre aspectos mais gerais, nomeadamente sobre o ordenamento da paisagem. Apesar de estarmos a delinear estas generalizações, os temas que defendia eram estes quatro e essa defesa foi uma constante em toda a sua vida profissional.

Por fim, referir que os textos são muito variados, mas que a sobreposição de conteúdos é tal como já se suspeitava, e agora se comprova, um problema, que faz com que a leitura completa do legado escrito, mesmo por áreas temáticas, seja desviante do seu real valor. Também reconhecemos que o formato proposto para a análise desta questão não terá sido o melhor, pois não se percebe dois aspectos que podem ser fundamentais na possível seleção de textos a divulgar ou publicar. Um primeiro diz respeito à pertinência de se perceber se sobreposição é completa ou se se trata de uma percentagem de sobreposição de 50, 60, ou 80%. Apresentámos apenas um caso em que sabemos que a sobreposição é completa. Um segundo aspeto a conhecer é qual a ideia repetida, o que também não foi feito, pois apenas recolhemos informação de quais os textos que repetem os seus conteúdos. Assim continuamos sem saber se é a ideia que a paisagem é humanizada, se é a definição de arquitectura paisagista ou a defesa do equilíbrio da paisagem que se repete. Este terá que ser mais um ponto a trabalhar em investigações

futuras. No entanto, e mesmo que tivessem sido feitas as análises referidas, continuamos a julgar que o problema é de difícil solução, e que mais vale aceitá-lo e pensar numa forma de divulgação ou publicação que tenha em conta esta realidade.

3.3 Ideias mestras do legado e seleção de textos mais representativos

Até agora caracterizamos e analisámos o legado escrito, e propusemos uma sistematização temática. Nesta parte do trabalho pretendemos prosseguir com o 3º passo metodológico com o objetivo de realizar uma síntese das ideias mestras registadas nos textos, onde tentamos demonstrar, como já referimos anteriormente, a relevância do conteúdo e a premente necessidade de divulgação destes textos fundadores. Fazemos essa apresentação para cada uma das quatro temáticas e seus subtemas e, para terminar, propomos uma seleção de textos que consideramos mais significativos e representativos.

Os critérios utilizados para essa seleção de textos foram de duas naturezas, ambas relativas ao conteúdo do texto, mas uma mais sobre as suas características “literárias”, nomeadamente a clareza, a coerência, a completude do texto; e outra relativa à pertinência atual na perspetiva da eventual divulgação da obra. Esta seleção dá particular atenção à sobreposição dos textos, sendo que se entende que numa perspetiva editorial se deve procurar evitar essa sobreposição que retira clareza de discurso e torna-se desviante de uma leitura que se deseja contextual e focalizada nas ideias mestras de uma área disciplinar e sobretudo atendendo a que são textos fundadores e datados.

3.3.1 a) Arquitetura paisagista – O ensino

Para Francisco Caldeira Cabral, a formação do arquitecto paisagista transparece nos textos como algo prioritário para a consolidação da profissão, assim como o respectivo reconhecimento internacional quer no respeitante à formação quer às suas competências.

Podemos identificar quatro ideias mestras no âmbito deste tema:

- a) ligação às artes e à agronomia;
- 2) a importância do conhecimento prático da profissão;

- 3) o trabalho de grupo pluridisciplinar e
- 4) o projeto participado.

- Ligação às artes e à agronomia

Nos seus textos, Francisco Caldeira Cabral, afirma que a arquitectura paisagista é uma das Belas Artes - “*é a arte de projectar o espaço de vida que rodeia o homem*” (“A Formação do Arquitecto Paisagista”, 1960, texto 72). É apresentada como uma arte útil, mas que procura a “*criação de beleza*” (“Arquitectura Paisagista – A criação artística”, 1955, texto 46). A definição agostiniana de beleza, entendida como o esplendor da ordem, é adotada por Caldeira Cabral, ou seja, entende que a beleza é o resultado da adequação funcional da obra. É o resultado do equilíbrio de todos os elementos que fazem parte da paisagem, o que denomina por equilíbrio biofísico da paisagem.

Ao lado de toda a formação artística, é defendido como indispensável que o estudante tenha uma base científica: “*arquitecto paisagista, pela complexidade e instabilidade dos materiais com que trabalha – plantas, solo, clima, cursos de água, actividade agrícola do homem, etc. – necessita de os conhecer intimamente e a sua obra não pode conceber-se fora do espirito biológico que caracteriza as ciências que estudam esses factores e são afinal as Ciências Agronómicas*” (“sem titulo”, sem data, texto 10). Por isso, Francisco Caldeira Cabral entende que o ensino do curso deve-se efectuar na faculdade de agronomia, com o apoio das outras faculdades para a leccionação das cadeiras artísticas.

São referidas pormenorizadamente todas as ciências auxiliares em que se apoia a profissão e que o estudante deve abarcar, mas a disciplina central do curso é a arquitectura paisagista e é defendido que o conhecimento da paisagem deve ser verdadeiramente aprofundado, porque é essencial que o arquitecto paisagista entenda o que vê. A este respeito podemos transcrever o que afirma no texto “A Formação do Arquitecto Paisagista”, 1960, texto 72:” *A teoria tem que estar por trás de toda esta prática de projecto; e isso é o que a Universidade proporciona. Mas temos que ter um ensino verdadeiramente aprofundado da teoria da paisagem; não só deste ou daquele tipo de paisagem, mas do conhecimento da paisagem em geral, aplicável o mais universalmente possível, porque é muito importante que entendamos o que vemos; e para compreender a paisagem devemos conhecer não apenas a nossa região, mas o mundo todo*”.

- Importância do conhecimento prático da profissão

A prática é encarada como essencial para o ensino da profissão, para assim o aluno para conhecer os materiais disponíveis e as técnicas utilizadas, e para *“aperceber-se das dificuldades técnicas e humanas do trabalho que virá a realizar* (*“Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da Arquitectura Paisagista”, 1980, texto 129*). Assim se compreende que no texto *“Sobre a Reforma de Estudos do Instituto Superior de Agronomia”* (texto 70), uma exposição ao Conselho Escolar escrita em 1960, Francisco Caldeira Cabral se revele apologista de um mínimo de exames e de um máximo de trabalhos práticos. Nesse mesmo texto Francisco Caldeira Cabral defende que a introdução do ano propedêutico para prática pré-escolar seria o passo mais revolucionário do Ensino Técnico. Outro requisito que lhe é manifestamente caro prende-se com a formação prática dos estudantes no *“ofício”* da jardinagem, pois entende que a arquitetura paisagista, por causa da natureza viva da maior parte dos materiais de trabalho, é das profissões que ainda está próxima do seu ofício. Em *“Considerações gerais”* (texto 24), de 1945, refere: *“...nenhum interesse haveria em fazer monótonas descrições de plantas que o aluno não conhece nem tem possibilidade de conhecer sozinho devido ao grande atrazo em que entre nós se encontra a jardinagem e à falta de representação da flora cultivada nos Jardins Botânicos. Optou-se por isso pelas excursões à tapada e jardins de Lisboa, nas diferentes épocas do ano, fazendo-se perante os exemplares as considerações julgadas oportunas. Como complemento destas excursões executar-se-ão este ano na tapada diferentes trabalhos de jardinagem, como poda de árvores e arbustos, nomeadamente de roseiras, formação de árvores no viveiro florestal, tratamentos fitopatológicos das plantas de jardim, etc.”*

- O trabalho de grupo pluridisciplinar

Francisco Caldeira Cabral revela-se um defensor do trabalho pluridisciplinar que entende como a acção complementar dos diversos participantes, que nunca deve ser sentida *“como diminuição ou constrangimento da acção de cada um, mas pelo contrário é um enriquecimento estimulante das diversas participações individuais”* (*“Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da Arquitectura Paisagista”, 1980, texto 129*). Por outro lado, adverte da importância de cultivar este espírito desde a escola e por isso estimula o contacto com os estudantes de arquitectura e engenharia, tal como com o jardineiro ou o hortelão.

Francisco Caldeira Cabral frequentemente utilizava para esta ideia mestra um exemplo vindo de uma outra arte muito próxima – a música. Transcrevendo mais uma vez o texto

129 - “Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da Arquitectura Paisagista” (1980) – *“Um grupo de trabalho é como uma orquestra em que vários instrumentos tocam cada um a sua parte, mas o público ouve apenas uma música. Não é concebível que cada instrumentista estivesse só, em casa, sem aceitar as indicações do maestro, as exigências dos outros instrumentos e sobretudo sem que se ouçam todos ao mesmo tempo”*. Reforça que para que isto aconteça é necessário ajustar as escalas de trabalho dos diversos componentes da equipa nas diferentes fases de trabalho.

Relativamente ao papel do arquiteto paisagista no grupo de trabalho defende que deve ser aquele que consegue ver as coisas em conjunto, fazer uma síntese e *“pensar em cada uma e dar a cada uma o seu lugar próprio, pedindo-lhe ainda que deixe viver a outra”* (“A Formação do Arquitecto Paisagista”, 1960, texto 72). Defende que as soluções encontradas com o arquiteto paisagista no grupo de trabalho (e que deve estar desde o início do plano ou projecto) são frequentemente melhores, biologicamente mais coerentes e mais bonitas.

E para terminar este aspecto podemos transcrever um parágrafo em que mais uma vez demonstra-se a sua visão de colaboração entre todos os profissionais envolvidos num projecto ou plano. Afirma: *“Muitos me acusam de perder tempo a conversar. Julgo contudo que será essa a solução. Conversar não quer apenas dizer falar em conjunto - colloquia - mas procurar em conjunto chegar a uma conclusão”*.

- O projecto participado

Francisco Caldeira Cabral assevera que *“ninguém melhor do que o arquiteto paisagista está preparado para compreender e aceitar a ideia do projecto participado - ou seja do projecto em cuja elaboração o dono da obra, pessoa singular ou colectiva, teve desde o início uma participação activa”* (“Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da Arquitectura Paisagista”, 1980, texto 129). Para Francisco Caldeira Cabral esta dimensão humanista é também de importância capital na formação dos estudantes, porque não interessa só a arte, o ofício, a técnica, a ciência, a arquitectura paisagista é nas suas palavras *“de serviço aos outros”* e por isso interessa desenvolver capacidades de interpretação das necessidades e desejos daqueles a quem a obra será entregue e é essa também a única forma de se realizar a ideia inicialmente concebida.

Este conjunto de quatro ideias mestras é muito claro nos seguintes textos que decidimos seleccionar como os mais representativos e significativos da visão de Francisco Caldeira Cabral sobre o ensino da arquitectura paisagista. O primeiro é o texto 72 - “A Formação do Arquitecto Paisagista”, uma comunicação proferida no VII Congresso da IFLA, em Junho 1960, na Holanda, e publicado em 1962 em “Space for Living” (Amsterdam papers), IFLA Djambatan-Publishers and Cartographers, Amsterdam. O segundo é o texto 129 - “Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da Arquitectura Paisagista” de 1980, o discurso proferido no Doutoramento *Honoris Causa* da Universidade de Évora. No anexo III.A podem-se consultar os resumos destes textos.

3.3.1 b) Arquitectura paisagista – A profissão

No seu legado escrito Francisco Caldeira Cabral apresenta as seguintes definições ou considerações sobre a arquitectura paisagista:

- “**A Arte de ordenar o espaço exterior em relação ao Homem**” (“Arquitectura Paisagista”, 1943, texto 13);
- “...*procura realizar, em cada momento, com a maior perfeição, a paisagem humanizada*” (“A missão do arquitecto paisagista”, 1956, texto 48), e nesse mesmo texto afirma que é “*arte que coopera com a natureza*”;
- “*É uma arte muito subtil, com uma técnica muito apurada e que se apoia numa ciência muito vasta*” (“Conversa sobre arquitectura paisagista”, 1966, texto 100).

Podemos dizer que estas três afirmações conjuntamente com os três critérios de avaliação de uma intervenção na paisagem, apresentados no texto “O Arquitecto Paisagista na construção do futuro” de 1966 (texto 101), sintetizam o que pensava sobre a profissão. Os três critérios referidos são: **a paisagem deve estar ao serviço do homem total, deverá assegurar-se a manutenção através das gerações e a conservação do património natural.**

Assim, para Francisco Caldeira Cabral o arquiteto paisagista deve ter as necessidades do homem total (utilitárias, económicas, espirituais, de beleza, etc.) no centro, objectivado no “*ordenar o espaço exterior em relação ao homem*”, mas é sempre defendido que devemos respeitar uma ordem pré-existente dentro da qual se move o homem como parte do universo e que nós apenas induzimos e tentamos convencer a natureza a colaborar connosco.

É muitas vezes referido que o arquitecto paisagista **trabalha com material vivo e concebe a quatro dimensões** - as três do espaço e o tempo.

Neste tema, são também frequentemente descritos os campos de acção da arquitectura paisagista, mas um dos que aparece com maior relevância é a preocupação com a **paisagem rural**, que deve ser conservada, renovada e reconstruída: “*Não basta proteger a paisagem. É necessário mantê-la e talvez primeiro reconstruí-la.*” (“Conversa sobre arquitectura paisagista”, 1966, texto 100). No 10 (sem data e sem título), um esboço para uma exposição ao Ministro da Educação no sentido da criação do curso de arquitectura paisagista, é referido que o campo de acção mais importante é “*estudar as nossas formas, evitar que pela cópia impensada de modelos estrangeiros e de inovações infundamentadas se destrua a continuidade da obra e se mude o aspecto tradicional da Nação; tornar consciente a admiração pela obra secular da grei e finalmente ver como se hão de adaptar os novos progressos, as novas ideias, sem solução de continuidade mas como desenvolvimento orgânico da obra do passado.*”

Nas suas palavras escritas a **arquitectura paisagista é referida como uma arte política** pela responsabilidade da acção humana na paisagem. Este entendimento faz-se pelo seu modo de acção, e pelo seu objecto. Transcrevendo: “*Por um lado o homem é um dos elementos da nossa obra, é ele mesmo o que nos dará mais cuidados, mas também o mais precioso auxiliar quer na obra da realização quer no ulterior desenvolvimento*” (“Arquitectura paisagista como arte”, 1948, texto 26). Mas acrescenta no mesmo texto: “*é política ainda noutro sentido. Já repararam talvez que em todas as artes há estilos, e na nossa também quando consideramos o jardim. Ao passarmos porém para a paisagem essa noção desaparece. Porquê? Terão as paisagens sido sempre iguais? Não terão elas variado com as diversas épocas históricas?*”

Relativamente à proposta de seleção de textos, pelas transcrições realizadas anteriormente verifica-se que são de vários textos diferentes e isso já indica de alguma forma a dificuldade da escolha de textos nesta temática. De facto, como já atrás referimos, este conjunto de textos sobre a profissão é aquele onde os conteúdos são mais repetitivos, como é natural, pois aqui reúnem-se as considerações básicas de Francisco Caldeira Cabral sobre a profissão. Mesmo assim e apesar da sobreposição de conteúdos, entendemos como mais representativos e significativos das ideias mestras sobre a profissão os três textos seguintes:

- “Conversa sobre Arquitectura Paisagista” (texto 100), uma palestra proferida no Institute of Landscape Architects, em Londres, publicada em 1966 no *Journal of the Institute of Landscape Architects*, n.º 75, August, e posteriormente nos *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* de 1993;
- “O Arquitecto Paisagista na construção do futuro” (texto 101) de 1966, lido na inauguração da exposição organizada por ocasião do 1º Colóquio Nacional de AP, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa;
- “Conclusões do I Colóquio de Arquitectura Paisagista” (texto 102) de 13 de Julho de 1967, realizado na Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

É de referir que o primeiro texto foi publicado no livro de 1993, e os outros dois textos são inéditos. Os primeiros referem-se de uma maneira geral à definição e campo de acção da arquitetura paisagista. O último texto foi escolhido pela modernidade dos conteúdos que apresenta, pois afinal trata-se de um colóquio realizado nos anos 60 e que já previa de alguma forma algumas questões que hoje ainda estão na ordem do dia.

3.3.2 a) Os elementos da paisagem

Francisco Caldeira Cabral entende a paisagem como “**um organismo vivo**” (“Arquitectura Paisagista – A sua missão”, sem data, texto 56), com leis próprias e em que todos os elementos são interdependentes entre si, com uma estrutura, onde realça o relevo, e com “*órgãos*” e é sobre eles que trata este subtema.

Defende a importância de estudar profundamente a paisagem e dos seus elementos destaca a mata e a árvore. Declara: “*a mata tem para o paisagista uma importância capital*” (“A mata e paisagem”, sem data, texto 79), em termos de equilíbrio geral da paisagem: **A mata é elemento preponderante no restabelecimento e manutenção do equilíbrio da paisagem mas a sua acção só é eficaz quando estejam desenvolvidos os seus elementos essenciais, coberto, orla e mata** (“O homem e a natureza” 1967, texto 103). E a árvore é apresentada como “*um dos elementos mais importantes para caracterizar a paisagem e factor benéfico, muito para além dos produtos directos que dela podemos auferir*” (“A mata como elemento da paisagem”, 1944, texto 19). No livro *A Árvore*, 1960, “texto” 71, demonstra que luta contra a poda drástica das árvores, dá

importância à escolha da árvore para cada lugar, e à defesa das associações vegetais autóctones.

Não poderíamos também deixar de referir a importância dada às sebes: “*no nosso ponto de vista como arquitectos paisagistas as sebes nunca devem ter um só objectivo (cortaventos), devem ser multifunções, também proteger as aves, os insectos, outras formas de vida e controlar a erosão*” (The "Continuum Naturale" a series of lectures by Dr. Francisco Caldeira Cabral", texto 131).

É de referir também o vento, pois em vários textos se refere a este elemento “*como preponderante na paisagem e imprimindo-lhe um carácter inconfundível*” (“O vento, a sua acção, reacção na paisagem”, sem data, texto 60).

Quanto à selecção de textos não poderíamos obviamente deixar de destacar “A Árvore”, escrito em coautoria com Ribeiro Telles e publicado pela primeira vez em 1960. Relativamente aos outros textos expressivos destas ideias mestras, destacam-se três textos - “Alguns aspectos da vegetação das matas” (texto 7), artigo publicado na Agros em 1940, “O vento, a sua acção, reacção na paisagem” (texto 60) uma lição sem data; e “A chuva em Portugal” (texto 61), sem data.

Destes três textos apenas o primeiro foi divulgado na revista Agros, e os outros dois são inéditos.

3.3.2 b) O ordenamento da paisagem

No texto “O homem e a natureza”, 1967, (texto 103) Francisco Caldeira Cabral define o ordenamento paisagístico como aquele que “***procura avaliar as capacidades, aptidões e potencialidades de cada trato de terra, perscrutar o que a atividade cultural do Homem lhe imprimiu como valores permanentes, e guardar e desenvolver a paisagem, para deleite do próprio Homem e para que preservando o contacto com o natural do seu uso, resulte o sustento atual e futuro: sujeitando portanto a Natureza e não destruindo-a***”. Defende, assim, que os planos de ordenamento paisagístico devem procurar assegurar a utilização razoável da paisagem encarando em conjunto, além dos aspetos imediatos da utilização agrícola, urbana e industrial, os aspetos do equilíbrio biológico, a conservação da beleza e dos elementos históricos e de conforto humano.

Opta por remodelações de conjunto, e não medidas de pormenor, nomeadamente no texto “O Alentejo - Considerações acerca dos seus problemas agrícolas”, sem data, (texto 73) afirma: “*fundamentalmente deparam-se-nos três aspetos principais: a mata na sua localização própria com funções de proteção e recuperação de solo, e produção; a compartimentação das zonas altas e o melhoramento dos seus solos; e finalmente a drenagem das baixas, sua defesa, compartimentação e rega parcial.*” Defende, no mesmo texto, que se deve planear para o “**futuro próximo e para o definitivo, sem nunca esquecer este último**” e que, nessa procura de uma paisagem com equilíbrio estável, tem que se sacrificar cada uma das partes ao todo. A paisagem não pode só ter fins utilitários, tem também fins de beleza e, esta, resulta da boa harmonia de todos os elementos da paisagem.

A **diferenciação da paisagem, a variedade e compartimentação** são características que fortemente defende. Tal como a necessidade de planeamento dos usos da terra, da água e sua defesa, da distribuição da população e da indústria. A distribuição dos usos e da vegetação conforme o local, ou seja, com um tipo de vegetação junto ao rio, outro na encosta e outro na mata e na montanha são o que denomina como a zonagem da paisagem, ou seja, a compartimentação do ponto de vista paisagístico. Afirma que a zonagem é “*a síntese dos fatores edáficos, climáticos e geobotânicos, conjugados com o ponto de vista humano*” (“Zonagem sob o ponto de vista paisagístico”, 1943, texto 16). E defende que se deve deixar o vale livre de construção e construir na meia encosta, para, assim, haver livre troca de ar e água. Ainda sobre este assunto podemos transcrever o seguinte: “*a mata na sua localização própria com funções de proteção e recuperação de solo e produção; a compartimentação das zonas altas e o melhoramento dos seus solos; e, finalmente, a drenagem das baixas, sua defesa, compartimentação e rega parcial*” - “O Alentejo - Considerações acerca dos seus problemas agrícolas”, (texto 73)

Neste ordenamento há um papel de destaque para a paisagem rural, pois defende que desta depende a sobrevivência da humanidade. A este respeito, podemos transcrever o que afirmou em “Inquérito e planeamento” (sem data, texto 67): “*O valor do solo para a agricultura tem que ser reconhecido como um princípio geral de planeamento*”.

Neste tema do ordenamento da paisagem, Francisco Caldeira Cabral aplica os princípios do *continuum naturale*, que no tema 3 iremos falar, defendendo que a cidade deve ser construída com base em pequenas comunidades organizadas rodeadas por espaços

abertos e que os espaços verdes nas cidades devem estar interligados por um sistema contínuo.

Quanto à seleção de textos, verifica-se que, à medida que os assuntos se tornam mais abrangentes, a dificuldade da escolha de textos aumenta; neste subtema os 15 textos são muito ricos e variados, embora os seus conteúdos também se sobreponham. Mesmo assim, julgamos que os seguintes textos são representativos e significativos das ideias mestras anteriormente explanadas. Destacam-se cinco textos:

- “Zonagem sob o ponto de vista paisagístico” (texto 16) - trata-se da comunicação apresentada no 1º Congresso Nacional de Ciências Agrárias, que decorreu em Lisboa, em 1943, e foi publicado nesse mesmo ano na *Separata dos Anais do Instituto Superior de Agronomia* e, posteriormente, nos *Fundamentos da Arquitetura Paisagista* (1993);
- “Inquérito e Planeamento”, sem data (texto 67);
- “A paisagem do Alentejo, algumas sugestões” (texto 108), de 1969;
- “Sistematização e Classificação da Paisagem Rural” (texto 122) de 1978, um estudo para a Direção Geral de Planeamento Urbanístico;
- “Ordenamento Rural em função do seu ambiente: Ordenamento e exploração do solo”, (texto 128) - trata-se do curso de 5 a 8 de Fevereiro 1979, realizado no Centro Internacional de Altos Estudos Agronomicos Mediterraneos, do Instituto Agronomico Mediterraneo de Zaragoza.

3.3.2 c) Problemas de intervenção na paisagem

Francisco Caldeira Cabral não é contra a mudança que acompanha a evolução dos tempos e das sociedades, entende-a como inevitável e tem sobre ela um olhar de esperança. No entanto, constantemente adverte para as consequências das mudanças bruscas na paisagem, como aconteceram no seu tempo, e acrescentaríamos nós como acontecem nos tempos de hoje. E para a manutenção do equilíbrio biofísico da paisagem, que tanto defende, estuda e propõe soluções para problemas concretos de intervenção que são os que compõem este subtema. São sobre temas variados, mas com um destaque especial para a erosão, que apresenta como um dos problemas graves da paisagem.

No seu entendimento um dos papéis do arquitecto paisagista é “fazer a ponte” entre uma paisagem “doente” e uma paisagem “saudável”. E para fazer essa transição comumente refere que devemos “**aprender e trabalhar com a natureza**” e que não a podemos modificar arbitrariamente a paisagem.

Uma constante nos seus escritos é o **respeito pelo carácter de cada sítio** e pelos elementos pré-existentes, logo quando se intervém deve-se estudar a aptidão de cada paisagem conforme as suas condições edafoclimáticas para conseguir a manutenção do equilíbrio biológico da paisagem. Seja no traçado da estrada que deverá ser diferente conforme cada situação, seja na utilização de meios para evitar o escoamento superficial, ou na escolha de espécies de árvores para plantação, está sempre presente a metodologia de “ver” a paisagem, apreender com ela e através de estudos aprofundados e técnicos propor soluções sustentáveis e respeitadoras dessa mesma paisagem.

Dentro deste subtema destacam-se cinco textos sobre diferentes problemas de intervenção na paisagem. Um primeiro, sobre a integração das estradas na paisagem, outro sobre a questão das cheias, outro sobre a reconstituição da mata do sul da Europa e um conjunto de dois textos sobre a erosão:

- “A estrada e a paisagem” (texto 6) escrito para um artigo da revista Agronómica, em 1940;
- “Regime e correcção de rios” (texto 11) uma lição proferida em 1942;
- “Nova concepção de uma exploração florestal próxima da natureza no domínio da durilignosa” (texto 93), de 2 Março 1963, publicado uma primeira vez em 1962 numa separata dedicada ao Professor Wiepking e depois em 1966 a tradução portuguesa na revista Agros;
- “Consolidação de taludes - Revestimentos vegetais” (texto 116), uma conferência proferida em 1973 no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, em Lisboa; e “Consolidação e revestimento de taludes” (texto 117), texto sem data, e que trata da consolidação e revestimento de taludes na refinaria da Sacor. Entendemos que estes dois textos poderiam formar um conjunto, pois o primeiro é mais teórico e o segundo trata de um exemplo que concretiza o que o primeiro afirma.

Apenas o primeiro texto foi publicado em *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* de 1993 e o segundo, quarto e quinto texto não foram publicados. Este conjunto de textos, tal como o do subtema seguinte (os elementos da paisagem) é constituído por textos técnicos e pormenorizados, demonstrando como Francisco Caldeira Cabral defendia estudos aprofundados.

3.3.3 a) A conservação da natureza e dos recursos naturais

No que diz respeito a este tema, podemos começar pelo que Francisco Caldeira Cabral denomina por mudança de paradigma. Descreve em vários textos que a humanidade passou de uma fase de luta contra a natureza por questões de sobrevivência, para outra fase de luta pela natureza para a sobrevivência do homem. Afirma-o constantemente, e por isso, imagina-se que para os homens do seu tempo isto não era assim tão óbvio, que **as paisagens são feitas pelo homem** e agora **“trata-se de salvar o homem com a natureza”**.

Adverte para o perigo da rapidez e profundidade com que o homem moderno intervém na paisagem, que conduz à destruição do equilíbrio biológico e, logo, a natureza procura outro equilíbrio que é normalmente desfavorável ao homem.

Define conservação como *"a ação permanente de correção e compensação para conseguir o equilíbrio da paisagem"* - “Parques Nacionais”, 1963, (texto 92) e avança ainda mais ao dizer que **“não se trata já de conservar, mas de criar uma nova paisagem”** – in “Proteção da Natureza e Arquitetura Paisagista”, 1955, (texto 47).

E diz com frequência também que nenhuma paisagem se pode considerar ao abrigo da destruição e, por isso, sem necessidade de proteção, e que o tratamento e conservação da paisagem humanizada devem estender-se a todo o território nacional. No entanto, dá um papel de destaque aos parques naturais para manter as formas de paisagem tradicional, pois só assim se pode manter a paisagem.

Francisco Caldeira Cabral preceitua a conservação da natureza como *“muito mais que uma pura conservação do statu quo”*, mas como uma **“restauração e valorização dos elementos naturais e das tendências inatas e culturais dos habitantes destas regiões”** in “Sintra, Património Cultural e Natural”, 1989, (texto 140). E, por isso, reforça sempre o papel da agricultura de subsistência como um exemplo e como garante da continuidade da produção para gerações vindouras.

Declara várias vezes que a condição fundamental da vida é a variedade e o equilíbrio - **“A vida realiza-se num equilíbrio dinâmico que é variação ordenada”** – in “A Árvore”, 1960, (texto 71) - e defende que quanto maior a variedade, mais estável o equilíbrio. Afirma que *“o empobrecimento das condições de vida ou das formas de vida é uma ameaça para a vida humana e seu bem-estar”* in “O “Continuum Naturale” e a

Conservação da Natureza”, 1980, (texto 130). Propõe como solução uma menor intervenção e defende que as **ideias fundamentais da arquitetura paisagista são as mesmas de todo o movimento de proteção da natureza**. Aconselha a que antes de “fazer de novo” é necessário ponderar sempre se não será possível conservar o que existe, mesmo com sacrifício.

No texto anteriormente referido, define o *continuum naturale* como “**presença dos elementos naturais, numa forma congruente, respeitando todas as principais funções e relações do ambiente natural, mas de uma forma diferente, adaptada aos usos e conveniências do homem**”. E, como princípios gerais para manter e implementar o *continuum naturale*, elenca a “a homeostasis” e a variedade. Como solução para a conservação e evolução das paisagens, lista quatro princípios fundamentais: **a continuidade, a elasticidade, a meandrização e a intensificação**.

Quanto à seleção de textos deste subtema escolhemos seis textos, mas não poderíamos deixar de conferir um destaque especial aos dois textos seguintes:

- “O Continuum Naturale e a conservação da natureza” (texto 130), uma comunicação no 1º Seminário sobre Conservação da Natureza, na Semana de Estudos do Ambiente, de 18 a 19 de Abril de 1980, em Lisboa, publicado pelo Serviço de Estudos de Ambiente nesse mesmo ano;

- “The “Continuum Naturale” a series of lectures by Dr. Francisco Caldeira Cabral” (texto 131), palestras proferidas na Pennsylvania State University e provavelmente publicado por essa mesma universidade. São realmente um marco nas ideias de Francisco Caldeira Cabral no que concerne à paisagem e à conservação da natureza.

São dois textos sobre um assunto – o *continuum naturale* – que se destacam de todos os tratados neste legado, por ser fundante de noções e ideias posteriores, referindo apenas uma delas: a ideia de estrutura ecológica. Por outro lado, é de referir a importância da divulgação/publicação de ambas, pois apesar de obviamente se repetirem, são dois textos assumidamente diferentes. Um mais sucinto e onde descreve as ideias centrais - referimo-nos ao primeiro - e outro mais extenso e completo, cheio de exemplos concretos.

Os outros três selecionados foram:

- “Proteção da Natureza e Arquitetura Paisagista” (texto 47), conferência proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa, a 30 de Março de 1955 e publicada no Boletim da mesma instituição no número de Abril/Junho 1956, Série 74.^a;

- “Parques Nacionais” (texto 92), conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 16 de Dezembro de 1963;
- “Proteção da natureza - que natureza?” (texto 136), de 1988.

Os dois últimos textos são inéditos e conjuntamente com o primeiro são representativos das ideias mestras anteriormente descritas.

3.3.3 b) A defesa da paisagem rural

Francisco Caldeira Cabral, como já referimos, confere um papel primordial à **atividade agrícola na conservação da natureza e dos recursos naturais**. E muito do que já se sintetizou anteriormente é reflexo desta ideia; apenas podemos acrescentar as seguintes ideias mestras sobre este tema:

- **Dignidade da vida rural** – nos textos é recordado que todas as outras actividades são opcionais enquanto a agricultura é obrigatória, pois é fonte de alimentação, e o mundo rural é visto como um suporte físico da biocenose do homem (“A evolução da agricultura”, 1971, texto 113). No seguimento desta constatação, Francisco Caldeira Cabral dá ao agricultor um papel de dignidade especial e constantemente “eleva-o”, contrariando as tendências da altura;
- **Equilíbrio da agricultura de subsistência** - pela continuidade e pela diversidade de actividades complementares que introduz, como a mata, os matos, a vinha, o pomar, o sequeiro, e o regadio. Neste sentido, destaca a policultura do norte de Portugal como uma das paisagens mais equilibradas e simultaneamente mais belas (“O valor humano da paisagem”, sem data, texto 54);
- Considera a paisagem “**como expressão da comunidade que a cria**” (“A paisagem como expressão de cultura”, 1967, texto 104) e defende, no mesmo texto, “*que ela é o mais forte elemento externo formador dos povos, não só pela sua omnipresença como pela sua continuidade e que por outro lado a paisagem é o monumento mais evidente e de maior sentido comunitário da cultura de um povo*”. Verifica-se também que entende a paisagem como expressão integradora de valores do passado e do presente e chama a atenção para que a sociedade tenha consciência dos valores a salvaguardar. Defende que é indispensável que todas as pessoas possam tomar conhecimento dessa riqueza, aprender a conhecê-la, a compreendê-la e a respeitá-la.

Para além destas três ideias mestras, neste âmbito, refere frequentemente ideias já explanadas anteriormente, como a defesa do *continuum naturale*, a função ecológica dos terrenos vazios, da orla, da vegetação ribeirinha, ou do sistema de sebes. Propõe medidas concretas para a proteção da paisagem como sejam técnicas, planeamento, consciência pública, estrutura jurídica, entre outras (“Defesa da paisagem”, 1968, texto 105). Refere problemas específicos como a importância de planear a utilização turística e o recreio do homem urbano, a importância de recuperar a escala da paisagem, a questão do eucalipto no sul, do emparcelamento no norte, o milho, o aumento da área de regadio, o pinheiro bravo (O turismo e a paisagem, 1990, texto 146).

Deste subtema julgamos que os mais significativos e representativos das ideias mestras são os seguintes cinco textos:

- “O valor humano da paisagem” (texto 54), de razão de escrita desconhecida, não publicado e sem data;
- “Paisagem Portuguesa - origem e evolução”, (texto 99) - conferência proferida na receção do Prémio Schumacher na Technische Universitaet, Hannover, em 1965, e publicado na revista *Arquitectura* n.º 100, de 1967;
- “A paisagem como expressão de cultura” (texto 104) - conferência proferida em Braga na faculdade de Filosofia e publicado na revista *Brotéria* em 1967;
- “Defesa da Paisagem” (texto 105) - colóquio sobre a salvaguarda da Paisagem e Sítios Históricos, proferido de 20 a 24 de Setembro, em Lisboa;
- “A evolução da agricultura” (texto 113) - uma entrevista publicada na revista “Observador”, Novembro de 1971.

Neste conjunto, mais uma vez, não se conseguiu evitar a sobreposição de conteúdos; no entanto, entendeu-se seleccioná-los porque são mesmo elucidativos das ideias mestras.

3.3.4 A arte dos jardins

Antes de sintetizar as ideias mestras sobre este tema, é importante referir que Francisco Caldeira Cabral começou a trabalhar como projetista numa altura em que o conceito de

projeto de jardim sofria alguma indefinição, pela adaptação aos tempos modernos e às novas aspirações das pessoas. Face a esta indefinição, entende o jardim como uma *“forma de entender a continuidade da relação do português com a natureza e projetá-la na contemporaneidade”* (Andresen, 2003). É de acrescentar que a mesma autora, Andresen (2001), afirma que um dos textos do legado - “Jardins”, 1940, texto 5 – representa o início da crítica da arquitetura paisagista em Portugal.

Assim, e com base no legado escrito, podemos dizer que uma das ideias mestras do fundador da arquitectura paisagista em Portugal é defender a **renovação do jardim português** com base nas suas características tradicionais, mas com uma resposta contemporânea. Refere, como características tradicionais, a intimidade, os alegretes e os azulejos, os muros, as sebes e as latadas e as plantas predominantemente de folha persistente, mas afirma que *“mais do que todos os pormenores é, no entanto, o seu ambiente especial que lhe dá carácter, ambiente de luz e sombra, de contraste entre a frescura e o jardim e sol abrasador da paisagem, atmosfera de quietação e de paz no meio da vegetação exuberante e variada, onde a par das nossas plantas bravas como o buxo, a murta, o alecrim e a alfazema, se encontram representantes de todos os continentes, como os aloés e as piteiras da América, a cameleira da Ásia e as palmeiras africanas”* (“Jardins de Portugal”, 1943, texto 15).

As ideias que expressa para este jardim moderno são muitas do que se mantem hoje; de realçar a questão da manutenção do jardim que defende que deve ser mínima, por questões monetárias e de trabalho e, para isso, apresenta como soluções, por exemplo, a plantação em bordadura vivaz.

Outra ideia forte é a **ligação do jardim com a paisagem**. Afirma: *“o jardim não é só o prolongamento da casa, é ainda mais o elemento de ligação entre esta e a paisagem”* (“As flores e o jardim”, de 1941, texto 8).

O tema dos jardins históricos e a importância da sua conservação é abordado em dois textos do legado escrito e percebe-se que pensa **a conservação dos jardins históricos como um desafio à competência e imaginação criadora do arquiteto paisagista**.

Para Francisco Caldeira Cabral a recuperação dos jardins históricos é uma questão vital e *“um ato permanente de criação e crescimento e mostra como nenhuma outra obra de arte a colaboração e anos das diferentes gerações que neles passaram as suas alegrias e tristezas e que nós recebemos do passado e queremos transmitir ao futuro”*. Entende que alguns dos jardins históricos deverão *“ser recuperados no sentido de uma reposição de um estado inicial, ou necessitarem de uma reinterpretação e encontrarem uma nova*

utilização de acordo com a preocupação de reduzir a mão-de-obra e privilegiar a mecanização das operações”. Por fim, defende que a conservação é “*antes de mais nada a humildade de receber uma mensagem que queremos transmitir, mas que necessariamente há-de levar muito de nosso, como o fluir das gerações. Não basta manter o que está, porque será preciso em cada momento entender a mensagem e adaptá-la à vida*” (“Os jardins históricos e a importância da sua conservação”, 1988, texto 137).

Deste tema destacam-se três textos:

- “Jardins” (texto 5) - conferência no ISA, na 1ª Exposição Nacional de Floricultura, a 8 de Junho de 1940 e publicada em Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1940, e Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993;
- “Construção de jardins” (texto 88) - um artigo publicado na Agros, em 1963;
- “Os jardins históricos e a importância da sua conservação” (texto 137), 1988.

Este conjunto de três textos abarca diversas áreas dentro desta temática e, desta forma, julga-se que se seleccionou textos representativos e significativos das ideias mestras antes explanadas e que não se repetem entre si. Para além disso, são textos diferentes nomeadamente o segundo texto é referente à construção de jardins e trata muito pormenorizadamente e tecnicamente o que é um projeto de arquitetura paisagista.

3.3.5 Síntese

Acabamos de sintetizar as ideias mestras contidas no legado escrito de Francisco Caldeira Cabral e julga-se que, por si só, demonstram a riqueza e a necessidade de divulgação desta obra.

Verificámos, como era de esperar, que as ideias mestras sobrepõem-se entre temáticas diferentes, com a excepção de temas muito específicos como é o caso dos jardins ou do ensino, o que demonstra a sua consistência.

De seguida, e em jeito de síntese, apresentamos um quadro (quadro 3.8) com a seleção dos textos mais significativos e representativos das ideias mestras do legado por temática. Sabemos que esta seleção é subjetiva e que provavelmente mudaria conforme a pessoa que a realizasse; no entanto, apesar dessa subjetividade, e face à investigação

realizada, estamos convencidos que é válida e que é realmente representativa e significativa das ideias mestras.

Foram seleccionados 32 textos, e observamos que 13 deles estão publicados (4 textos em *Fundamentos de Arquitectura Paisagista*, 1993) e 19 são inéditos. É também de realçar que a grande maioria dos textos seleccionados pertence ao tema 2 e 3, respectivamente o ordenamento e o equilíbrio da paisagem e a conservação da natureza e defesa da paisagem.

Quadro 3.8 – Os 32 textos seleccionados como mais representativos e significativos

nº	Título	Data
72	A Formação do Arquitecto Paisagista	1960
129	Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da Arquitectura Paisagista	1980
100	Conversa sobre Arquitectura Paisagista	1966
101	O Arquitecto Paisagista na construção do futuro	1966
102	Conclusões do I Colóquio de Arquitectura Paisagista	1967
6	A estrada e a paisagem	1940
11	Regime e correcção de rios	1942
93	Nova concepção de uma exploração florestal próxima da natureza no domínio da durilignosa	1963
116	Consolidação de taludes - Revestimentos vegetais	1973
117	Consolidação e revestimento de taludes	sd
71	A Árvore	1960
7	Alguns aspectos da vegetação das matas	1940
60	O vento, a sua acção, reacção na paisagem	sd
61	A chuva em Portugal	sd
16	Zonagem sob o ponto de vista paisagístico	1943
67	Inquérito e Planeamento	sd
108	A paisagem do Alentejo, algumas sugestões	1969
122	Sistematização e Classificação da Paisagem Rural	1978
128	Ordenamento Rural em função do seu ambiente: Ordenamento e exploração do solo	1979
130	O Continuum Naturale e a conservação da natureza	1980
131	The "Continuum Naturale" a series of lectures by Dr. Francisco Caldeira Cabral	sd
47	Proteção da Natureza e Arquitetura Paisagista	1955
92	Parques Nacionais	1963
136	Proteção da natureza - que natureza?	1988
54	O valor humano da paisagem	sd
99	A evolução da agricultura	1965
104	A paisagem como expressão de cultura	1967
105	Defesa da Paisagem	1968
113	A evolução da agricultura	1971
5	Jardins	1940
88	Construção de jardins	1963
137	Os jardins históricos e a importância da sua conservação	1988

4. Considerações finais

Na Monografia (Andresen, 2001), a autora, a seguir a uma cronologia dos trabalhos realizados por Francisco Caldeira Cabral, apresenta uma listagem de “Written works by Francisco Caldeira Cabral”. A tradução direta e literal para português – trabalhos escritos – traduz verdadeiramente o que são estes textos que acabámos de trabalhar. Estamos perante uma obra de arquitetura paisagista, obra escrita de valor e representativa do início desta profissão em Portugal.

No fim desta investigação, gostaríamos de tecer algumas notas finais sobre a obra escrita de Francisco Caldeira Cabral que foi o tema desta dissertação.

O legado escrito é composto por trabalhos escritos muito diversos, de grande atualidade, representativos do despertar da consciência para a conservação da natureza e defesa da paisagem, com uma visão humanista e universal, repetitivos nos seus conteúdos e de importância fundacional para a arquitetura paisagista. De seguida, iremos desenvolver cada uma destas afirmações.

a) A diversidade da obra escrita de Francisco Caldeira Cabral

Os trabalhos escritos estudados são muito diversos, o que provoca alguma hesitação na sua sistematização, mas é simultaneamente essa diversidade uma das suas riquezas. Estamos a falar de um longo período de tempo, de 58 anos de trabalhos escritos, o que resulta numa grande diversidade, quer do tipo de texto, como vimos no capítulo 2, quer do conteúdo, como vimos no capítulo 3. Francisco Caldeira Cabral conseguiu abranger, com conhecimento profundo, as várias dimensões da sua profissão, nomeadamente o projeto nos seus inúmeros aspectos, o ordenamento do território, a conservação da natureza e a gestão dos recursos naturais e culturais. Estes assuntos foram, por ele, estudados e apresentados, quer nos aspetos mais gerais e teóricos, quer nos aspetos mais técnicos e pormenorizados.

Como vimos, podemos consultar um texto de uma aula cujo assunto é o problema da rega em Portugal (sem data), um parecer sobre o Parque Natural da Arrábida (1971), uma comunicação sobre o papel do Jardim Zoológico na difusão de conceitos fundamentais de defesa do ambiente (1973), uma exposição ao ministério da educação sobre o curso de arquitetura paisagista no ISA (1941), uma apresentação sobre o significado da recuperação de sítios e jardins históricos (1988), ou uma conferência sobre

a instalação de novas indústrias em “Paisagem Urbana” (1963). Comunicações apresentadas em vários sítios do mundo, nomeadamente Japão, Alemanha, Espanha, Inglaterra, EUA e Israel.

É interessante verificar que esta abrangência e pormenor, características do legado escrito, são também duas das características que defendia para a profissão - “*É uma arte muito subtil, com uma técnica muito apurada e que se apoia numa ciência muito vasta*” (“Conversa sobre arquitectura paisagista”, 1966) - ou seja, com visão ampla e capacidade de síntese, mas baseada em dados concretos científicos e detalhadamente estudados.

b) A actualidade (ou modernidade) da obra escrita de Francisco Caldeira Cabral

Salvo pequenas exceções, os textos mantêm grande atualidade e muitas das ideias estão antes do seu tempo, pois já tratava de questões que estão hoje na mesa do debate, como, por exemplo, as hortas urbanas, a necessidade de se voltar à agricultura mais variada, o uso excessivo de químicos nos animais e nas plantas e as suas consequências nefastas no ambiente e no homem, ou a importância de pensar nas gerações vindouras, o que hoje se chamaria a solidariedade entre gerações. E mais exemplos há, como a importância da participação nos projetos e nos planos, muito referida nos textos sobre ensino e profissão, algo que hoje se procura realizar através de várias tentativas no planeamento do território. Ou como a proposta de renovação do jardim português com base nas suas características tradicionais, muitas das vezes de expressiva sustentabilidade, ou a defesa dos espaços verdes como um sistema contínuo na cidade, ou a interdependência entre todos os fatores que influem na paisagem.

É também de realçar que nunca refere a palavra sustentabilidade, mas refere a seguinte expressão - “*sustento atual e futuro*” - que significa a mesma coisa.

c) O contributo da obra escrita de Francisco Caldeira Cabral para o despertar da consciência da proteção e conservação da natureza e da paisagem

Na continuidade do que dissemos anteriormente, Francisco Caldeira Cabral foi, como verificámos, um pioneiro da arquitetura paisagista, da proteção da natureza e da defesa e promoção da paisagem.

Mas um destaque especial é exigido para a ideia do *continuum naturale* que influenciou toda uma concretização de conteúdos legais desde das políticas públicas nomeadamente

no domínio da Conservação da Natureza, do Ordenamento do Território e do Ambiente em Portugal, como sejam as Áreas Protegidas (Decreto-Lei nº 613/76), a Reserva Ecológica Nacional (Decreto-Lei nº321/83), a Reserva Agrícola Nacional (Decreto-Lei nº 451/82), e a Lei de Bases do Ambiente (Lei n.º 11/87).

Não poderíamos também deixar de referir o forte envolvimento de Francisco Caldeira Cabral em associações de protecção e conservação da natureza e da paisagem, nomeadamente na Liga para a Protecção da Natureza e na Sociedade de Geografia de Lisboa.

d) A visão humanista e universal

Da leitura atenta dos textos de Francisco Caldeira Cabral, salta à vista um grande conhecimento da natureza humana. Visível, por exemplo, num texto onde refere como se deve abordar a mudança de mentalidades das pessoas que trabalham na função pública, ou noutro em que explica como se deve conversar com o cliente de um projeto de jardim privado. Noutro texto ainda refere as virtudes exigidas para o trabalho de grupo, que tanto defendeu, que dizia serem a simplicidade, a humildade, a generosidade e a coragem para voltar atrás quantas vezes for necessário.

Esta visão humanista também é expressa noutro sentido: referimo-nos ao que Francisco Caldeira Cabral, principalmente nos textos sobre o ensino e a profissão, refere como a importância do arquiteto paisagista desenvolver a consciência de que está ao serviço dos outros e ao serviço do bem comum da humanidade.

E dizemos universal porque o legado escrito foi proferido e está publicado em diversos países do mundo, não podendo esquecer o número de textos ligados ao seu papel na IFLA. Por outro lado, as viagens que fez, na procura da compreensão da paisagem, permitiram-lhe que o seu legado escrito fosse “ilustrado” de exemplos, não só de Portugal, da sua região, mas de vários cantos do mundo.

e) A repetição de conteúdos na obra escrita de Francisco Caldeira Cabral

Tal como já foi referido anteriormente, pretendeu-se, no anexo III, analisar esta questão da sobreposição de conteúdos dos diferentes textos. É uma questão fundamental porque, quando se pretender publicar o legado, surgirão com certeza as seguintes perguntas: Qual o texto que se publica ou se divulga? Todos ou só alguns? E dentro de cada temática, qual deles?

Não podemos esquecer que *Fundamentos da Arquitectura Paisagista* (1993) é um livro composto por uma seleção de textos organizados por diferentes temáticas e aí também já estava presente esta questão da repetição de conteúdos entre textos diferentes. Francisco Caldeira Cabral não construiu, com base nos textos soltos, um novo texto sobre cada temática. Esta poderia ter sido uma hipótese na altura (não sabemos) e também pode ser hoje, mas não poderíamos deixar de salientar que realmente não o fez. De facto, cada texto tem a sua particularidade, um parágrafo especial, um exemplo diferente, uma citação.

f) **A relevância da obra escrita de Francisco Caldeira Cabral ou a importância da sua divulgação**

A definição de trave-mestra é “*grande tronco ou madeiro retilíneo, grosso e comprido, usado para sustentar partes elevadas de uma construção*” (Dicionário do Português Atual, Houaiss, Círculo de Leitores, 1ª edição, agosto de 2011). Fazendo a analogia para o legado escrito de Francisco Caldeira Cabral podemos dizer que estes textos inéditos ou dispersos por diversas publicações são (ou fazem parte) de uma “trave-mestra” para a disciplina da arquitetura paisagista. A síntese das ideias mestras é reveladora deste elemento estrutural, que apesar de em parte ser desconhecido, ou invisível, está presente na teoria e na prática da arquitetura paisagista atual.

Como proposta final, afirmamos que é impreterível que este legado seja divulgado e que tem todas as condições para o ser. Julgamos que a melhor maneira de o fazer será a divulgação de todo o legado escrito de Francisco Caldeira Cabral através de um sítio na Internet e a publicação cuidada de vários textos considerados mais relevantes das ideias mestras ao encontro da proposta construída no âmbito desta investigação e que temos vindo a apresentar.

Com esta investigação, descobrimos a necessidade de vários trabalhos futuros, como já se foi apontando ao longo da dissertação, nomeadamente a integração das memórias descritivas dos projetos e da correspondência de Francisco Caldeira Cabral, como uma fonte de informação riquíssima das suas ideias e, também, a pesquisa dos textos originais e das suas imagens.

Referências bibliográficas

- AA.VV, *Francisco Caldeira Cabral – Memórias do mestre no centenário do seu nascimento*, Coordenação João Reis Gomes, Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas, 2009.
- AA.VV, *Prof. Francisco Caldeira Cabral 1908-1992*, Coordenação António Adriano, Comissão Municipal de Toponímia da Câmara Municipal de Lisboa, 2008.
- AA.VV, *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*, Coordenação Teresa Andresen, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Anagnostopoulos George L., Dorn Hans, Downing Michael F., Rodel Heiner, *IFLA Past, Present, Future*, International Federation of Landscape Architects, 2000.
- Andresen, Teresa; *Francisco Caldeira Cabral*, Surrey, UK, Landscape Design Trust Monograph Series, 2001.
- Andresen, Teresa, Camara, Teresa B., Carvalho, Luís G., *Lugares da Arquitectura Portuguesa 1940-1970*, (pp. 144-313), *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Andresen, Teresa, *Três Décadas de Arquitectura Paisagista em Portugal: 1940-1970*, (pp. 18-97), *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, Francisco Caldeira Cabral e a primeira geração de arquitectos paisagistas (1940-1970)*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- Cabral, Francisco Caldeira, *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*, ICN, Lisboa, 2ª edição, 2003.
- Cabral, Francisco Caldeira, Telles, Gonçalo Ribeiro, *A Árvore em Portugal*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2ª edição, 1999.

Sítios electrónicos

www.apap.pt

www.lpn.pt

<http://proffranciscocaldeiracabral.portaldojardim.com/>

www.socgeografialisboa.pt

Anexo I - Origem da identificação dos textos inventariados

Anexo I - Origem da identificação dos textos inventariados

nº	Título	Textos identificados no Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Textos identificados na Biblioteca do ISA	Textos identificados Biblioteca Nacional	Trabalhos escritos identificados em "Francisco Caldeira Cabral", Teresa Andresen, 2001	Publicações indentificadas no livro "Francisco Caldeira Cabral, Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento", 2009
1	Parque Nacional da Ajuda		1 exemplar - Original			
2	As coníferas - Breve estudo dos seus géneros de maior interesse silvícola e ornamental		2 exemplares			
3	Sobre o Jardim Botânico da Ajuda. Construção do jardim do plano superior		1 exemplar - Original			
4	Curso de Desenho organográfico					
5	Jardins		O único exemplar da BISA está desaparecido	3 exemplares		
6	A estrada e a paisagem		Não tivemos acesso a este documento			
7	Alguns aspectos da vegetação das Matas					
8	As flores e o Jardim					
9	Curso livre de Arquitectura Paisagista - Esboço do programa					
10	Sem título					
11	Regime e correcção de Rios					
12	A flora espontânea e a jardinagem					
13	Arquitectura paisagista		O único exemplar da BISA está desaparecido			
14	A erosão e a paisagem					
15	Jardins de Portugal					
16	Zonagem sob o ponto de vista paisagístico					
17	Em defesa da paisagem continental - Jardins de Portugal/ Jardins Portugueses					
18	A árvore como elemento da paisagem					
19	A mata como elemento da paisagem					
20	1ª Lição do Curso de Arquitectura Paisagista					
21	O homem e o Meio					

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Textos identificados no Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Textos identificados na Biblioteca do ISA	Textos identificados Biblioteca Nacional	Trabalhos escritos identificados em "Francisco Caldeira Cabral", Teresa Andresen, 2001	Publicações indetificadas no livro "Francisco Caldeira Cabral, Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento", 2009
22	A Madeira e a sua paisagem					
23	Sem título					
24	Considerações gerais					
25	Horário Curso Livre AP ano lectivo 1946/47					
26	A Architectura Paisagista como Arte					
27	O mecanismo da erosão					
28	Erosão					
29	A vida das plantas					
30	O vento e a paisagem					
31	"O conceito de arquitectura paisagista"					
32	VII Lição - Hidrômetros					
33	História de arte geral					
34	História de arte dos jardins					
35	Arquitectura Paisagista					
36	Construção de jardins					
37	Trabalhos a apresentar pelos alunos					
38	Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista					
39	Cultura geral e especialização - aspectos relativos à profissão agrónómica					
40	Curso livre de Arquitectura Paisagista, Centro de estudos					
41	Portugal - A sua situação na Europa					
42	Portugal: Clima, Solo e Vegetação					
43	Estudo geral do Continente Europeu					
44	Europa - Clima (Continuação)					
45	A vegetação da Europa					
46	Arquitectura paisagista - a criação artística					
47	Protecção à Natureza e arquitectura Paisagista					
48	A missão do Arquitecto Paisagista					

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Textos identificados no Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Textos identificados na Biblioteca do ISA	Textos identificados Biblioteca Nacional	Trabalhos escritos identificados em "Francisco Caldeira Cabral", Teresa Andresen, 2001	Publicações indetificadas no livro "Francisco Caldeira Cabral, Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento", 2009
49	As responsabilidades sociais do arquitecto paisagista					
50	As responsabilidades do meio Agrário perante as Encíclicas Sociais					
51	Arquitectura paisagista: o que é? – A arquitectura do espaço exterior.					
52	Conceitos fundamentais da Paisagem Humanizada					
53	O equilíbrio da paisagem					
54	O valor humano da paisagem					
55	Problemas político-económicos da paisagem					
56	Arquitectura Paisagista - A sua missão					
57	O valor da paisagem natural					
58	O carácter das cidades portuguesas					
59	Factores climáticos					
60	O vento, a sua acção, reacção na paisagem					
61	A chuva em Portugal					
62	O problema da rega em Portugal					
63	Enxugo das terras					
64	Os elementos da Mata. O coberto e a orla					
65	A arborização do país e a protecção do solo nacional					
66	Reconversão e transformação da paisagem					
67	Inquérito e Planeamento					
68	Curso livre de Arquitectura Paisagista					
69	Sem título					
70	Sobre a Reforma de Estudos do Instituto Superior de Agronomia					
71	"A árvore"					
72	A Formação do Arquitecto Paisagista					

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Textos identificados no Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Textos identificados na Biblioteca do ISA	Textos identificados Biblioteca Nacional	Trabalhos escritos identificados em "Francisco Caldeira Cabral", Teresa Andresen, 2001	Publicações indetificadas no livro "Francisco Caldeira Cabral, Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento", 2009
73	O Alentejo - Considerações acerca dos seus problemas agrícolas					
74	O ensino da matemática no Instituto Superior de Agronomia					
75	O ensino agrícola					
76	O Ensino agrícola superior					
77	Curso de Arquitectura Paisagista					
78	Estudo da protecção dos Campos de Loures					
79	A mata e a Paisagem					
80	Protecção das Regiões de Beleza Natural - A protecção das regiões costeiras					
81	"Vom Gartenarchitekten zum Landschaftsarchitekten: die Ausweitung des Berufes."					
82	O projecto da paisagem multifacetada					
83	O futuro da Arquitectura Paisagista					
84	História da arte dos jardins: O Egipto					
85	Küstenschutz in Portugal, Arbeitskreis der Landschaftsanwalte					
86	Curso de Arquitectura Paisagista					
87	Memorial Centro de Estudos Arquitectura Paisagista					
88	Construção de jardins					
89	Neue Industrie in bewohnte Landschaft (Instalação de novas industrias em Paisagem Urbana)					
90	"The landscape architect's approach to design"					
91	Protecção da Natureza e Parques Nacionais					
92	Parques Nacionais					

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Textos identificados no Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Textos identificados na Biblioteca do ISA	Textos identificados Biblioteca Nacional	Trabalhos escritos identificados em "Francisco Caldeira Cabral", Teresa Andresen, 2001	Publicações indetificadas no livro "Francisco Caldeira Cabral, Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento", 2009
93	Nova concepção de uma exploração florestal próxima da natureza no domínio da durilignosa					
94	Finalidade do estudo de História de Arte no curso de Arquitectura Paisagista					
95	A Universidade hoje					
96	Man's environment and landscape architecture					
97	The landscape architects and the environment of man					
98	Situação do Curso livre de Arquitectura Paisagista em 1964					
99	Paisagem Portuguesa: origem e evolução				"Walddwirtschaft und landwirtschaft als wesentliche faktoren der kulturlandschaft im Mittelmeerraum, am Beispiel Portugals erlauter"	
100	Conversa sobre Arquitectura Paisagista				Discourse on landscape architecture	Discourse on landscape architecture
101	O Arquitecto Paisagista na construção do futuro					
102	Conclusões do I Colóquio de Arquitectura Paisagista					
103	O Homem e a natureza					
104	A paisagem como expressão de cultura					
105	Defesa da Paisagem					
106	Das Wasser in der Portugiesischen Landschaften Garten und Landschaft					
107	Movimentos de terra e drenagem					
108	A paisagem do Alentejo, algumas sugestões					
109	O ensino agrário elementar e médio					
110	Escola de Agricultura					
111	O Recreio nos arredores de Lisboa - possibilidades e problemas					
112	Protecção da Natureza e da Paisagem					
113	A evolução da agricultura					

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Textos identificados no Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Textos identificados na Biblioteca do ISA	Textos identificados Biblioteca Nacional	Trabalhos escritos identificados em "Francisco Caldeira Cabral", Teresa Andresen, 2001	Publicações indetificadas no livro "Francisco Caldeira Cabral, Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento", 2009
114	Parecer sobre o Parque Natural da Arrábida nos Concelhos de Setúbal e Palmela					
115	Parque Nacional da Arrábida nos concelhos de Setúbal e Palmela					
116	Consolidação de taludes - Revestimento vegetal					
117	Consolidação e revestimento de taludes					
118	A Paisagem e a Conservação das espécies - o papel do Zoo na difusão dos conceitos fundamentais					
119	Projecto da Associação de Arquitectura Paisagista					
120	La problemática paisajística en el planeamiento regional y urbano					
121	A conservação da natureza no planeamento biofísico do território					
122	Sistematização e Classificação da Paisagem Rural					
123	Simpósio do Parque Natural da Serra da Estrela					
124	La protection du paysage					
125	O Arquitecto Paisagista - O que é?					
126	Transformation du paysage					
127	Um parque natural na Serra da Estrela					
128	Ordenamiento Rural en función de su Ambiente: Ordenamiento y explotación del suelo					
129	Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da arquitectura paisagista					
130	O Continuum Naturale e a conservação da natureza					
131	The "Continuum Naturale" a series of lectures by Dr. Francisco Caldeira Cabral					

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Textos identificados no Arquivo António Caldeira Cabral/ Teresa Andresen	Textos identificados na Biblioteca do ISA	Textos identificados Biblioteca Nacional	Trabalhos escritos identificados em "Francisco Caldeira Cabral", Teresa Andresen, 2001	Publicações indetificadas no livro "Francisco Caldeira Cabral, Memórias do mestre, no centenário do seu nascimento", 2009
132	Manual de microclimatologia: o clima da camada de ar junto ao solo , Rudolf Geiger			2 exemplares		
133	Evolução provável da agricultura europeia nos fins do século XX					
134	A profissão do arquitecto paisagista, Sua evolução em Portugal					
135	Na inauguração da sede do Parque Natural da Serra da Estrela					
136	Protecção da natureza - que natureza?					
137	Os jardins históricos e a importância da sua conservação					
138	O significado da Recuperação de sítios e jardins históricos					
139	Alguns conceitos fundamentais da Arquitectura Paisagista - a arte, o projecto, o trabalho de equipa					
140	Sintra, Património Cultural e Natural					
141	A Biomassa Fonte de energia renovável					
142	Valores culturais do Património da Paisagem - As uveiras minhotas					
143	Considerações sobre a evolução do Agro Nacional					
144	Industrialização e desenvolvimento: salvaguarda e promoção dos meios rurais					
145	A influência da política no estilo - actualidade do problema					
146	O turismo e a paisagem					

Identificação do texto

Anexo II - Inventário e caracterização do legado escrito

ANEXO II - Inventário e caracterização do legado escrito

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
1	Parque Nacional da Ajuda	1932, 30 Nov.	Não publicado	D	C	70	A5	SL	NR	NA	Muitos gráficos e desenhos recuperáveis, tem 1 desenho grande assinado.	Lx	Relatório final do Curso de Engenheiro Agrônomo.
2	As coníferas - Breve estudo dos seus géneros de maior interesse silvícola e ornamental		Boletim Agros, Ano XIX N.º 2, Março-Abril 1936, pag. 64-77; Boletim Agros, Ano XIX N.º 3, Maio-Junho 1936, pag. 111-132	D	C	36	A4	Agros	NR	NA	SI	D	Artigo
3	Sobre o Jardim Botânico da Ajuda. Construção do jardim do plano superior	1936, 6 Nov.	Não publicado	D	C	64	A4	SL	NR	A	Tem pequenos desenhos e uma planta recuperáveis	Lx	Relatório de tirocínio de Engenheiro-Agrônomo
4	Curso de Desenho Organográfico	sd	Não publicado	D	C	2	A4	FCC Rua Salitre	NR	NA	SI	D	Programa de disciplina
5	Jardins	1940, 8 Jun.	Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 16p, 1940; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 75-86	D	C	12	A5	SL	NR	NA	SI	D	Conferência no ISA na 1ª Exposição Nacional Floricultura
6	A estrada e a paisagem		Revista Agronómica 38 (3) pp. 209-228, 1940; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 137-154	D	C	18	A5	SL	NR	NA	Várias fotografias e desenhos utilizáveis	D	Artigo
7	Alguns aspectos da vegetação das Matas		Agros, Ano XXIII, Maio/Junho 1940, n.º3, pag. 96 a 101	D	C	7	A5	Agros	NR	NA	6 fotos a preto e branco irrecuperáveis	D	Artigo
8	As flores e o Jardim	1941	Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 87-114	D	C	28	A5	SL	NR	NA	Várias fotografias utilizáveis		Conferência no ISA na 2ª Exposição Nacional Floricultura
9	Curso livre de Arquitectura Paisagista - Esboço do programa	1941, 11 de Jan.	Não publicado	D	C	6	A4	SL	R	NA	SI	Lx	Programa do curso
10	Sem título	sd	Não publicado	D	C	7	A4	FCC Rua Salitre	NR	NA	SI	D	Exposição ao Ministro da educação

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
11	Regime e correcção de Rios	1942	Não publicado	Di	C	6	A4	SL	NR	NA	3 desenhos recuperáveis	D	Lição
12	A flora espontânea e a jardinagem	sd	Não publicado	D	C	5	A4	SL	NR	NA	SI	D	D
13	Arquitectura paisagista	1943, 20 Jan.	Conferências realizadas no ano lectivo de 1942/43, Universidade Técnica de Lisboa, 1943; incluída na Separata «Arquitectura Paisagista»; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 115-128	D	C	14	A5	SL	NR	NA	Várias fotografias utilizáveis	D	Conferência ISA
14	A erosão e a paisagem	1943, 25 Jan.	Separata de conferências realizadas no ano lectivo de 1942-1943, 37 pag.; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 155-178	D	C	24	A5	SL	NR	NA	Várias fotografias utilizáveis	D	Lição
15	Jardins de Portugal	1943, 1 Fev.	Panorama n.º 15/16, Julho 1943; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 115-128	D	C	14	A5	SL	NR	NA	Várias fotografias utilizáveis		Lição
16	Zonagem sob o ponto de vista paisagístico	1943	Separata dos anais do Instituto Superior de Agronomia, Vol. XIV, 11 pag., 1943; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 179-189	D	C	11	A5	SL	NR	NA	SI	D	Contribuições para o 4º Symposium - O Ressurgimento Florestal do País do 1º Congresso Nacional de Ciências Agrárias, Lisboa
17	Em defesa da paisagem continental - Jardins de Portugal/ Jardins Portugueses		Panorama n.º 15/16, Julho 1943; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 129-134	D	C	6	A5	SL	NR	NA	uma fotografia recuperável	D	2 artigos na revista Panorama
18	A árvore como elemento da paisagem	1943	Não publicado	M	C	6	A5	SL	R	NA	Tem um desenho irre recuperável.	D	Lição
19	A mata como elemento da paisagem	1944	Não publicado	Di	C	2	A4	SL	NR	NA	SI	D	Lição AP, ISA

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
20	1ª Lição do Curso de Arquitectura Paisagista	sd	Não publicado	M	C	5	A5 pau tada	SL	NR	NA	SI	D	Lição
21	O homem e o Meio	1944, 20 Nov.	Não publicado	M	C	3	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição
22	A Madeira e a sua paisagem	sd	Não publicado	M	C	25	A5, A4	Empresa Insulana de Navegação, Consultório de Caldeira Cabral	R	NA	Possui legendas de várias imagens, mas não as temos	D	D
23	Sem título	sd	Não publicado	D	C	4	A4, A6	SL	NR	NA	SI	D	Exposição a pedir um funcionário para o ISA
24	Considerações gerais	1945, 23 Out.	Não publicado	D	C	2	A4	FCC Rua Salitre	NR	NA	SI	Lx	Exposição a uma pessoa superior
25	Horário Curso Livre AP ano lectivo 1946/47	1946	Não publicado	D	C	1	A4	FCC Rua Salitre	NR	NA	SI	D	Horário das aulas
26	A Arquitectura Paisagista como Arte	1948	Não publicado	D	C	5	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição
27	O mecanismo da erosão	1949	Não publicado	M	C	5	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição
28	Erosão	sd	Não publicado	D	C	8	A4	SL	R	NA	Refere fotos, mas não temos	D	D
29	A vida das plantas	sd	Não publicado	D	C	7	A4	SL	R	NA	SI	D	D
30	O vento e a paisagem		Arado n.º 12 (122), 1-3, 1ª Série, 1949										Artigo
31	O conceito de arquitectura paisagista	1950, Jan.	Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, da pág.37-44	D	C	8	A4	SL	NR	NA	SI	D	1ª Lição Curso livre de AP, ISA
32	VII Lição - Hidrómetros	1950, 13 Nov.	Não publicado	D	C	4	A4	SL	NR	NA	SI	D	Lição
33	História de arte geral	1950, Nov.	Não publicado	D	C	3	A4	SL	NR	NA	SI	Lx	Programa de disciplina
34	História de arte dos jardins	1950, Nov.	Não publicado	D	C	4	A4	SL	NR	NA	SI	Lx	Programa de disciplina
35	Arquitectura Paisagista	1950, 3 Nov.	Não publicado	D	C	4	A4	SL	NR	NA	SI	Lx	Programa de disciplina
36	Construção de jardins	1950, Nov.	Não publicado	D	C	3	A4	SL	NR	NA	SI	Lx	Programa de disciplina

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
37	Trabalhos a apresentar pelos alunos	sd	Não publicado	M	C	2	A4	SL	R	NA	SI	D	Trabalhos a apresentar pelos alunos
38	Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista	sd	Não publicado	D	C	2	A4	FCC	R	NA	SI	D	D
39	Cultura geral e especialização - aspectos relativos à profissão agronómica		1954*										1ª lição do curso de Deontologia Agronómica da JUC, ISA, Lisboa
40	Curso livre de Arquitectura Paisagista, Centro de estudos		Boletim Agros Ano XXXVIII, n.º 3-6, Maio-Dezembro, pag. 357-360, 1955	D	D	4	A5	Agros	NR	NA	SI	D	Artigo
41	Portugal - A sua situação na Europa	sd	Não publicado	D	C	4	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição
42	Portugal: Clima, Solo e Vegetação	sd	Não publicado	D	C	6	A4	SL	NR	NA	SI	D	2 Lições
43	Estudo geral do Continente Europeu	1955, 10 Nov.	Não publicado	D	C	4	A4	SL	NR	NA	SI	D	Lição
44	Europa - Clima (Continuação)	1955, 17 Nov.	Não publicado	D	C	5	A4	SL	NR	NA	2 imagens ou esquemas, que não temos	D	Lição
45	A vegetação da Europa	1955, 24 Nov.	Não publicado	D	C	2	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição
46	Arquitectura paisagista - a criação artística	1955, 15 Dez	Não publicado	D	C	5	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição
47	Protecção à Natureza e arquitectura Paisagista	1955, 30 de Mar.	Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Abril/Junho 1956, Série 74.ª- n.º 4-6 (1956) p. 151-161	D	C	19	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	Possui 26 fotografias legendadas (imagens inutilizáveis)	D	Conferência na Sociedade de Geografia de Lisboa
48	A missão do Arquitecto Paisagista	1956, 18 Maio	Agros, ano XL, n.º2, Março/Abril, pp59-68, 1957; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 45-53	D	C	9	A5	SL	NR	NA	SI	D	Conferência ISA
49	As responsabilidades socias do arquitecto paisagista	1956	Não publicado	Di	C	3	A4	SL	NR	NA	SI	D	Esboço de duas lições AP
50	As responsabilidades do meio Agrário perante as Encíclica Sociais	1956, 22 Maio	Não publicado	D	C	5	A4	SL	NR	NA	SI	D	Ao microfone da Radio Renascença

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
51	Arquitectura paisagista: o que é? – A arquitectura do espaço exterior	sd	Não publicado	D	C	4	A4	SL	R	NA	SI	D	D
52	Conceitos fundamentais da Paisagem Humanizada	1958	Não publicado	D	C	5	A4	SL	R	NA	SI	D	Lições de Arquitectura Paisagista
53	O equilíbrio da paisagem		Diário ilustrado, 1958*	D	C	4	A4	SL	R	NA	SI	D	Artigo
54	O valor humano da paisagem	sd	Não publicado	D	C	9	A4	SL	R	NA	SI	D	D
55	Problemas político-económicos da paisagem	sd	Não publicado	D	C	3	A4	SL	NR	NA	SI	D	D
56	Arquitectura Paisagista - A sua missão	sd	Não publicado	D	C	8	A4	SL	NR	NA	SI	D	D
57	O valor da paisagem natural	sd	Não publicado	D	C	2	A4	SL	NR	NA	SI	D	1ª lição
58	O carácter das cidades portuguesas	sd	Não publicado	D	C	2	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição
59	Factores climáticos	sd	Não publicado	D	C	5	A4	SL	R	NA	Devia ter imagens	D	Lição
60	O vento, a sua acção, reacção na paisagem	sd	Não publicado	D	C	7	A4	SL	NR	NA	SI	D	Lição
61	A chuva em Portugal	sd	Não publicado	M	C	8	A4	SL	NR	NA	Tem um desenho esquemático de difícil reprodução	D	D
62	O problema da rega em Portugal	sd	Não publicado	D	C	6	A4	SL	R	NA	SI	D	D
63	Enxugo das terras	sd	Não publicado	M	C	17	A5	SL	NR	NA	Refere figuras que não temos	D	D
64	Os elementos da mata. O coberto e a orla	sd	Não publicado	M	C	5	A4	SL	R	NA	Várias tabelas e um gráfico	D	Lição de AP
65	A arborização do país e a protecção do solo nacional	sd	Não publicado	D	C	4	A4	SL	R	NA	SI	D	D
66	Reconversão e transformação da paisagem	sd	Não publicado	D,M	C	9	A4	SL	R	NA	Tem um diagrama utilizável e refere diapositivos que não temos	D	D
67	Inquérito e Planeamento	sd	Não publicado	D	C	7	A4	SL	R	NA	SI	D	D

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
68	Curso livre de Arquitectura Paisagista	1959, 24 Nov.	Não publicado	M	C	6	A4	SL	R	NA	SI	D	Exposição a uma pessoa superior
69	Sem titulo	sd	Não publicado	D	C	3	A4	Centro de Estudos	NR	NA	SI	D	D
70	Sobre a Reforma de Estudos do Instituto Superior de Agronomia	1960	Não publicado	D	C	4	A4	SL	R	NA	SI	D	Exposição ao Conselho Escolar
71	A Árvore		Com Gonçalo Ribeiro Telles, Centro de Estudos do Urbanismo do Ministério das Obras Públicas, em colaboração com Centro de Estudos de AP do ISA, 1960, Lisboa. Reeditado Assírio e Alvim, 1999, 2005, Lisboa.	D	C	203	A5	SL	NR	NA	Muitas imagens utilizáveis	D	Livro
72	A Formação do Arquitecto Paisagista	1960	"Space for Living"(Amsterdam papers), IFLA Djambatan -Publishers and Cartographers, Amsterdam, 1962	D	C	6	A4	SL	NR	NA	SI	D	Comunicação no VII Congresso da IFLA, 2ªSecção, Junho 1960, Amesterdão, Holanda.
73	O Alentejo - Considerações acerca dos seus problemas agrícolas	sd	Não publicado.	M	C	25	A4	SL	R	NA	Tem 7 desenhos/esquemas interessantes	D	D
74	O ensino da matemática no Instituto Superior de Agronomia	sd	Não publicado	M	C	7	A4	SL	R	NA	SI	D	Exposição ao Conselho Escolar
75	O ensino agrícola		Rumo, vol. 54, pág. 100-107, 1961	D	C	8	A5	SL	NR	NA	SI	D	Artigo
76	O Ensino agrícola superior	sd	Não publicado.	M	C	12	A4	Centro de Estudos	R	NA	SI	D	Artigo
77	Curso de Arquitectura Paisagista	sd	Não publicado	M	C	8	A4	SL	R	NA	SI	D	Exposição a uma pessoa superior
78	Estudo da protecção dos Campos de Loures	sd	Não publicado	D	C	5	A4	SL	NR	NA	SI	D	Estudo
79	A mata e a Paisagem	sd	Não publicado	D	C	6	A4	SL	NR	NA	SI	D	Palestra

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
80	Protecção das regiões de beleza natural - A protecção das regiões costeiras	1962	Não publicado	D	C	5	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	Devia ter fotos, mas não temos	D	Comunicação apresentada no Seminário sobre Protecção da Costa, organizado pelo Arbeitskreis der Landschaftsanwalte-Husum, Alemanha.
81	Vom Gartenarchitekten zum Landschaftsarchitekten: die Ausweitung des Berufes		Garten und Landschaft, 72 JHGR, 1962										Discurso de encerramento VII Congresso IFLA, Garten und Landschaftschutz in Portugal.
82	O projecto da paisagem multifacetada	1962	"The manifold landscape design" - Shaping tomorrow's Landscape, IFLA Djambattam, Amesterdão, 1964 (?); Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 191-197	D	C	7	A5	SL	NR	NA	SI	D	Comunicação VIII Congresso IFLA, Haifa, Israel, 1962
83	O futuro da Arquitectura Paisagista	1962, 9 Jun.	Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, da pág. 65-71	D	C	7	A5	SL	NR	NA	SI	Jerusalém	Discurso da tomada de posse de presidente IFLA, VIII Congresso IFLA, Jerusalem, Israel
84	História da arte dos jardins: O Egipto		Agros, Ano 45, Novembro-Dezembro, n.º 6, pag. 289-291, 1962	D	C	3	A4	Agros	NR	NA	Tem imagens recuperáveis	D	Artigo
85	Kustenschutz in Portugal, Arbeitskreis der Landschaftsanwalte	1962	Husum, Alemanha										
86	Curso de Arquitectura Paisagista	sd	Não publicado	D	C	6	A4	ISA	NR	NA	SI	D	Exposição a uma pessoa superior
87	Memorial Centro de Estudos Arquitectura Paisagista	1963, 24 Jul.	Não publicado	D	C	4	A4	SL	R	NA	SI	Lx	Exposição a uma pessoa superior

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
88	Construção de jardins		Agros ano 46, Jan-Fev. n.º 1, pag. 55-59, 1963, Lisboa; Agros Ano 46, n.º 2, pag. 151-156, 1963, Lisboa	D	C	11	A4	Agros	NR	NA	Tem muitas imagens, gráficos e tabelas recuperáveis	D	Artigo
89	Neue Industrie in bewohnte Landschaft (Instalação de novas indústrias em Paisagem Urbana)		Actas do congresso regional de Rheydt, 1963	D	C	8	A4	SL	R	NA	SI	D	Conferência pronunciada no Congresso Regional da Associação Alemã de Arquitectos Paisagistas (BOGA) em Rheydt (Colónia)
90	"The landscape architect's approach to design"	1963, 17 Set.	Landskab, 1963 *	M	C	9	A4	SL	R	NA	SI	D	1º Centenário do Ensino da Horticultura no Real Colégio de Arquitectura e Veterinária de Copenhaga
91	Protecção da Natureza e Parques Nacionais	1963, 22 Dez.	Não publicado	D	C	8	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	O mesmo quadro e as mesmas imagens (que não temos) do texto 91	D	Palestra na Rádio Televisão Portuguesa, em Lisboa, em 22 de Dezembro 1963. Colóquio na Sessão Norte da Ordem dos Engenheiros.
92	Parques Nacionais	1963, 16 de Dez.	Não publicado	D	C	17	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	Tem 1 quadro e fala de 46 diapositivos, que não temos conhecemos	D	Conferência realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa
93	Nova concepção de uma exploração florestal próxima da natureza no domínio da durilignosa	1963, 2 Mar.	Separata "Festschrift für Heinrich Friedrich Wiekling - Verlag Eugen Ulmer", Stuttgart, 1962; Tradução portuguesa na revista Agros, n.49 (5-6). Pág .217-218-Set/Dez 1966	D	O	4	A4	SL	NR	A	SI	Carcavelos	Artigo
94	Finalidade do estudo de História de Arte no curso de Arquitectura Paisagista	1964, 5 Nov.	Não publicado	D	C	3	A4	SL	R	NA	SI	D	Lição de História de Arte Geral
95	A Universidade hoje	sd	Não publicado	D	C	7	A4	SL	R	NA	SI	D	D

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
96	Man's environment and landscape architecture	1964, Maio	*	M	C	5	A4	SL	R	NA	SI	D	Texto lido na abertura do IX Congresso IFLA de Tóquio
97	The landscape architects and the environment of man	sd	Não publicado	M	C	4	A4	SL	R	NA	SI	D	D
98	Situação do Curso livre de Arquitectura Paisagista em 1964	1964, 6 Fev.	Não publicado	D	C	3	A4	SL	NR	NA	SI	Lx	Documento de trabalho relativo ao ensino
99	Paisagem Portuguesa: origem e evolução	1965	Revista Architectura n.º 100 - pag. 234-237, Nov.Dez.1967	D	C	11	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	Tem fotografias utilizáveis	D	Conferência proferida na recepção do Prémio Schumacher na Technische Universitaet, Hannover, 1965
100	Conversa sobre Arquitectura Paisagista	1966, 22 Abr.	Journal of the Institute of Landscape Architects, n.º 75, August 1966; Fundamentos da Arquitectura Paisagista, 1993, pág. 55-63	D	C	9	A5	SL	NR	NA	SI	D	Palestra no Institute of Landscape Architects, Londres
101	O Arquitecto Paisagista na construção do futuro	1966	Não publicado	D	C	9	A4	SL	R	NA	SI	D	Inauguração da exposição de AP organizada por ocasião do 1º Colóquio Nacional de AP, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1966
102	Conclusões do I Colóquio de Arquitectura Paisagista	1967, 13 Jul.	Não publicado	D	C	3	A4	SL	NR	NA	SI	Lx	1º Colóquio AP na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
103	O Homem e a natureza	1967	Não publicado	D	C	10	A4	SL	NR	NA	SI	D	Notas explicativas da exposição de trabalhos de Arquitectura Paisagista.

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
104	A paisagem como expressão de cultura		Brotéria, Vol. LXXXIV, n.4, p.442-452, Abril, 1967	D	C	11	A4	FCC Rua Salitre	NR	NA	SI	D	Conferência proferida em Braga na faculdade de Filosofia
105	Defesa da Paisagem	1968, 20-24 Set.	Não publicado	D	C	17	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	SI	D	Colóquio sobre a salvaguarda da Paisagem e Sítios Históricos, Lisboa, 20-24 Set. 1968, CEUHEDP.
106	Das Wasser in der Portugiesischen Landschaften Garten und Landschaft		Garten und Landschaft, 1968 *										D
107	Movimentos de terra e drenagem	1968	*										D
108	A paisagem do Alentejo, algumas sugestões	1969, 2 Mar.	Não publicado	D	C	40	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	Fala de fotos que não temos e tem vários desenhos recuperáveis	D	Conferência pronunciada nos "Colóquios sobre Problemas Agrários" - Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo
109	O ensino agrário elementar e médio		Separata 1º Congresso dos Engenheiros Agrónomos e dos Engenheiros Silvicultores, 1969, Nova Lisboa, Angola	D	C	10	A5	SL	R	NA	SI	D	Artigo
110	Escola de Agricultura	sd	Não publicado	D	C	9	A5	SL	R	NA	SI	D	Desconhecida
111	O Recreio nos arredores de Lisboa - possibilidades e problemas	1970, 25 a 30 Maio	Furnaturschutz und Landschaftspflege n.º 19, pp. 50-53, 1970.	D	C	9	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	SI	D	Conferência proferida em Berlim no Deutscher Naturschutztag, de 25 a 30 de Maio de 1970
112	Protecção da Natureza e da Paisagem		Arquitectura, n.º 121-122, Lisboa, pp119-121, 1971										Artigo
113	A evolução da agricultura		Revista "Observador", Novembro de 1971	D	C	10	A4	SL	R	NA	SI	D	Entrevista

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
114	Parecer sobre o Parque Natural da Arrábida nos Concelhos de Setúbal e Palmela	sd	Não publicado	M	C	8	A4	SL	R	NA	É referido mapa anexo na escala 1:25 000 que não temos	D	Parecer sobre o Parque Natural da Arrábida nos Concelhos de Setúbal e Palmela
115	Parque Nacional da Arrábida nos concelhos de Setúbal e Palmela		Protecção da Natureza, Nova Série, n.º 12-13, Editor Liga para a Protecção da Natureza, Lisboa, 1971-1972										Artigo
116	Consolidação de taludes - Revestimento vegetal	1973, Jun.	Não publicado	D	C	24	A4	SL	NR	NA	Fala em diapositivos que não termos	D	Conferência no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa.
117	Consolidação e revestimento de taludes	sd	Não publicado	D	C	13	A4	SL	R	NA	SI	D	D
118	A Paisagem e a Conservação das espécies - o papel do Zoo na difusão dos conceitos fundamentais	1973, 25-29 Jun.	Não publicado	M	D	7	A4	SL	R	NA	SI	D	Conferência pronunciada no IV Congresso da União Ibérica de Zoos, Lisboa 25 a 29 de Junho de 1973.
119	Projecto da Associação de Arquitectura Paisagista	sd	Não publicado	D	C	3	A4	SL	R	NA	SI	D	Regulamento APAP
120	La problemática paisajística en el planeamiento regional y urbano	1977, 10 e 11 Nov.	Publicado *	D	C	4	A4	SL	NR	NA	SI	D	I Jornadas Técnicas internacionais de Paisagismo, Castillo de Manzanares el Real, Madrid, 10 e 11 de Novembro.
121	A conservação da natureza no planeamento biofísico do território	1977, 18 Jul.	Natureza e Paisagem n.º4, Ed. SNPRPP, 1978, Lisboa.	D	C	11	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	SI	Lx	Conferência realizada em 18 de Julho de 1977 na Semana de Estudos (?) em Lisboa

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
122	Sistematização e classificação da paisagem rural	1978	Não publicado	D	C	104	A4	FCC Av. Liberdade	NR	NA	Muitas fotografias (inutilizáveis) e esquemas	D	Estudo para a Direcção Geral de Planeamento Urbanístico, Lisboa. Em colaboração com E. Gonçalves, J. Elias, J. Cadeira Cabral.
123	Simpósio do Parque Natural da Serra da Estrela		1978*										Simpósio
124	La protection du paysage	1978	Não publicado										Colóquio sobre a salvaguarda da Paisagem e Sítios Históricos, 1978
125	O Arquitecto Paisagista - O que é?	1978, 11 Maio	Não publicado	Di	C	3	A4	SL	NR	NA	SI	D	Lição proferida no Colégio de Arquitectos de Catalunã y Baleares, Barcelona, 11 de Maio
126	Transformation du paysage		Naturopa, n.º33, pág. 4-6, Editor Cebtre Européen d'Information pour la Conservation de la Nature, Strasburg, 1979	D	C	3	A4	SL	NR	NA	Fotos irrecuperáveis	D	Artigo
127	Um parque natural na Serra da Estrela	sd	Noticias de Gouveia, s/número*	D	C	3	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	SI	D	Artigo
128	Ordenamiento Rural en funcion de su Ambiente: Ordenamiento y explotacion del suelo	1979	Não publicado	D	C	33	A4	FCC Rua Salitre	R	NA	SI	D	Curso no Centro Internacional de Altos Estudos Agronomicos Mediterraneo do Instituto Agronomico Mediterraneo de Zaragoza 5 a 8 de Fevereiro
129	Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da arquitectura paisagista	1980, Out.	*	D	C	10	A4	SL	R	NA	SI	D	Discurso proferido no Doutoramento <i>Honoris causa</i> , Universidade de Évora

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
130	O Continuum Naturale e a conservação da natureza	1980, 18-19 Abr.	Serviço de Estudos de Ambiente 1980 - recolha das comunicações proferidas durante o 1º Seminário sobre Conservação da Natureza, com republicação em 1982 *	D	C	10	A4	SL	R	NA	Refere 22 fotografias, não as temos	D	Comunicação do Seminário "Conservação da Natureza", Semana de estudos do Ambiente, Lisboa, 18 e 19 de Abril, Serviço de Estudos de Ambiente.
131	The "Continuum Naturale" a series of lectures by Dr. Francisco Caldeira Cabral	sd	*	D	C	63	A4	SL	R	NA	SI	D	Esboço para publicação de palestras de FCC na Department of Landscape Architecture the Pennsylvania State University.
132	Manual de microclimatologia: o clima da camada de ar junto ao solo , Rudolf Geiger		Fundação Calouste Gulbenkian, 556, [85] pág.1980. Tem uma 2ª edição em 1990										Tradução de FCC e Ivone de Gouveia, com colaboração de Lobo Azevedo
133	Evolução provável da agricultura europeia nos fins do século XX	1983, 2 Fev.	Não publicado	D	C	4	A4	SL	R	NA	SI	Lx	D
134	A profissão do arquitecto paisagista, Sua evolução em Portugal		Boletim nº 0 da Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas, 1984; Reeditado em 2003, no catálogo da Exposição "Do estádio nacional ao jardim Gulbenkian", pág. 16 e 17.	D	C	4	A4	SL	R	A	SI	Lx	Artigo para Boletim
135	Na inauguração da sede do Parque Natural da Serra da Estrela	1987, 22 Nov.	Não publicado	D	C	5	A4	FCC Av. Liberdade	R	NA	SI	D	Palestra em Manteigas 22 de Novembro de 1987
136	Protecção da natureza - que natureza?	1988	Não publicado	D	O	14	A4	FCC Rua Salitre	NR	NA	SI	D	D
137	Os jardins históricos e a importância da sua conservação	1988, 26 Abr.	Não publicado	M	C	3	A4	SL	NR	A, AP AP	Devia ter imagens, mas não temos	Lx	Desconhecida, parece ser de uma palestra

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização									
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)
138	O significado da Recuperação de sítios e jardins históricos	1988, Abr.	Não publicado	D	C	2	A4	SL	NR	A, AP AP	SI	D	Assinatura de um protocolo Programa de Recuperação de Jardins Históricos do Instituto Português do Património Cultural com a Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas
139	Alguns conceitos fundamentais da Arquitectura Paisagista - a arte, o projecto, o trabalho de equipa	1988, 2 Dez.	Não publicado	Di	C	5	A4	SL	R	NA	SI	Évora	D
140	Sintra, Património Cultural e Natural	1989, 16 Out	Publicação da Associação de Defesa do Património, Sintra 1989 (onde foi acrescentado um anexo de Idalina Bordalo com lista de quintas, palácios e valores culturais de Sintra)	D	C	12	A5	SL	NR	NA	SI	Sintra	Conferência proferida no Palácio Valença em Sintra a convite da Associação de Defesa do Património de Sintra
141	A Biomassa fonte de energia renovável	1989, 28 Set.	Suplemento sobre Biomassa do Semanário Económico, Setembro 1989, pág. 155-159	M	C	3	A4	SL	NR	A	SI	Paços da Serra	Artigo
142	Valores culturais do Património da Paisagem - As uveiras minhotas	sd	Não publicado	M	C	4	A4	SL	NR	NA	SI	D	D
143	Considerações sobre a evolução do Agro Nacional	1989, 15 Abr.	Não publicado	M	C	10	A4	SL	NR	A	2 fotografias irrecuperáveis	Lx	Desconhecida, parece ser duma Palestra
144	Industrialização e desenvolvimento: salvaguarda e promoção dos meios rurais	1989, Jun.	Publicado *	D	C	4	A5	SL	NR	NA	SI	D	Seminário "Industrialização em Meios Rurais e Competitividade Internacional", CCDR Centro, Coimbra

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

nº	Título	Data		Caracterização										
		Realização	Publicação	a)	b)	c)	d)	e)	f)	g)	h)	i)	j)	
145	A influência da política no estilo - actualidade do problema	sd	Não publicado	M	C	4	A5	Consultório Caldeira Cabral	R	NA	SI		D	D
146	O turismo e a paisagem	1990, 17 Maio	Não publicado	M	C	10	A4	SL	NR	A	SI		Pt	Comunicação no Encontro da IFLA, Porto

Legenda das cores

- Tema 1 - Arquitectura Paisagista - Ensino e profissão
- Tema 2 - O ordenamento e equilíbrio da paisagem
- Tema 3 - A conservação da natureza e a defesa da paisagem
- Tema 4 - A arte dos jardins
- Textos sem interesse para divulgação no âmbito desta tese
- Textos identificados mas não acedidos

“Caracterização”:

- a) Tipo de texto: dactilografado (D), manuscrito (M) ou digitalizado (Di)?
- b) Cópia (C) ou original (O)?
- c) Número de páginas?
- d) Formato do papel (A4, A5, ou A6)?
- e) “Layout” da página (e de que tipo) ou sem “layout” (SL)?
- f) Texto revisto por Francisco Caldeira Cabral (R) ou não revisto (NR)
- g) Documento assinado (A) ou não assinado (NA)?
- h) Acompanhado de imagens. E são utilizáveis? (se não possui imagens assinalou-se com (SI).
- i) Local de escrita (Se desconhecido assinala-se com (D)).
- j) Razão da escrita do texto (conferência, lição, artigo, etc.)? Se desconhecida assinalou-se com (D).

Abreviaturas:

- FCC - Francisco Cadeira Cabral
- Lx - Lisboa
- sd - Sem data

*Textos onde há alguma dúvida sobre a informação recolhida:

39 – Falta informação sobre o local de publicação;

53 – Falta informação relativa ao n.º do jornal;

90 - Falta informação relativa ao n.º da revista;

96 – Não temos informação de ter sido publicado, mas é provável que tenha sido publicado pela IFLA na Tokyo papers - "Landscape Architect in human life", 1966;

106 - Falta informação relativa ao n.º da revista;

107 - Falta informação sobre o local de publicação;

120 - Não temos informação de ter sido publicado, mas pensamos que sim, pois apresenta-se com as páginas 129-132, integrado em algum documento, mas não há informação sobre essa publicação;

123 - Falta informação sobre o local de publicação;

127 - Falta informação relativa ao n.º e ao ano do jornal;

129 – Não temos informação de ter sido publicado, mas é provável que tenha sido publicado pela Universidade de Évora;

130 – Há dúvidas sobre a data da 2ª edição;

131 – Tivemos acesso ao esboço para uma publicação por James DeTuerk, Roger Hornberger, Department of Landscape Architecture the Pennsylvania State University, mas não sabemos se foi efectivamente publicado; texto sem data;

144 - Apresenta-se da página 155-159, mas falta informação sobre o nome da publicação.

Anexo III A - Tema 1 - Arquitetura Paisagista - Ensino e Profissão

Anexo III A - Tema 1 - Arquitetura Paisagista - Ensino e Profissão

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
Tema 1a) ARQUITETURA PAISAGISTA - O ENSINO (22 textos)				
4	Curso de Desenho Organográfico	sd	Programa desta disciplina do 1º ano de Agronomia e Silvicultura	Não
9	Curso livre de Arquitetura Paisagista - Esboço do programa	1941	Explica como se organiza e como funcionará o curso, quem poderá ser admitido, quais as disciplinas e o seu conteúdo.	10, 24,68,69,77,86
10	Sem título	sd	Trata-se de uma exposição ao Ministro da Educação para a criação do curso de AP e a sua forma de funcionamento. Conta a história do Curso Livre. AP arquitetura do espaço exterior. Expõe os campos de acção da AP. Obra de colaboração com a natureza. Organismos oficiais ocupam assuntos AP e onde já existem agrónomos e silvicultores a trabalhar para explicar a necessidade do curso.	9,10,24,68,69,77,86
24	Considerações gerais	1945	Expõe as dificuldades sentidas no CLAP, especialmente pela conciliação que os alunos têm de fazer com os outros cursos. Refere várias alterações que foram feitas ao 1º esboço do programa.	9
25	Horário para 1946/47	1946	Horário do curso livre de arquitectura paisagista	
33	História de arte geral	1950	Programa desta disciplina no curso livre de AP	Não
34	História de arte dos jardins	1950	Programa desta disciplina no curso livre de AP	Não
35	Arquitetura paisagista	1950	Programa desta disciplina no curso livre de AP	Não
36	Construção de jardins	1950	Programa desta disciplina no curso livre de AP	Não
37	Trabalhos a apresentar pelos alunos	sd	Trabalhos a apresentar pelos alunos em cada ano lectivo	Não
38	Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista	sd	Pretende-se organizar um centro de estudos de arquitetura paisagista no ISA. Apresenta as razões e vantagens do CEAP e propõe 4 trabalhos a realizar.	Não
40	Curso livre de Arquitetura Paisagista Centro de Estudos	1955	Organizado por anos (1941-55) expõe o percurso da AP em Portugal, os trabalhos de fim de curso, os tirocínios, as visitas de estudo, as publicações, os trabalhos concretos realizados, os congressos IFLA onde se participou, as visitas que se recebeu . Em 1941 o CLAP, em 1948 o 1º relatório fim de curso, a criação 1953 do Centro de Estudos.	9,10,24
68	Curso livre de Arquitetura Paisagista	1959	Corresponde a uma reestruturação do curso e a necessidade de mais professores e possibilidade de agregação ou doutoramento, propõe-se a criação no ISA do 12º grupo de disciplinas. Explica a história dos 18 anos do curso livre. CEAP (1956) representação em Zurique. Expõe em que áreas trabalham os 16 AP's.	9, 10, 69, 77, 86
69	Sem título	sd	Descreve de 1936 a 1958 os acontecimentos que marcaram a história da AP em Portugal	9, 10, 68
70	Sobre a reforma de estudos do Instituto Superior de Agronomia	1960	Exposição ao Conselho Escolar sobre a proposta de reforma de estudos do ISA. Necessidade de definição de objectivos e a formação como um processo ativo . Os alunos devem ter uma preparação que lhes permita situar as noções teóricas no complexo prático a que se referem. Os alunos devem de agir livremente na escolha de assuntos que lhe interessem e nas datas em que se considerem aptos a prestar provas. A honestidade e a competência têm de ser características do universitário e têm de ser desenvolvidas. Apresenta questões a ponderar e um método para estudar a reforma.	Não

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
72	A Formação do Arquiteto Paisagista	1960	<p>1 - AP como arte - é a arte de projetar o espaço de vida que rodeia o Homem. É uma das belas artes e trabalha com o espaço vivo, é dinâmica e quadridimensional.</p> <p>2 - A formação artística - tradição e inovação. AP depende na sua prática de três pontos principais: qualidades inatas (desenvolvidas pelo trabalho de projeto), formação artística e um sólido conhecimento técnico dos materiais.</p> <p>3 - A AP vem do ofício da jardinagem, mas no conhecimento técnico há que dar toda a atenção possível à ecologia, para entender o lugar, o solo, o clima, as plantas.</p> <p>4 - A capacidade de síntese do AP - razão pela qual é desejada a colaboração, mas é também uma das grandes dificuldades.</p> <p>5 - Necessidade do equilíbrio e beleza da paisagem. A grande complicação na AP é "mostrar às pessoas que há um abismo entre uma paisagem "doente" e uma paisagem saudável e que é necessário criar a ponte para passar de uma a outra".</p> <p>6 - A formação cultural necessária à profissão, a importância do conhecimento prático, a duração do curso universitário, as bases científicas da profissão: em primeiro lugar a Ecologia (compreendendo a Botânica, a Fitosociologia e a Fisiologia, para uma sólida compreensão dos fundamentos da vida das plantas); Química; Geologia, com especial referência à geomorfologia; clima - macro e microclima; Horticultura; o AP precisa de compreender profundamente a árvore; informação geral sobre Agricultura e sobre maquinaria agrícola.</p> <p>7 - A formação artística - expressão, o desenho, o projeto.</p> <p>8 - O conhecimento da paisagem (trabalhar com os diversos elementos que são o solo, a água e a plantação). O intercâmbio de estudantes é um elemento valioso.</p> <p>9 - A equivalência de estudos e reconhecimento da profissão. A definição AP deve estar bem clara, para que a mesma palavra designe a mesma profissão e uma formação semelhante, em cada país. Mas não é aconselhável ter o mesmo currículo e a mesma organização em todos os países.</p>	26,31,46, 129
77	Curso de Arquitetura Paisagista	sd	Desde 1941 conta a história do ensino AP e da dimensão internacional, da atividade profissional, do Centro de Estudos. Faz a proposta de criação do 12º grupo de disciplinas.	Mais extenso que 68, mas praticamente igual. Repete com o 9, 10, 68, 69,84, 86
86	Curso de Arquitetura Paisagista	sd	Explica, desde 1941 a 1962, a história do ensino, da dimensão internacional, da atividade profissional da AP, para pedir um professor extraordinário - Gonçalo Telles.	9,10,68, 69,77
87	Memorial Centro de Estudos Arquitetura Paisagista	1963	O CEAP foi aprovado 1953, apresenta as actividades realizadas: colecção de diapositivos de viagens, tirocínios de alunos, organização da 1ª exposição AP em 1953, participação exposição em Zurique, em 1957, exposições, publicações e colaborações, organização de colóquios; colaboração da Liga para a Proteção da Natureza e Sociedade Geografia de Lisboa. Apresenta um pedido do professor Ribeiro Telles e de verbas.	Não
94	Finalidade do estudo de História de Arte no curso de Arquitetura Paisagista	1964	A Arte manifestação de uma cultura; o passado e o presente - tradição e progresso; a moda e os valores permanentes; conteúdos da disciplina. Estudar história de arte em relação à história dos jardins e à história da arquitetura, com a aproximação da pintura e da escultura.	Não

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
98	Situação do Curso livre de Arquitetura Paisagista em 1964	1964	Expõe a situação em 1964. Os 20 AP's formados e onde trabalhavam. Necessidade de contratar novos professores (Gonçalo Telles e Ilídio Araújo)	86
129	Aspectos pedagógicos fundamentais no ensino actual da Arquitetura Paisagista	1980	<p>Conta a história da profissão e do ensino da AP. AP é uma arte que nasceu da jardinagem e ainda é muito ligada ao ofício. As primeiras escolas de jardinagem. A 1ª Licenciatura nos EUA e Japão, na Europa, em 1928, em Inglaterra e Alemanha. A ligação à agronomia e à arquitetura. Expõe três ideias:</p> <p>1 - A importância pedagógica do conhecimento prático da profissão. Dá o exemplo do seu percurso profissional invulgar muito baseado na prática. Apresenta um estudo: em Hanôver onde profissionais concluíram que a diminuição da preparação artesanal tinha provocado um abaixamento drástico da qualidade nos diplomados e tornado particularmente difícil a sua inserção no mundo do trabalho. Trata-se de trabalhar na realidade, conhecendo os materiais disponíveis e as técnicas normalmente utilizadas.</p> <p>2 - A preparação para o trabalho de grupo pluridisciplinar. É possível aprender a colaborar e é importante cultivar este espírito desde a escola. Refere a importância de ajustar as escalas de trabalho dos diversos componentes da equipa. As virtudes exigidas para o trabalho de grupo são: simplicidade, humildade e a generosidade e, por último, a coragem para voltar atrás quantas vezes for necessário.</p> <p>3 - O projeto participado (projeto em cuja elaboração o dono da obra, pessoa singular ou colectiva, tem uma participação ativa). Deve-se inquirir primeiro os desejos, as necessidades e as ideias das pessoas que serão afetadas pelos planos em estudo. As condições a que tem de obedecer a criação do AP são: a imaginação criadora e o conhecimento dos elementos materiais e vivos que lhe permitam a objectivação da imagem concebida; conhecimentos de biologia e ecologia que tornam possível a vida e o desenvolvimento dos elementos utilizados e, finalmente, a capacidade de interpretação das necessidades e desejos daqueles a quem a obra será entregue, para que ajudem a realizar a ideia inicialmente concebida. Conclusão: "formar pessoas capazes de integrar as suas ideias na realidade conhecida, criando uma unidade de acção em todos os que intervêm na obra comum; formar técnicos especializados capazes de ultrapassar os limites da sua especialidade e de dialogar com o resto dos homens; dar aos diplomados a capacidade de se integrarem na comunidade a que pertencem e que desejam servir".</p>	26,31,46,72
Tema 1b) ARQUITETURA PAISAGISTA - A PROFISSÃO (18 textos)				
13	Arquitetura paisagista	1943	Definição de AP "como a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem". A conceção duma obra no espaço e no tempo. Os materiais utilizados (relevo, plantas e a água), os princípios de composição (unidade, simplicidade, variedade), a funcionalidade da obra (utilização da obra, a viabilidade do projeto), as ciências auxiliares (botânica, ciências do solo, climatologia, agricultura, hidráulica, sociologia), a evolução do campo de acção da AP (iniciou-se no jardim e no parque, hoje campos de jogos, ordenamento da paisagem, redes de estradas); o ensino (onde começou e o curso de Lisboa), uma profissão do nosso tempo (preocupação pelo bem comum, primazia aos valores espirituais e às soluções permanentes).	26,31,36,46,48,51,83,90,100,101,125, 134, 139
20	1ª Lição do Curso de Arquitetura Paisagista	sd	Profissão AP existe há muito tempo, mas no sentido moderno ainda não existe em Portugal. Explica o campo de acção. A paisagem primitiva e antropomórfica. Até ao século 19 formação instintiva da paisagem; agora "deve-se continuar a obra instintiva com inteira consciência".	31, 48, 101


O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
26	A Arquitetura Paisagista como Arte	1948	Trata-se da 1ª lição do ano lectivo de 1948/49. AP é uma das Belas Artes. Classificação das artes e comparação com a pintura, música, escultura, arquitetura. O material de trabalho é predominantemente vivo e regendo-se por leis próprias independentemente da vontade do artista - é uma arte cuja matéria é biológica por excelência. A beleza é o esplendor da ordem, consegue-se através do equilíbrio dos elementos. AP é uma arte política pelo modo de acção (o homem é o maior perigo, mas também é o homem que poderá transformar) e pelo seu objeto (as mudanças da paisagem).	13,31,46, 51, 139
31	O conceito de arquitectura paisagista	1950	AP é uma profissão recente, a sua definição (a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem), a beleza como elemento intrínseco à obra (beleza de uma paisagem manifesta o equilíbrio biológico dos diversos fatores que nela atuam), o urbanismo é o ponto de encontro da arquitetura com a AP, o campo de acção da AP (jardim, parque, campos jogos, ambiente rural), artes e ciências auxiliares (botânica, ciências do solo, climatologia, agricultura, hidráulica, sociologia), e termina com a importância da colaboração com outras profissões.	13,20, 26,46, 51, 56, 139
46	Arquitetura Paisagista - A criação artística	1955	AP é uma das Belas Artes. Comparações das artes quanto ao seu fim: lúdico e utilitário. Obra de arte quando se criou beleza. Conceito de beleza. Diferença entre a compreensão técnica da obra e a beleza da obra em si.	26,31, 51
48	A missão do Arquitecto Paisagista	1956	Apresenta a definição: "AP procura realizar, em cada momento, com a maior perfeição, a paisagem humanizada". A sua acção é sobre a paisagem humanizada, tem por fim o homem. Procura não só a utilidade, mas também a beleza, procura o equilíbrio. Apresenta a necessidade de conhecer os homens para quem e com quem o AP trabalha (colaboração). O ofício de jardineiros - arte que coopera com a natureza. Apresenta uma breve história de qual tem sido o campo de acção do AP antigamente e no mundo moderno (refere vários aspetos do trabalho de AP's actuais: compartimentação para defesa de ventos e da erosão, recuperação mineira e industrial, estradas, regularização e correção biológica de rios, planos de emparcelamento). Por fim, apresenta a situação AP em Portugal	13,31, 134
49	As responsabilidades sociais do arquitecto paisagista	1956	Aspetos e responsabilidades do AP e do Urbanista. Função técnica e política. Serviço à sociedade. Dificuldades - Conceitos políticos da maioria face aos do AP e urbanista, Conceitos políticos do Estado face aos conceitos políticos do AP e urbanista, conceito político do Estado face às concepções políticas da maioria da sociedade, conceitos políticos face a conceitos técnicos. O jardim - obra de Amor. Os problemas que se põem no projeto de jardim particular.	Não
51	Arquitetura paisagista: o que é? – A arquitetura do espaço exterior.	sd	Relação AP, arquitetura e urbanismo. Integradas desde sempre nas Belas Artes são contudo artes úteis. AP trabalha com todos os elementos que constituem a paisagem, necessita das ciências agronómicas. Diferença entre arquitetura e AP (plano de evolução). Relação saudável com a agronomia.	26, 31, 46
52	Conceitos fundamentais da Paisagem Humanizada	1958	Leitura e compreensão de um salmo da bíblia sobre justiça, verdade e paz. Conceito do mundo e criação. AP, arte que se apoia em várias ciências, espírito reúne e cria arte. Responsabilidade da ação humana na paisagem. Cada vez mais necessário o trabalho do AP.	13,101
90	The landscape architects approach to design	1963	O objetivo da AP é a beleza, não o embelezamento. Princípios de balanço e proporção comuns à arquitetura, mas constrói com elementos vivos, têm que ter conhecimentos Princípios Biologia. Espaço e tempo e formas de expressão destes dois elementos. 4 Dimensões. Profissão que colabora com outros profissionais. AP não é construtor, mas indutor, que as coisas cresçam. Explica o que é o design.	13,31,26, 83

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
100	Conversa sobre Arquitetura Paisagista	1966	Definição de AP e a sua evolução histórica. AP como arte (ofício, técnica e arte). A conceção a 4 dimensões (no espaço e tempo, materiais vivos e pessoas vivas). A procura de soluções funcionais e a beleza. AP tem uma função específica na equipa de trabalho - procurar um equilíbrio entre as forças da natureza e o homem que as governa. Uma arte do equilíbrio dinâmico da vida (as formas são livres, não acabadas) AP estuda a paisagem no seu conjunto, aprende como se forma e é treinado a apreciar os seus valores que se manifestam pela beleza. A preparação científica e técnica do AP (ecologia, fitossociologia, climatologia, pedologia). Alguns domínios de atuação - conservação e reconstrução da paisagem. Os espaços verdes urbanos devem ser em ambiente natural e à escala do homem e um sistema coerente e contínuo em toda a cidade. A arte, a ciência e a técnica. AP é "uma arte muito subtil, com uma técnica muito apurada e que se apoia numa ciência muito vasta".	13,31,48, 83, 139
101	O Arquiteto Paisagista na construção do futuro	1966	Apresenta a paisagem como essencialmente humanizada, umas vezes bem, outras vezes mal. A paisagem humanizada deve estar posta ao serviço do homem, sem destruir a natureza, antes pelo contrário utilizando e reforçando os efeitos que convêm ao homem. Apresenta 3 critérios para a intervenção na paisagem: a paisagem ao serviço do homem total, manter-se através das gerações e a conservação do património natural. A paisagem sendo a expressão ambiental de uma sociedade, que evolui quando a sociedade se modifica. O homem com maior capacidade de transformação e "são tempos de mudança". A Paisagem como um organismo vivo - com a sociedade que suporta e a cria - desenvolve-se, cresce ou, pelo contrário, se estaciona, morre. Descreve dois aspectos de intervenções na paisagem: planos gerais e os trabalhos de execução. O plano moderno, a base para a transformação da paisagem é técnico e de base científica, respeitando a ordem pré-existente e deverá conter os elementos indispensáveis para manter a vida - vida do Homem, vida da Paisagem. A execução deve atender às raízes da sociedade a que pertence. E, por fim, apresenta uma chamada de atenção para a questão da escala: "deve-se restituir de novo ao Homem a sua escala natural, integrando as novas realizações da técnica moderna no mundo de sempre". As funções do AP - deverá ser um artista e, portanto, também um técnico da sua arte. Apresenta a definição de AP da Federação Internacional apresentada ao B.I.T. (?) de Genebra.	20,48,52
102	Conclusões do I Colóquio de Arquitetura Paisagista	1967	Expõe as conclusões do colóquio organizado pelo CEAP, realizado na Gulbenkian. Propõe legislação e todas as recomendações para a proteção da natureza, dos recursos naturais e dos valores culturais. Refere mais especificadamente o solo, a terra viva, a água e a estrutura verde urbana. Chama a atenção para o turismo, a escala da paisagem, os elementos da paisagem, a publicidade e a poluição atmosférica.	Não
103	O Homem e a natureza	1967	Trata-se de notas explicativas sobre uma exposição de trabalhos de AP. Apresenta o ordenamento paisagístico como uma procura de avaliação das capacidades, aptidões e potencialidades de cada trato de terra, "perscrutar o que a actividade cultural do Homem lhe imprimiu como valores permanentes e guardar e desenvolver a paisagem, para deleite do próprio Homem e para que, preservando o contacto com o natural do seu uso, resulte o sustento atual e futuro: sujeitando portanto a Natureza e não destruindo-a". A mata é elemento preponderante no restabelecimento e manutenção do equilíbrio da paisagem, mas a sua ação só é eficaz quando estejam desenvolvidos os seus elementos essenciais, coberto, orla e mata. Faz um resumo dos trabalhos apresentados e nomeia os autores. Apresenta os trabalhos nas seguintes categorias: paisagem rural, rural e urbana, urbana e industrial; Enquadramento e valorização de Monumentos, Recuperação de Paisagens e Trabalhos escolares.	Não

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
119	Projecto da Associação de Arquitectura Paisagista	sd	É o regulamento da APAP	Não
125	O Arquiteto Paisagista - Que é?	1978	Do arquiteto de jardins ao AP. As ciências, as técnicas e a arte (profissão é antes de tudo artística na conceção, apoiada em ciências e técnicas para o estudo e a execução dos seus projetos). Projeta a 4 dimensões (três do espaço e o tempo). Projetar o jardim, o planeamento e os espaços verdes urbanos. Deve estar na equipa desde o início e primeiro elabora um diagnóstico da aptidão urbana e das medidas cautelares para proteção dos recursos naturais, que será a base dos estudos urbanísticos subsequentes. Expõe a importância do contato com os utilizadores e de ouvir as suas sugestões para que o projecto seja participado. O currículo deve ter formação artística e científica	26,31,36,46,48,5 1,83,89,99,100,136, 139
134	A profissão de Arquitecto Paisagista - Sua evolução em Portugal	1984	Conta a história de como surgiu a ideia de estudar AP na Alemanha, do início da formação em Portugal e os campos de acção dos novos profissionais.	13, 48, 100
139	Alguns conceitos fundamentais da Arquitectura Paisagista - a arte, o projeto, o trabalho de equipa	1988	Definição de AP "como a arte de ordenar o espaço exterior em relação ao homem". A relação entre arte e o ofício. As diferenças entre a escultura, arquitetura e AP. A dimensão do tempo e dos materiais vivos. A intervenção do AP deve ser logo no início do projecto. A beleza da obra é intrínseca e o AP coopera com natureza. Relações com as outras profissões e a escolha do coordenador do projeto. O AP deve estar desde o início do projeto. A relação com o dono da obra é fundamental, para descobrir os desejos e as possibilidades reais do cliente e daqui a sua adesão à obra concretizada.	13, 26,31,36,46,48,5 1,83,90,100,101,125

Legenda das cores

 Textos seleccionados como mais significativos e representativos das ideias mestras do Tema 1 - Arquitectura Paisagista - Ensino e profissão

Anexo III B - Tema 2 - O ordenamento e o equilíbrio da paisagem

Anexo III B - Tema 2 - O ordenamento e o equilíbrio da paisagem

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
Tema 2 a) OS ELEMENTOS DA PAISAGEM (16 textos)				
7	Alguns aspectos da vegetação das matas	1940	Preocupação na manutenção da fertilidade das terras quer na agricultura quer na silvicultura. Objetivos do povoamento florestal vão além da produção: fixação de terras, regularização geral da água, influência no clima e no equilíbrio biológico da paisagem. Equilíbrio é muito complexo. Ver as consociações naturais em presença. Importância da presença de todos os andares vegetais. No século 19, a industrialização da mata, com consequências gravosas. Erro nos povoamentos puros e com idade uniforme. Constituição dos povoamentos naturais da região de Lisboa e comparação com os artificiais. Descrição de paisagens com 6 fotografias.	Não
18	A árvore como elemento da paisagem	1943	Estudo da árvore como elemento da paisagem. Do estudo dos solos, clima e vegetação conclui-se que Portugal está numa zona florestal. É um país arborizado, mas têm acontecido graves modificações: da floresta primitiva aos actuais povoamentos. Substituição de espécies e por áreas de cultivo. Descrição dos tipos de maciços de árvores. A importância da árvore na cultura tradicional: terrenos incultos, alimento, protetora do solo e outras culturas (protecção do vento, água e humidade, fauna, problemas de húmus). Tem todas as vantagens descritas, mas tem baixo rendimento e, por isso, é cortada.	19,79
19	A mata como elemento da Paisagem	1944	História da desarborização na Europa, com especial destaque para o séc. XIX. Motivos de ordem económica e psicológica - levavam à destruição da árvore e a sua beleza e majestade levavam à sua conservação. Malefícios da desarborização - cheias, erosão, diminuição da fertilidade da terra, diminuição da caça. Critica termos como "exploração da terra" e "empresa agrícola". Desprezo pela manutenção da fertilidade da terra, descuido na preparação do futuro, o reinado do pinheiro e eucalipto. Critica estas várias destruições, originadas pelo fator económico estar à frente de tudo e os valores morais submeterem-se ao critério onnipotente da utilidade imediata e presente.	18,79
29	A vida das plantas	sd	Vida das plantas é um contínuo renascer. As associações vegetais. Exemplos de plantas pioneiras: líquenes, <i>Amophila arenaria</i> nas dunas, <i>Ononis</i> em taludes de estrada, <i>Ulex</i> Sp. A diversidade de um prado. A evolução da primeira sementeira até à formação de uma mata.	Não
32	VII Lição - Hidrómetros	1950	Hidrómetros: Chuva, geada, neve e orvalho. Desenvolvimento principalmente da precipitação e tipos de paisagem e vegetação que origina, e do orvalho.	Não
41	Portugal - A sua situação na Europa	sd	Tipos de clima da Europa: mediterrâneo, atlântico, continental, ártico, alpino e correspondente vegetação característica.	Não
42	Portugal: Clima, Solo e Vegetação	sd	Portugal: clima, factores gerais, temperaturas, chuvas, vento, humidade relativa, orvalho, geada, neve. Os diferentes tipos de solos e de vegetação existentes em Portugal.	Não
43	Estudo geral do Continente Europeu	1955	Arquitetura paisagista tem por objeto projetar e planejar áreas específicas de forma a conseguir as melhores relações entre o relevo, os espaços livres, as edificações, as vias de comunicação, plantações e outros elementos para obter as maiores vantagens para o homem, do uso da terra, tanto do ponto de vista utilitário como de beleza. Descreve o relevo e clima da Europa.	Não
44	Europa - Clima (Continuação)	1955	Clima Europa (Continuação): Radiação, sua importância, factores de que depende, radiação difusa, radiação indirecta reflectida.	Não

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
45	A vegetação da Europa	1955	Os 4 tipos de vegetação da Europa: Frigosideserta, Aciculifolia, Aestilignosa -Querceta e Durilignosa.	Não
59	Fatores climáticos	sd	Interligação entre todos os fatores climáticos. Macroclima e microclima. Descrições de casos apoiados provavelmente em imagens.	Não
60	O vento, a sua ação, reação na paisagem	sd	O vento é um elemento caracterizante e que influencia a paisagem: " <i>preponderante na modelação da paisagem, imprimindo-lhe um carácter inconfundível</i> ". Expõe as ações do vento: ação mecânica (erosão e nas plantas), mas mais importante é a ação fisiológica do vento que aumenta a evaporação e conduz à ação dissecante nas plantas, economia da água, erosão sobre o solo. As formas de vegetação (formas arbustivas em feição de cunha favorecem a vida da mata). A importância das matas como abrigo e a constituição das sebes - diversos andares de vegetação para serem fechadas desde baixo. Apresenta as espécies que devem constituir as sebes e a sua orientação. E afirma que " <i>o problema do vento, de importância tão grande num país acentuadamente marítimo com o nosso, tem sido ultimamente muito descurado e completamente incompreendido</i> "	Não
61	A chuva em Portugal	sd	Apresenta as ideias feitas sobre a chuva em Portugal. A desarborização do país como uma das razões principais da falta de chuvas, ou solos esqueléticos, indício de má política no aproveitamento da terra e consequência da desarborização milenária. Expõe a diferença entre a civilização mediterrânica e a civilização nórdica. Elenca a distribuição das chuvas segundo a latitude e o correspondente grupo de vegetação. A economia da água e o tipo de solo (não há falta de água no país, excepto no Algarve, e o relevo acentuado do país condiciona a espessura dos solos, apresenta um esquema de distribuição da vegetação natural do país).	Não
64	Os elementos da Mata. O coberto e a orla	sd	Lição sobre a mata, mais particularmente sobre o coberto e a orla, essenciais para o clima florestal. Analisa a influência nos diversos factores no clima florestal: 1. radiação (absorção da radiação varia conforme a idade e a composição do povoamento e a época do ano), clima no solo, clima nos fustes, clima nas copas. 2. Temperatura 3. Humidade relativa.	Não
71	A Árvore	1960	Livro escrito com Gonçalo Ribeiro Telles sobre a árvore, segundo os seguintes aspectos: o seu valor na paisagem urbana e rural, a sua cultura, a poda; o que é uma árvore; as espécies arbóreas que acompanham as espécies de carvalhos mais importantes, as principais formações vegetais de Portugal continental, a distribuição típica da vegetação e respetivos esquemas de aproveitamento cultural; as árvores espontâneas, as tradicionais da paisagem portuguesa, árvores características dos jardins, adaptação da árvore à reação do solo; o que se pretende da árvore conforme a situação (mata, sebe, rios, pomar, parque e jardim, a estrada e a rua); a cultura da árvore (viveiro, plantação, poda, limpeza e outros tratamentos).	
79	A mata e a paisagem	sd	O termo "Floresta" é meramente literário, mata é povoamento florestal. A Mata como fator dominante no aspeto da paisagem. A importância da "mata" na vida da paisagem. Fixa a água das chuvas e evita a sua perda, que abriga dos ventos, que regula o curso dos rios, que fixa o solo, que nos fornece uma grande parte do húmus, etc. Importância cultural. O equilíbrio biológico na vida da mata e da paisagem. Distribuição da mata em Portugal. Carvalho é a árvore dominante e característica da nossa mata.	18,19
Tema 2 b) ORDENAMENTO DA PAISAGEM (15 textos)				

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
16	Zonagem sob o ponto de vista paisagístico	1943	O ponto de vista do AP: pretende que a beleza seja resultado da boa adequação da obra ao fim proposto, como qualidade intrínseca. A zonagem é a síntese dos fatores edáficos, climáticos e geobotânicos, conjugados com ponto de vista humano. Zonagem: mata (garantir abastecimento dos seus produtos, valorizar outras culturas, e terrenos onde é a única forma de revestimento) e exploração agrícola (tirar máximo proveito da terra e garantir a permanência desse rendimento e aumentá-lo). A necessidade do equilíbrio biológico da paisagem (todos os elementos formam um todo com influências recíprocas e interdependentes). Funções da arborização no equilíbrio biológico da paisagem: (a distribuição das árvores é de importância fundamental) reservar áreas para mata e outras para matos; desejável dissociação dos montados de sobre e da cultura cerealífera; a compartimentação é a zonagem do ponto de vista paisagístico; as margens dos rios e ribeiros para plantação de folhosas; vantajosa criação de sebes de compartimentação; as encostas devem ser arborizadas ou matos ou socacos; a mata deve ser explorada em jardinagem, conservar a mata viva, ser plantada com a associação correta; a arborização dos baldios e a necessidade dos pastos; a arborização na região de Lisboa; a vantagem das sebes; maciços florestais junto à cidade.	53
22	A Madeira e a sua paisagem	sd	Este texto é escrito por tópicos e contém duas partes. Um primeira, que é realmente relativa à ilha da Madeira, referindo aspetos da sua paisagem e fazendo uma distinção entre paisagem natural e a paisagem criada pelo homem, concluindo que a Madeira é essencialmente paisagem criada pelo homem. A outra parte do texto é mais ampla, referindo-se à obra de AP em geral. Apoiando-se em excertos de escritos de Ramalho Ortigão (1896) demonstra como são atuais: o desejo de fazer as obras depressa e barato, esquecendo os valores perenes, conduz a que as obras se tomem em decorações efémeras. Ramalho fala da arquitetura, FCC faz um paralelo com a AP. A solução é planejar para o futuro próximo e para o definitivo, sem nunca esquecer este último. Refere a questão da transplantação de árvores e realça a importância da preparação do terreno. Refere a Exposição do Mundo Português.	Não
53	O equilíbrio da paisagem	1958	Todos têm ideia do que é a paisagem, mas não têm consciência da sua ação na paisagem e das suas consequências. É urgente que as pessoas tomem consciência do resultado seus atos na natureza. A ideia da interdependência de todos os elementos da natureza, não se podendo tratar os diversos aspetos da natureza isoladamente. A luta pela criação de paisagens com equilíbrio estável com o sacrifício de cada uma das partes ao todo. Necessidade de pensar nas gerações vindouras.	13,56, 118
56	Arquitetura Paisagista - A sua missão	sd	Importância da agricultura. Paisagem é justamente o somatório de todos estes aspetos de atividade humana em íntima colaboração com a terra. O equilíbrio biológico de paisagem - o trabalho deve ser norteado por finalidades utilitárias, mas deverá obedecer também a finalidades verdadeiramente humanas e a beleza que temos de cultivar em todas as nossas paisagens resulta da boa harmonia de todos os elementos da paisagem, desde o homem ao solo. Paisagem é um organismo vivo. A terra é o património fundamental da nação. A estrutura da paisagem (o mais importante é o relevo). Os órgãos da paisagem (solo, água, culturas, animais, etc.). O homem não pode modificar todos os elementos naturais, alguns apenas pode influenciar (solo, clima).	13,26,41, 48, 54
66	Reconversão e transformação da paisagem - Planeamento e trabalho de grupo	sd	Efeitos da reconversão agrária na paisagem, isto é, uma melhor adaptação da atividade rural ao condicionalismo ecológico e socioeconómico e esclarecimento do papel do AP no grupo de trabalho que planeia a paisagem. A noção de forma como elemento do projeto e formação biológica distinguem o AP das outras profissões. Apresenta exemplos: " <i>no repovoamento florestal do país dever-se-ia estudar a transformação global da paisagem</i> ". A importância da beleza e do respeito pela herança. Reconversão de paisagens. Grupo de trabalho e diferentes fases do planeamento, distinção das entidades.	Não

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
67	Inquérito e Planeamento	sd	Planeamento e atividade agrícola (o valor do solo para a produção agrícola - necessidade primária e insubstituível - tem de ser reconhecido como um princípio geral de planeamento; necessidade de manter a água livre de poluição é outro princípio geral. De seguida, apresenta exemplos de países mais desenvolvidos que estão a voltar-se novamente para a agricultura). A finalidade do planeamento (definir um objetivo a atingir em relação ao bem comum de uma sociedade humana) e os seus diferentes aspetos: técnico, político e económico. Diferença entre plano (mais normativo) e o projeto. O planeamento realiza-se por aproximações sucessivas, está sempre em constante revisão, rege-se pelas linhas mestras de conceção política e pelas leis gerais, sociais, físicas e biológicas a que todo o plano se tem que sujeitar para ser viável. Os dados do plano resultam do inquérito - válido, completo, pormenorizado e com rigor.	Não
73	O Alentejo - Considerações acerca dos seus problemas agrícolas	sd	As queixas dos agricultores (irregularidades do clima, especulação na pecuária e na cortiça, fraco rendimento, mão-de-obra) e as acusações que se faz ao Alentejo. Solução está em remodelações de conjunto oportunas agora, sendo basilar a diferenciação da paisagem, a sua zonagem e compartimentação. Três aspectos principais: a mata na sua localização própria com funções de proteção e recuperação de solo e produção; a compartimentação das zonas altas e o melhoramento dos seus solos; e, finalmente, a drenagem das baixas, sua defesa, compartimentação e rega parcial. Mata em povoamento misto jardinado. Importância das sebes de compartimentação. Documento: aspetos económicos que levam à forma como se faz as explorações agrícolas e necessidade de regular preços. A estrutura geral é que está desadaptada.	108
82	O projeto da paisagem multifacetada	1962	Reflexão sobre a transformação da paisagem existente, como adaptá-la às exigências modernas e como planear para valorizar as suas características. As mudanças do mundo: as estradas modernas (necessidade de separar os caminhos, o respeito pela beleza da paisagem e a necessidade da intervenção do AP) o desenvolvimento urbano (bons solos devem ser preservados como espaços abertos, num sistema contínuo que chegue ao centro da cidade, sistema cidade-aldeia); as novas indústrias devem ser integradas na paisagem (matas e sebes), a mudança das técnicas de cultura e da economia de produção faz com que se deva prever uma reorganização da paisagem, a mecanização da agricultura, o recreio e as férias dos cidadãos como uma situação nova e campo de acção dos AP's; os problemas da água, encontrar um novo equilíbrio do homem na natureza, o papel do AP na transformação da paisagem rural, uma paisagem multifacetada (a paisagem seja um todo em beleza).	26,31,48
83	O futuro da Arquitetura Paisagista	1962	AP como uma profissão recente e pouco conhecida. Tem uma tarefa grandiosa que é a transformação da paisagem rural. O desenvolvimento da profissão (ofício de jardineiro, começou no jardim e hoje vai até à paisagem na sua totalidade com o ordenamento do território, que deve representar o equilíbrio. O AP deve estar no ordenamento do território, no urbanismo, na execução de espaços verdes, na modificação, adaptação e criação de paisagens rurais. Trabalha sempre em grupo. O objectivo primordial da AP é a ordem humana integral. Procura em cada momento o equilíbrio das forças da natureza mais favorável ao homem (produtividade, segurança, permanência). Carácter político: só o lançamento da obra é nosso, o resto já não nos pertence.	26, 31, 48
97	The landscape architects and the environment of man	sd	Evolução da ocupação humana. Perda de relacionamento e entendimento entre o homem rural e o cidadão. 1ºs alarmes e a criação movimento Proteção Natureza. O crescimento desequilibrado das cidades e as necessidades das suas populações. Surge o planeamento urbano, necessidade de planeamento dos usos da terra, da água e sua defesa, da distribuição da população e da indústria. AP na equipa de planeamento, que começa com a informação e acaba com plano de recomendações.	47,95, 96

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
108	A paisagem do Alentejo - algumas sugestões	1969	A paisagem, expressão da interação do homem e da natureza. A evolução da agricultura. O equilíbrio natural e desequilíbrios produzidos pelo homem (o solo, a água, a vegetação e a fauna). A transformação da paisagem no Alentejo: a paisagem primitiva, os efeitos da campanha do trigo, montado de azinho e de sobro, o problema da água (o problema da infiltração da água é um problema fundamental), o agravamento da situação do montado de sobro, maus exemplos e exemplos de paisagens equilibradas. A cultura reequilibrada do sobreiro, condições do solo e o problema da poda. Conclusão: propostas para um ordenamento equilibrado da paisagem: protecção florestal e infiltração da água (propõe a evolução do montado de sobro para uma mata de sobreiros e carvalhos de folha caduca); a orla fechada (todos os estratos de vegetação), as sebes (continuidade da mata na paisagem), o regadio numa paisagem equilibrada.	73, 113
120	A problemática paisagística no planeamento regional e urbano	1977	Crítica a denominação planeamento regional e urbano; deveria ser planeamento rural e urbano. Paisagem natural é a paisagem rural tradicional, humanizada. O planeamento deve conseguir transformar as paisagens futuras em paisagens de vida. Trabalho de equipa no planeamento e posição do AP. AP e arquitectos que consideram a beleza. A necessidade de encontrar um novo equilíbrio da paisagem dentro do triângulo segurança, continuidade e maximização. A formação do AP: atividade criativa é artística e a sua matéria é viva. Planos de paisagem: atenção ao <i>continuum</i> natural.	128, 129, 130, 131
122	Sistematização e classificação da paisagem rural	1978	Evolução histórica da paisagem rural; paisagem natural – paisagem humanizada. A evolução da paisagem humanizada. As condições fundamentais da vida: liberdade de trocas dentro de limites, Variedade, O Mosaico Natural. As superfícies limites ou interfaces, Intensificação dos elementos vitais: - A continuidade, - A elasticidade –A meandrização, – a Intensificação, - A capacidade de auto-regeneração,- A capacidade de autodepuração, - O equilíbrio das matas naturais ou próximas da natureza, - A Endothia parasita ou tinta do castanheiro, - A variedade para aumentar a estabilidade. O equilíbrio da matéria orgânica na paisagem humanizada de Portugal. A estabilidade, - A continuidade. O “continuum naturale”; As funções da paisagem rural e a sua situação actual. Definição das funções. Caracterização da situação actual - A degradação da paisagem. As transformações a realizar na paisagem rural. Características da evolução em curso. Princípios básicos da transformação. O planeamento da paisagem rural, esquema geral do Plano de ordenamento paisagístico. Estudo da organização de um inquérito (não temos).	101, 120, 128, 130, 131
128	Ordenamento Rural em função do seu ambiente: Ordenamento e exploração do solo	1979	1ª - <i>Status quaestiones</i> – a situação actual da paisagem e as suas origens históricas: diagnóstico da situação, caracterização dos aspetos históricos, a evolução recente, princípios económicos, sociais e políticos (o solo e o seu uso racional, revolução industrial, desenvolvimento e consequências, as cidades modernas, necessidade de planeamento integrado da paisagem: apresenta vários exemplos no mundo e em Portugal). Trabalho multidisciplinar e a questão da escala. 2ª: A paisagem humanizada - herança cultural: distintos aspectos da actividade do homem na criação da paisagem e a questão das gerações. 3ª - Os princípios gerais do continuum naturale (no ordenamento da paisagem - princípios fundamentais indispensáveis às comunidades viventes). 4ª - Sua aplicação à organização do espaço rural. 5ª - O recreio, nova atividade, adaptação ao espaço rural.	120, 129
141	A biomassa fonte de energia renovável	1989	A biomassa é o produto da atividade agrícola e florestal, ambas atividades obrigatórias. FCC refere que " <i>em muitas áreas de produção de biomassa para a indústria está-se a caminhar para deserto humano</i> ". É necessária a variedade e a continuidade. É necessário estrumar o nosso solo e não se pode utilizar toda a Biomassa para produzir energia industrial, mas apenas os excedentes da agricultura, setor prioritário! A paisagem humanizada equilibrada, capaz de garantir a qualidade de vida a que aspiramos e que é exigida pela manutenção da vida humana inserida numa biocenose mais vasta exige variedade e continuidade e não atividades desconexas.	
Tema 2 c) PROBLEMAS DE INTERVENÇÃO NA PAISAGEM (12 textos)				

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
6	A estrada e a paisagem	1940	Refere como uma vantagem as muitas estradas construídas pela junta autónoma das estradas, o que permite que as pessoas possam conhecer o país. Para a integração da estrada na paisagem é preciso estudar os seguintes aspectos: o traçado da estrada para propor diferente conforme a situação seja no vale ou na encosta; os perfis transversais (a importância de separar os caminhos pedonais dos automóveis e os taludes devem ser suaves); a construção de muros (aconselha a utilizar a forma tradicional); a plantação de árvores nas estradas e as novas concepções na arborização das estradas (abrigo de ventos, enquadramento da paisagem e a melhor adaptação da estrada no conjunto), aconselha a plantar em faixas ou grupos que se protegem uns aos outros e com a presença dos diversos andares vegetais; o revestimento de taludes deve-se fazer com plantas com sistema radicular extenso; e, por fim, aconselha o uso das espécies autóctones para plantar nas estradas, sempre com o objetivo final de ligar a estrada à paisagem.	Não
11	Regime e correção de Rios	1942	I - Regime, caudal e leito do rio e origem das cheias e inundações: 1) definições 2) origem das variações de caudal (degelo, grandes chuvas, trovoadas, 3) distinção entre cheia e inundação; II - Correção dos rios: 1) regime torrencial e erosão 2) evitar as inundações através de tomar mais lento o aumento do caudal de cheia, proporcionar o leito de cheia ao respectivo caudal, revestir de vegetação protetora, que resista à submersão. Exemplo do rio Jamor. 3) O leito de cheia - seu tratamento e aproveitamento (pastagens, matas e indica as espécies mais favoráveis. 4) regularização de cheias: diminuir o caudal de cheia, tornar mais lenta a subida das águas, regularizar as variações de caudal durante o ano. É de evitar ao máximo o escoamento superficial. As encostas deverão ter revestimento permanente ou, então, ser armadas em socalcos. O revestimento pode ser florestal (permanente e de vários andares), de matos, ou de pastagem.	Não
14	A erosão e a paisagem	1943	Apresenta a erosão como uma doença da paisagem, expõe os seus perigos e alguns exemplos de catástrofes. É definida como a destruição e carrego do solo. A erosão geológica e a erosão provocada pelo homem com a sua ação destrutiva. Os seus agentes são a água e o vento. Para que haja erosão há escoamento superficial e tudo o que se lhe opõe diminui o fenómeno erosivo. É de difícil diagnóstico inicial e produz um agravamento contínuo que envolve todos os fatores, produzindo estragos consideráveis. O combate à erosão faz-se evitando ou diminuindo o escoamento superficial, favorecendo a infiltração da água e sua evaporação, retardando-lhe a marcha. Existem os meios físicos de combate (diminuição do declive – socalcos, abertura de valas horizontais, lavoura segundo as curvas de nível, amanhos culturais para melhorar e conservar a estrutura da terra) e os meios biológicos (cobertura do solo e modificação das suas propriedades; arborização; matos; associação com pastagens permanentes; rotação com prados temporários).	27,28, 62, 116
27	O mecanismo da erosão	1949	Trata dos mecanismos da erosão vertical, expõe as suas causas e os mecanismos que a influenciam. Refere os vários climas e como se dá a erosão em cada um. Refere o caso português e a importância da matéria orgânica.	14,28, 62, 116
28	Erosão	sd	Explica o processo natural de erosão geológica e da erosão provocada pelo homem. Descreve como, ao longo do tempo, foi decorrendo a erosão e suas consequências e prejuízos. Empobrecimento e desaparecimento do solo, problema da água. Necessidade de se estabelecer e manter o equilíbrio biofísico da paisagem. Meios físicos de proteção contra a erosão (armação das terras, valas, e açudes) e biológicos (povoamento florestal, faixas florestais, pastagens permanentes, enriquecimento da terra em húmus, melhoria da estrutura do solo).	14, 27 , 62
62	O problema da rega em Portugal	sd	Distribuição das chuvas no território português da metrópole e ao longo do ano. Impõem-se a redução máxima do escoamento superficial e armazenamento ao máximo da água no solo e a sobrança em reservatórios. Distribuição das temperaturas. Enxugo. Fertilidade. É prejudicial rega intensa sem fundo de fertilidade correspondente. Lavagem - empobrecimento - erosão. Necessidade urgente de revestir as encostas com vegetação adequada. O problema da erosão. Importância do aumento geral do fundo de fertilidade. Rega: clima, condições do solo, distribuição da água.	14,27,28

O legado escrito de Francisco Caldeira Cabral

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
65	A arborização do país e a proteção do solo nacional	sd	Base da nação é a agricultura e esta baseia-se no solo e na água. Problema do arrastamento de solo agrícola pelas águas. A protecção é feita por árvores, prado e socacos. Cheias evitam-se impedindo que as grandes massas de água se escoem rapidamente para os rios. Necessidade da arborização quer na sua aplicação protetora, quer nos outros aspetos que apresenta em relação à agricultura e economia do país.	11
78	Estudo da proteção dos campos de Loures	sd	Trata-se de um estudo com a proposta de solução para o problema das cheias da baixa de Frielas. As causas dessas cheias (desarborização, ausência de matos, declive das encostas, armação defeituosa das terras, culturas anuais em encostas excessivamente declivosas, empobrecimento em húmus de todas as terras, erosão intensa). As potencialidades da situação presente (lezíria para pastos e fenos naturais, zonas mais altas para exploração hortícola, zonas de encosta menos declivosas e nos planaltos para a cultura de sequeiro e também o estabelecimento de sebes de árvores que defendam do vento e evitem o arrastamento do solo; toda a área restante será destinada a matas e matos). De seguida, apresenta os estudos a realizar.	Não
89	Neue Industrie in bewohnte Landschaft	1963	(Instalação de novas indústrias em Paisagem Urbana)	
93	Nova conceção duma exploração florestal próxima da natureza no domínio da durilignosa	1962	Caracterização do clima português, da mata portuguesa e razões para a degradação dos fatores ecológicos. Mata de carvalhos e distribuição regional. Proposta de transformação de um montado de sobre num povoamento misto permanente (mata mista de caducas e persistentes - no Inverno há herbáceas e no Verão o mato não se desenvolve). Reconstituição da paisagem do sul da Europa, pois que só esta mata poderá realizar plenamente os efeitos benéficos que lhe são próprios.	Não
116	Consolidação de taludes - Revestimentos vegetais	1973	1. Objetivos funcionais em relação ao talude: expõe como é que o revestimento vegetal protege o solo contra a erosão superficial e como deve ser um coberto fechado com diversos andares; no início da obra, trata-se de um revestimento a curto prazo, mas depois deve chegar-se a uma associação vegetal estável e que envolva uma intervenção mínima de mão-de-obra. Funções da vegetação dos taludes: a estabilização dos taludes pedregosos, a absorção do excesso de água por evapotranspiração, restabelecimento do contínuo natural, refúgio das espécies. 2. Objetivos de conforto ou utilidade humana (prazer estético, defesa contra som, absorção de veículos despistados, segurança) 3. Condicionamentos: do solo (importância de manter a terra viva); da água, do clima (aspectos microclimáticos), fitossociológicos (necessidade de estudos), da fauna e económicos (forma de revestimento mais barata e de melhor conservação).	14,27,28, 62
117	Consolidação e revestimento de taludes	sd	Consolidação: estudos pedológicos, forma, drenagem interior, drenagem superficial, revestimento (alvenaria de pedra, de tijolo, de betão armado e revestimento vegetal com chorão, com relva, com pasta de relva). Exemplo concreto de consolidação e revestimento de taludes na refinaria da Sacor, incluindo apresentação de estimativas e preço final da solução adotada.	Não

Legenda das cores

Textos selecionados como mais significativos e representativos das ideias mestras do Tema 2 - O ordenamento e o equilíbrio da paisagem

Anexo III C - Tema 3 - A conservação da natureza e a defesa da paisagem

Anexo III C - Tema 3 - A conservação da natureza e a defesa da paisagem

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
3 a) CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DOS RECURSOS NATURAIS (15 textos)				
47	Proteção da Natureza e Arquitetura Paisagista	1955	Texto que trata das ligações entre a proteção da natureza e a arquitetura paisagista. Relata o domínio da natureza pelo homem (homem maior agente modificador da paisagem). Apresenta as modificações com a ciência e o progresso técnico. Conta o início dos principais movimentos da proteção da natureza. Expõe a evolução histórica da arquitetura paisagista (le Nôtre, Repton, Brown, Sckell, Lenné e Puckler). Faz a relação entre AP e o movimento de proteção da natureza. Fala de uma nova conceção de proteção da natureza (não se trata já de conservar, mas de criar uma nova paisagem). Apresenta alguns problemas complexos em Portugal (atividade mineira e os cimentos, rios, estradas). Dá prioridade à conservação. Diz quais as funções das Reservas Naturais (são focos vivificadores da paisagem). Indica o problema da falta de caça como um reflexo da degradação geral da paisagem. Termina com 26 fotografias de diversas paisagens com exemplos de equilíbrio e desequilíbrio.	92, 97, 121
80	Proteção das Regiões de Beleza Natural - A proteção das regiões costeiras	1962	Indica as razões da costa ser um local privilegiado da atividade humana e por que é que se tornou uma paisagem humanizada e adquiriu novos valores, conservando a sua própria beleza. No entanto, depois deste equilíbrio refere que houve muita destruição. Assim, expõe a necessidade de integração na paisagem das novas construções e indica quais as virtudes a recuperar para esta integração: a simplicidade, a verdade, a modéstia e a integração. Por fim, refere os aspetos que considera essenciais para a integração: localização, escala das construções, materiais da construção, cores e formas.	Não
91	Proteção da Natureza e Parques Nacionais	1963	Fala da necessidade de agricultura numa sociedade industrial (importância do equilíbrio biológico, interdependências de todos os fatores que formam a paisagem, agora possibilidade de recuperar paisagens degradadas. A necessidade de planeamento e reconversão da agricultura (homem também precisa de beleza, necessidade de planear até ao pormenor, antes de executar). As funções do ordenamento da paisagem (quadro pressão da sociedade sobre a paisagem) e planos de ordenamento paisagístico (inquérito e diagnóstico). Os espaços de recreio para as populações urbanas (rede de penetração da paisagem no corpo urbano, criação de parques de recreio e nacionais). Apresenta imagens dos parques dos EUA. E reforça a importância da necessidade de informação do público para a proteção da natureza. Por fim, propõe a criação de parques nacionais (prioridade ao Gerês).	91, 92
92	Parques Nacionais	1963	O que é paisagem humanizada e a intervenção do homem. Explica as alterações com a industrialização e como surgiram novos conceitos como o tratamento e conservação da paisagem. A recuperação de paisagens degradadas é <i>a posteriori</i> . Define conservação como "ação permanente de correção e compensação para conseguir o equilíbrio da paisagem". Um aspeto particular da conservação é a proteção, ou seja, manter um determinado equilíbrio. Na paisagem protegida deve-se abranger a total biocenose, enquanto a proteção da natureza encara a proteção de apenas um determinado aspeto. Refere um aspeto novo - a utilização da paisagem protegida para recreio da população urbana. Expõe a situação dos parques nacionais americanos, dos parques e reservas na Europa, dando exemplos concretos, nomeadamente da Holanda, Suíça, Alemanha e dos EUA. Apresenta a caracterização de um sistema de parques naturais e afirma que: " <i>é paisagem humanizada, é rural e continua a ser, trata-se de regulamentar pequenas coisas</i> ". Apresenta o quadro de Konrad Buchwald sobre a pressão sobre a paisagem e o tratamento da paisagem. Defende a criação de um sistema de parques e reservas em Portugal, com prioridade para o parque nacional na Serra do Gerês. Sugere a criação de um grupo de estudo com a Liga Proteção da Natureza.	47, 91, 121, 136

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
96	Man's environment and landscape architecture	1964	Conta a evolução da ocupação humana, da floresta à agricultura, pastos e pequenas cidades. Até ao século XIX estava tudo em equilíbrio, mas com a indústria e a criação de megapólis criaram-se cidades dependentes de outros para questões vitais. As pessoas tinham um sentimento dominante de possibilidades ilimitadas de produção de comida e a tendência e a tentação foi desvalorizar as necessidades da agricultura no início. Conta a evolução do movimento de proteção da natureza e parques naturais e como houve uma mudança de paradigma: da luta contra a natureza pela sobrevivência, para a luta pela natureza para a sobrevivência do homem. Afirma: "saving nature to man".	47, 97, 121
111	O Recreio nos arredores de Lisboa - possibilidades e problemas	1970	Apresenta a caracterização da Área Metropolitana de Lisboa e conta como, depois de 1950, houve um crescimento explosivo. Refere o clima, a praia, e os problemas da Lagoa de Albufeira. Descreve a Costa do Sol, de Lisboa a Cascais, e os problemas das praias. Explana questões várias sobre a paisagem protegida Sintra-Cascais - a mata ameaçada que " <i>só um estudo consciente da paisagem poderá permitir uma utilização ordenada</i> ", dá prioridade à regulamentação do estacionamento. Apresenta o Parque Natural da Serra da Arrábida como " <i>uma das mais preciosas relíquias de uma floresta mediterrânica de costa e lindíssimos matos, floresta mista de carvalho s</i> ". Depois explica os perigos que atravessa a serra de Sintra, como a divisão das velhas quintas e palácios em pequenas parcelas para construções. Resumindo: proteção da Natureza eficaz nos arredores de Lisboa só será possível com um bom esclarecimento da Opinião Pública, uma concepção exacta dos Objetos a proteger e o consequente planeamento e adaptação e com legislação e meios financeiros.	Não
114	Parecer sobre o Parque Natural da Arrábida nos Concelhos de Setúbal e Palmela	sd	Trata-se do parecer sobre o Parque Natural da Arrábida acrescentado à subsecção da 2ª seção da Junta Nacional de Educação. Faz uma caracterização da região a proteger. Define a área de reserva e as modalidades de proteção: reservas integrais, reservas naturais e reservas de paisagem. Apresenta medidas complementares, propõe que uma área maior seja classificada como Imóvel de Interesse Público. Indica as medidas de defesa, conservação e proteção da natureza para as reservas integrais, reservas naturais e reservas de paisagem. A necessidade de nomeação de uma Comissão do Ministério da Educação Nacional para assegurar a salvaguarda do património do parque.	Não
118	A Paisagem e a Conservação das Espécies - o papel do Zoo na difusão dos conceitos fundamentais	1973	Reforça a importância da diversificação da fauna e encara o empobrecimento da fauna como um sintoma de desequilíbrio e instabilidade dos ecossistemas de substituição criados pelo homem. Todos os atuais ecossistemas são antropogénicos. Indica o equilíbrio entre biocenoses, ecossistema e espécies e a falta de equilíbrio e consequente degradação da paisagem. Defende que um dos objetivos dos jardins zoológicos devia ser a divulgação de conceitos fundamentais.	53

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
121	A Conservação da Natureza Integrada no Planeamento Biofísico do Território.	1977	Primeiro faz um enquadramento do desenvolvimento das ideias sobre conservação da natureza e planeamento biofísico em Portugal. Elenca várias datas para demonstrar que estas ideias - conservação da natureza - levam tempo a germinar. Começa por Baeta Neves, da Liga de Proteção da Natureza. Na conservação da natureza e dos recursos atuais faz uma chamada de atenção para a conservação dos povoamentos naturais mais típicos e mais interessantes de cada região, povoamentos que representam geralmente as formas mais perfeitas de equilíbrio ecológico local. Defende a introdução da formação ecológica nos programas escolares. O objetivo do Ordenamento do Território "é procurar as melhores condições para a vida da humanidade". Refere que o planeamento biofísico surgiu com "physical planing", mas que depois se tornou mais abrangente. Ressalva os aspetos humanos do planeamento - obra de colaboração entre as comunidades interessadas, os técnicos, a Administração. Aponta um dos trabalhos que desenvolveu - Associação de Desenvolvimento - refere os problemas que encontrou ao elaborar um plano para os concelhos de Oliveira do Hospital, Seia, Gouveia e Fornos de Algodres. Por fim, indica o conceito de parque natural e a sua aplicação em Portugal: zonas de grande beleza paisagística e com boas aptidões para o recreio e que ao mesmo tempo são zonas economicamente deprimidas, zonas de agricultura de montanha, zonas de turfeiras e de dunas etc. Pretende-se o desenvolvimento das populações e criar novas possibilidades de recreio. Dá o exemplo da serra da Estrela.	47, 92,96
127	Um parque natural na Serra da Estrela	sd	Caracteriza a região, os seus interesses turísticos e científicos, os perigos que corre pela pressão urbanística e turismo e propõe a criação do Parque Natural na Serra da Estrela. Não altera a utilização atual dos terrenos, e procura integrar as actividades turísticas nas atuais: agrícolas, florestais ou pecuárias, obtendo para os habitantes novas fontes de receita e dando-lhes assistência técnica e financeira para as necessárias adaptações.	
130	O "Continuum Naturale" e a Conservação da Natureza	1980	A contraposição do Movimento de Protecção da Natureza pelo da Conservação da Natureza e Recursos Naturais. Ao longo dos anos, foi crescendo a noção da importância de conservar os conjuntos, a ecologia foi mostrando cada vez mais a interdependência de todos os factores bióticos, abióticos e, finalmente, humanos dos ecossistemas em que se integravam as espécies. Nos anos 60, toma-se consciência da necessidade de manter o contínuo natural e o contínuo cultural. Apresenta os princípios gerais que obedecem à vida na paisagem e como manter o Continuum Naturale (CN): homeostasis (é necessário que haja livre variação e troca, polaridade, gradientes, campos contínuos) e variedade. Como solução para a conservação e evolução das paisagens, enuncia 4 princípios fundamentais: a continuidade, a elasticidade, a meandrização e a intensificação.	120,131


n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
131	The "Continuum Natural" a series of lectures by Dr. Francisco Caldeira Cabral	sd	<p>1 - <u>A condição fundamental da vida é a variação e o equilíbrio</u>: a variação implica a polaridade dos factores ambientais e tem que haver continuidade física entre os polos. Essa variedade deve ser mantida dentro de um certo equilíbrio. Com vários exemplos, ilustra que a vida humana não pode ser mantida em condições artificiais. 2 – <u>Qualquer forma de vida só pode existir numa complexidade de factores</u>: o homem, como progresso tecnológico, julga-se independente de tudo, mas desde que se começou a estudar a natureza percebeu-se que há sempre dependência dos factores ambientais. Todas as nossas intervenções na natureza são simplificações e, por isso, devemos escolher métodos de menor intervenção na paisagem; isto é importante e está relacionado com a variedade. Exemplos de práticas agrícolas com culturas variadas, as plantas protegem-se umas às outras. Problema da perda de variedade das sementes. 3 – <u>Quanto maior a variedade, mais estável o equilíbrio</u>. Micorrizas. Estudo sobre os carvalhos do Parque de Monsanto. A vida do homem está relacionada com todas as outras formas de vida. 4 – <u>O empobrecimento das condições de vida ou das formas de vida é uma ameaça para a vida humana e o seu bem-estar</u>: qualquer simplificação diminui o equilíbrio e empobrece a qualidade de vida. A solução é uma menor intervenção. A – <u>O Continuum naturale (CN) na paisagem rural</u>: devido à revolução socioeconómica, houve uma transformação significativa da agricultura e consequentemente nos padrões de paisagem no mundo. Depois da II guerra mundial, por causa da fé no progresso, tem-se descreditado a agricultura como atividade. Substituiu-se a agricultura de sobrevivência por uma agricultura só interessada na produção. Antes, havia uma atitude de construção do futuro comum - a ideia fundamental de deixar para a geração seguinte algo melhor do que tínhamos recebido. Tudo mudou e essa mudança é inevitável. Hoje devemos criar a nova paisagem adaptada às condições modernas. E isto está relacionado com CN - que consiste na presença dos elementos naturais, numa forma congruente, respeitando todas as principais funções e relações do ambiente natural, mas de uma forma diferente, adaptada aos usos e conveniências do homem.</p> <p>Dá o exemplo dos espaços verdes nas cidades como um sistema que deve ser contínuo. A floresta, a orla é a parte mais ativa biologicamente. Manter a vegetação ribeirinha - vestígios do sistema florestal - tem importantes funções na paisagem. A zonagem da paisagem: um tipo de vegetação junto ao rio, outro na encosta e a mata na montanha. Deixar o vale livre de construção, construir na meia encosta, para assim haver livre troca de ar e água. Este sistema não deve ser destruído e deve estar sempre em contacto. A importância dos baldios, função ecológica e produtiva. Problema da substituição de uma mata com diversas espécies por uma monocultura. A floresta de proteção é essencial, a produção só quando possível. O equilíbrio biológico natural é o contrário dos nossos métodos modernos baseados na intervenção permanente. Fertilidade do solo. No nosso ponto de vista, como AP's, as sebes nunca devem ter um só objetivo (corta-ventos); devem ser multifunções, devem também proteger outras formas e controlar a erosão. Todas estas funções desejáveis devem estar correlacionadas num sistema hierárquico de acordo com os elementos naturais que queremos manter na paisagem. Sistema de sebes (Bocage), interligação da água, vegetação e topografia. O melhor equilíbrio da água na paisagem. As chuvas. Os solos. Quando trabalhamos um problema isolado temos que ter sempre em mente o aspecto global da paisagem. Devemos escolher os melhores solos agrícolas para cultivar e devemos deixar o resto no estado natural. Devemos aprender a correr riscos com a natureza. Promover processos de troca entre a população rural e urbana. B – O CN na paisagem industrial e urbana: antes o homem (as suas cidades) constituía a fase dispersa e a fase contínua era a natureza. Hoje tudo mudou. Grandes cidades e metrópoles, criação de problemas de difícil resolução. A única solução é transformar a cidade na fase dispersa, diluir as cidades no natural e ter penetrações naturais na cidade. Mas isto não se consegue só com o esforço de uma profissão (AP). Poluição e consciencialização desse problema.</p>	120,13

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
		sd	Refere Mcharg, "design with nature" – como uma condição essencial do planeamento bem sucedido, quando o homem respeita as preexistências ecológicas fundamentais do local. Zonamento. Relativamente ao CN, enfatizar a drenagem da água e do ar e o tratamento de todos os efluentes. De seguida, apresenta bons exemplos. Nas cidades deve haver áreas abertas e ligadas num sistema. Usar vegetação natural do local. Os caminhos pedonais devem estar separados das vias automóveis. A questão da mobilidade do homem moderno como um problema. A vertente sociológica e a vertente ecológica expressam a mesma ideia: a cidade deve ser construída com base em pequenas comunidades organizadas rodeadas por espaços abertos. Uma parte desses espaços poderão ser hortas para ocupação de tempo livre e fonte de produtos frescos. A importância dos espaços verdes na indústria. Refere Brenda Colvin. Apresenta um exemplo de um estudo realizado numa paisagem industrial junto ao Tejo. A colaboração entre todos os envolvidos é essencial, não podemos fazer nada sozinhos. A nossa função é materializar os desejos da comunidade em que vivemos. Para os AP's este é um ponto fundamental: estamos a trabalhar para os outros, a nossa arte é para os outros. Dá o exemplo da avenida da Liberdade onde não houve essa colaboração.	
135	Na inauguração da Sede do Parque Natural da Serra da Estrela	1987	Expõe os objetivos dos parques naturais que normalmente são regiões ainda predominantemente agrícolas e de grande beleza paisagística. Deve-se procurar fixar as populações rurais, aconselha a dar-se prioridade à população residente e fazer o acolhimento das populações urbanas. Dá um exemplo de sucesso - Casal do Rei. Apresenta a serra como lugar de eleição (alta montanha, centralidade geográfica e riqueza do património construído, incluindo paisagem). Sugere a publicação da flora da serra e a utilização dessas espécies nos jardins junto a parques de estacionamento, a utilização de telha canudo e a produção de guias.	146
136	Proteção da natureza- que natureza?	1988	Refere o surgimento do movimento de proteção da natureza para a proteger do homem. Surgiram muitas surpresas e percebeu-se que as paisagens eram feitas pelo homem; por isso o paradigma é "salvar o homem com a natureza". Deve-se restaurar e valorizar os elementos naturais e as tendências inatas e culturais dos habitantes da região. Descreve vários problemas ambientais, dando exemplos de locais no mundo onde acontecem. Exemplos também de equilíbrio homem-natureza. Chama a atenção para o equilíbrio da agricultura de subsistência, como melhorar a produção agrícola sem comprometer a continuidade e pela diversidade de actividades complementares que introduz - a mata, os matos, a vinha, o pomar, o sequeiro, o regadio, etc. Refere o papel dos parques naturais em manter estas formas de paisagem tradicional. Defende a necessidade de recuperar a escala da paisagem e a variabilidade. No fim, fala de 3 árvores ameaçadas: azinheira, sobreiro e oliveira.	47,91, 92, 96
140	Sintra, Património Cultural e Natural	1989	Caracterização da região (relevo, o Cabo da Roca, o Guincho, clima, ventos, temperatura, nevoeiro). A vegetação originária (carvalho). A paisagem humanizada - a charneca (homem vive na orla da mata). A encosta norte de Colares (vinha, pomares e hortas). As quintas (introdução de novas plantas). O <i>continuum naturale</i> como um novo conceito para uma mata equilibrada. A rearboreção da serra (uma oportunidade e um desafio). Defende que a proteção da natureza no Sul da Europa é " <i> muito mais que uma pura conservação do "statu quo", é uma restauração e valorização dos elementos naturais e das tendências inatas e culturais dos habitantes destas regiões</i> ".	Não
3 b) DEFESA DA PAISAGEM RURAL (13 textos)				
21	1ª lição AP - O homem e o meio	1944	Há duas escolas: numa o homem depende inteiramente do meio e a partir do meio tudo se explica; na outra, o homem é inteiramente não dependente do meio e tudo se explica pela razão. O nosso ponto que FCC defende: o homem sofre a influência do meio, mas é o mais poderoso agente transformador deste. Portugal é um país agrícola e não florestal e as suas matas são sempre complementares da agricultura. As possibilidades do país serão o que nós quisermos e sonharmos criar com os elementos naturais de que dispomos.	Não

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
54	O valor humano da paisagem	sd	O maior responsável pelo aspeto da paisagem é o homem, o grande modificador da paisagem às vezes negativamente, outras positivamente. A policultura do norte de Portugal é apresentada como uma das paisagens mais equilibradas e simultaneamente mais belas. A paisagem é um organismo vivo e representa a cultura de um povo, ou seja, é obra coletiva. Refere que as rápidas modificações têm degradado a paisagem nomeadamente ao nível dos povoamentos primitivos (milho, aumento área de regadio, pinheiro bravo). Explana sobre o valor humano da paisagem, quer material, quer espiritual. E defende a solidariedade das gerações.	53, 55, 56, 57
55	Problemas político-económicos da paisagem	sd	A "paisagem de um país é o melhor do seu património quer espiritual, quer económico". A paisagem é apresentada como um valor permanente e insubstituível, um " <i>penhor de independência, base de alimentação</i> ". A Europa tem das paisagens mais produtivas e equilibradas. Refere que a indústria ignorou o valor espiritual e económico da paisagem e iniciou a sua destruição.	54
57	O valor da paisagem natural	sd	Trata-se de uma lição e expõe quais os elementos estéticos de uma paisagem, como influem no homem e qual o papel do homem na criação desses valores estéticos. Indica a etimologia da palavra paisagem.	53,54,55
99	Paisagem Portuguesa - origem e evolução	1965	Caracterização do clima português e do solo em relação ao húmus. Descrição da evolução histórica da paisagem portuguesa: o norte, o centro e o sul. As dificuldades da agricultura na zona mediterrânica e tentativas de solução. Apresenta os princípios basilares para o tratamento da paisagem: o equilíbrio da água e o equilíbrio do húmus. Como conclusão, afirma: "conservar o que é bom, sem impedira adaptação às novas circunstâncias". Declara que missão do AP é "a salvaguarda dos valores culturais da paisagem e integração nas novas formas de exploração". De seguida, apresenta várias legendas a 10 fotografias.	não
104	A paisagem como expressão de cultura	1967	A paisagem é expressão de cultura. Conceito de paisagem (pagus), a paisagem rural e natural, urbana e industrial. A fase dispersa passou a ser a paisagem natural. Noção de ambiente (paisagem como o ambiente em que vivemos). A paisagem como percepção visual. A interdependência total dos fenómenos biológicos da paisagem. A intervenção do homem na conservação da paisagem e a solução moderna: a escola francesa e escola paisagista inglesa; o romantismo; os estudos científicos do séc. XIX e o movimento de proteção da natureza; o homem construtor de paisagem (relação entre carácter dos povos e a paisagem); alguns exemplos (madeira, cafezais angolanos, montado de azinho e Serra da Estrela). A paisagem como obra de arte: a beleza das paisagens primitivas; a beleza da paisagem humanizada; a paisagem como expressão da comunidade que a cria; a paisagem como expressão integradora de valores do passado e presente, necessidade do planeamento. Necessidade que a sociedade tenha consciência dos valores a salvaguardar.	105,126,136, 104
105	Defesa da Paisagem	1968	Definição de paisagem e razões para a sua proteção e como foi surgindo o movimento de conservação da natureza e recursos naturais. Tipos de paisagem: primitivas e humanizadas (naturais e artificiais). Alguns exemplos de regiões que se devem proteger (Minho, gafanhas, arredores de Lisboa, recuperação de paisagens degradadas). Tipos de paisagem a proteger. Medidas para a protecção da paisagem: técnicas, soluções, planeamento, consciência pública, estrutura jurídica, a colaboração, a execução.	104
113	A evolução da agricultura	1971	Apresenta o panorama da agricultura portuguesa e defende a dignidade particular da agricultura. Questão das inovações e da altura própria de introdução dessas inovações, da quantidade de mão-de-obra disponível. Sabedoria milenar das técnicas agrícolas. Diferenças e razões da diferença de tamanho da exploração do norte e no sul. Dificuldade de mecanização perante as nossas condições e cooperativas de máquinas. Necessidade de encontrar a nova paisagem que corresponde à sociedade de hoje. A agricultura é apresentada como primordial para a conservação do ambiente e recursos naturais	133

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
126	Transformation du paysage	1979	O ecossistema da paisagem humanizada; a função alimentar; as transformações da paisagem; transformar sem subverter; o valor cultural da paisagem; o aspecto recreativo; a proteção da natureza e conservação das espécies.	104
133	Evolução provável da agricultura europeia nos fins do século XX	1983	Dignidade da vida rural. Mundo rural como suporte físico da biocenose do homem e fonte de alimentação. Homem rural jardineiro do mundo. Necessidade de melhorar o potencial biológico e valorizar o património cultural e genético. Defesa do "contínuo natural". Economia da energia exterior usando a energia da exploração agrícola e utilização máxima das potencialidades biológicas. Melhorar a economia da mão-de-obra na lavoura. Aposta na educação. Estreito contacto cidade campo.	113,143
142	Valores culturais do Património da Paisagem - As uveiras minhotas	sd	A Europa Nostra é um movimento de promoção dos valores de cultura (arquitetura e paisagens). A paisagem parece de tal maneira natural e quotidiana que temos a sensação de que as coisas que nos cercam foram sempre assim - não nos apercebemos, na maior parte dos casos, do seu valor e, às vezes, nem mesmo da sua beleza. Uveiras minhotas ameaçadas e a antiguidade desta forma de cultura da vinha, cuja beleza foi descrita por poetas (Virgílio e Camões).	104,144,146
143	Considerações sobre a evolução do Agro Nacional	1989	Ecologia: princípios e corolários em relação. Sistemas de agricultura: de subsistência e de mercado. Descrição das alterações gerais na agricultura e na organização social: emigração, fogos, eucalipto, campanha de trigo no Alentejo, destruição dos sobreiros.	133
146	O turismo e a paisagem	1990	Razões do aumento do turismo de massas e consequente destruição da paisagem- "estão a matar a galinha dos ovos de ouro", julgando estar a desenvolver o "Turismo". Exemplo do Algarve - destruição do património natural e construído. Problema do eucalipto no sul e do emparcelamento no norte. Definições de paisagem natural e humanizada. Desaparecimento do património construído e vegetal. Emparcelamento no Norte: uveiras de Braga, ramadas da Serra da Estrela. As uveiras de Braga (a árvore e a videira protegiam-se mutuamente e, ainda por cima, compartimentavam o campo, dando-lhe proteção do vento e aumentando em todos os sentidos os gradientes físicos. Serra da Estrela e Madeira. Diferença de resistência da paisagem urbana e rural. A interpretação do homem urbano e relações com o rural. Diferença entre a ruralidade e vida moderna.	135, 142

Legenda das cores

 Textos selecionados como mais significativos e representativos das ideias mestras do Tema 3 - A conservação da natureza e a defesa da paisagem

Anexo III D - Tema 4 - A arte dos jardins

Anexo III D - Tema 4 - A arte dos jardins

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
1	Parque Nacional da Ajuda		Faz uma proposta para a Ajuda. Avalia o parque como transição entre a mata de Monsanto e o Parque Eduardo VII. Fala da falta de sombra em Lisboa, refere os ventos, a exposição, a modelação e faz o estudo dos solos e do clima. Apresenta as espécies e forma de plantação a empregar.	Não
2	As coníferas - Breve estudo dos seus géneros de maior interesse silvícola e ornamental		Este artigo surgiu para servir de guia a excursões ao Parque da Pena. Trata-se de um estudo botânico e dá também indicações sobre a cultura, adaptação e utilização das várias espécies.	Não
3	Sobre o Jardim Botânico da Ajuda. Construção do jardim do plano superior		Trata-se do tirocinio, em que o tema foi a manutenção do Jardim Botânico da Ajuda. Está dividido em: esquemas de plantação; construção do jardim superior; sementeiras; tratamentos culturais; estrumagens e adubos; regas; podas; estacarias; terras de vaso para estufas e cuidados necessários no envasamento; doenças e tratamentos fitopatológicos.	Não
5	Jardins	1940	Explica a evolução histórica do jardim: a antiguidade, a idade média, o renascimento e o classicismo, o paisagismo, a entrada no século XX, o jardim burguês. Apresenta o seu entendimento do jardim moderno nos seguintes pontos: estrutura formal, espécies e plantações. Defende a renovação do jardim português com base nos elementos tradicionais (latadas, tanque, os muros, a plantação).	15, 17
8	As flores e o Jardim	1941	FCC afirma que "o jardim não é apenas o prolongamento da casa, é ainda mais o elemento de ligação entre esta e a paisagem". Descreve os princípios do jardim paisagista. De seguida, fala dos vários exemplos de flores fora do jardim e que não são jardim. E depois dá exemplos de jardins mesmo sem flores. Explica as funções das flores ao longo da história dos jardins e as funções das flores no jardim moderno. Como conclusão: o desafio de procurar um estilo para o nosso tempo.	Não
12	A flora espontânea e a jardinagem		Distinção entre flora espontânea e cultivada como questão da distribuição espacial. Melhoramento das plantas cultivadas. Necessidade de proteção da flora espontânea, o perigo da introdução de espécies novas. Adaptação de espécies espontâneas aos jardins.	Não
15	Jardins de Portugal		Questiona-se: "onde estão os nossos jardins?". Refere a atual destruição dos jardins pela construção urbana e a urgência de iniciar o estudo dos jardins portugueses. Descreve as condições sociais e culturais que influenciaram os nossos jardins e as suas características tradicionais. As quintas e as cercas. As plantas características dos nossos jardins. Aplicação das características tradicionais ao jardim português atual.	5, 17
17	Em defesa da paisagem continental - Jardins de Portugal/ Jardins Portugueses		Apresenta as condições para se poder elaborar um estudo dos jardins portugueses. Faz uma pequena resenha histórica sobre os jardins antigos portugueses e o que se deve aprender com eles. Apresenta algumas considerações gerais e aponta aspetos essenciais do projeto de um jardim atual.	5, 15

n.º	Título	Data	Resumo	Sobreposição de conteúdos
23	Sem título	sd	Compara e apresenta valores das áreas ajardinadas em cidades da Europa e expõe a nossa inferioridade. Propõe a Tapada da Ajuda e das Necessidades para parques, a exemplo do Jardim Botânico da Ajuda. Aponta a necessidade de reavivar a tradição de parques e jardins. " <i>A nossa tradição de parques e jardins, extinta uma, com os últimos conventos, e a outra no alvorecer do actual século, a arte da jardinagem entrou em rápida decadência e há falta de pessoal com preparação científica, técnica e artística</i> ".	Não
63	Enxugo das terras	sd	Técnica para retirar a água em excesso do solo. Proveniência da água. Métodos de enxugo: valas abertas, valas cegas e drenagem de tubos. Mais adequado - Drenos: sistemas transversais e longitudinais. Profundidade, declive, afastamento, comprimento e diâmetro dos drenos. Coletores (ligação aos drenos). Exemplo do cálculo de um sistema de drenagem.	87 (é praticamente igual a parte do enxugo das terras)
84	História de arte dos jardins. O Egito	1962	Nas origens da cultura humana aparece o Egito com uma horticultura e agricultura altamente evoluídas com base nas condições ecológicas extraordinárias. Vários tipos de culturas, um sistema de rega e de drenagem, muros altos e sebes de arvoredo. Cultura da vinha, árvores e palmeiras, o sicómoro. Organização do jardim das casas nobres. Função religiosa fúnebre.	Não
88	Construção de jardins	1963	Como se elabora um projeto de um jardim, quais as peças escritas, desenhadas e modeladas a fazer e como se executa. Os elementos necessários à elaboração de um projeto. Movimento de terras e o enxugo das terras.	63 (a parte do enxugo das terras é praticamente igual)
137	Os jardins históricos e a importância da sua conservação	1988	O jardim lembra o paraíso, um espaço de proteção e é todo marcado por elementos vivos. FCC refere que a " <i>conservação dos jardins difere da conservação das outras artes, pois é continuar uma obra sem fim</i> ". Acrescenta que conservação é " <i>receber uma mensagem, entendê-la e adaptá-la à vida</i> ". Os jardins históricos desafiam a competência e a imaginação do arquiteto paisagista.	138
138	O significado da recuperação de sítios e jardins históricos	1988	Descreve o programa de recuperação de jardins históricos do Instituto Português do Património Cultural com a APAP. Explica como surgiram os jardins históricos. E aponta as várias fases de um jardim: conceção, gestão, manutenção e uso. Diz quais as razões para os jardins adquirirem valor histórico e o significado da sua recuperação.	137
145	Artigos sobre a influência da política no estilo - actualidade do problema	sd	Procura explicar como surgiram os estilos, mostrar a sua íntima ligação com todos os grandes movimentos ideológicos, sociais e económicos. Fala da diferença entre estilo e estilos.	Não

Legenda das cores

 Textos selecionados como mais significativos e representativos das ideias mestras do Tema 4 - A arte dos jardins